

C.W. LEADBEATER

AS VIDAS DE ÓRION

VIAGEM DE UMA ALMA
ATRAVÉS DA REENCARNAÇÃO



SUMÁRIO

As vidas de Órion

HAVAÍ – 23 875

CAPÍTULO 1 15

MADAGASCAR – 22 978 A.C.

CAPÍTULO 2 19

MALÁSIA – 22 208 A.C.

CAPÍTULO 3 22

SUL DA ÍNDIA – 21 540 A.C.

CAPÍTULO 4 24

SUL DA ÍNDIA – 21 504 A.C.

CAPÍTULO 5 27

SUL DA ÍNDIA – 21 456 A.C.

CAPÍTULO 6 29

BACTRIA – 19 617 A.C.

CAPÍTULO 7 35

MARROCOS – 18 301 A.C.

CAPÍTULO 8 38

POSEIDONIS – 17 228 A.C.

CAPÍTULO 9 41

TARTÁRIA – 15 690 A.C.

CAPÍTULO 10 44

CANADÁ – 14 507 A.C.

CAPÍTULO 11 50

POSEIDONIS 13 671 A.C.

CAPÍTULO 12 52

PERU – 12 090 A.C.	
CAPÍTULO 13	55
CHINA – 9 686 A.C.	
CAPÍTULO 14	59
POSEIDONIS – 9 603 A.C.	
CAPÍTULO 15	60
ETRÚRIA – 8 325 A.C.	
CAPÍTULO 16	68
TARTÁRIA – 6 758 A.C.	
CAPÍTULO 17	72
ÍNDIA – 5 629 A.C.	
CAPÍTULO 18	75
EGITO – 4 015 A.C.	
CAPÍTULO 19	79
ÁFRICA DO SUL – 2 735 A.C.	
CAPÍTULO 20	83
PÉRSIA – 1 879 A.C.	
CAPÍTULO 21	87
ÁSIA MENOR – 1 521 A.C.	
CAPÍTULO 22	91
GRÉCIA – 499 A.C.	
CAPÍTULO 23	95
VENEZA – 1 597 D.C.	
CAPÍTULO 24	100

APRESENTAÇÃO

Ricardo Lindemann

A Parapsicologia, enquanto ramo da Psicologia, nascida no final do século XIX, tem suas raízes no terceiro objetivo da Sociedade Teosófica, a saber: “Investigar as leis não explicadas da Natureza e os poderes latentes no homem”. A Sociedade Teosófica, fundada em Nova Iorque (EUA) em 17 de novembro de 1875, pelo Cel Henry S. Olcott (chamado nesta obra de Ulisses), e pela Sra. Helena P. Blavatsky, (aqui chamada de Vajra) foi assim pioneira em seu estímulo de pesquisa na área da Parapsicologia.

A teoria da reencarnação e seu estudo pela Parapsicologia moderna recebeu um enorme impulso pelo pesquisador Dr. Ian Stevenson, particularmente após a publicação de seu livro, “20 Casos Sugestivos de Reencarnação”, (São Paulo, Ed. Difusora Cultural, 1970). Tal teoria não encontrava dificuldades na história ocidental até o século VI D.C., nem no Oriente Médio no Judaísmo, (vide, por exemplo, Sabedoria 8:19-20), nem mesmo entre os discípulos de Jesus, (vide Mateus 16: 13-14). Entretanto, a situação mudou quando a doutrina da preexistência da alma do Padre Orígenes foi considerada herética, por alguns bispos convocados para o Concílio da Constantinopla II, em 05 de maio de 553 D.C (conforme DAVIS, Leo Donald, *The first Seven Ecumenical Councils, 325-787, Their History and Theology*, Collegeville, USA, The Liturgical Press, 1990). Tal decisão não parece ter sido inspirada, particularmente considerando-se a obstinada interferência do Imperador Justiniano, que naqueles tempos de cesaropapismo foi quem convocou o Concílio, e também lembrando do triste fim do seu antecessor, o Papa Silvério, que morreu de “inanição” em seu exílio, um mês depois de ter sido deposto, porquê não concordava com as teorias monofisistas do Imperador...

Dessa forma, por interferência humana, foi gradualmente introduzida, a partir do século VI D.C., uma doutrina estranha aos ensinamentos originais do Mestre Jesus no próprio Cristianismo. Tal doutrina pretenderia que a Divindade se veria obrigada a criar uma nova alma humana, a cada momento que os homens e mulheres procriassem a um corpo novo. Isso, pelo contrário, estaria em plena conformidade com a afirmativa atribuída a Salomão: “Eu era um menino bom, dotado de uma boa alma, ou antes, como era bom, vim para um corpo sem mácula” (Sabedoria 8:19-20), estabelecendo uma clara conexão de causa e efeito entre a alma preexistente e o corpo que fizera por merecer, como também afirmava São Paulo > “Tudo o que o homem semear; isso também ele colherá” (Gálatas 6:7). Para os que gostam de evidências bíblicas sobre a reencarnação, pode-se citar o caso do profeta Elias, do Velho Testamento que, segundo a profecia (Isaías 40:3, Malaquias 4:5), teria se reencarnado como João Batista para preparar o advento do Messias (Mateus 11:13-15, Mateus 17:10-13, Lucas 1:13-17).

A questão da recordação das vidas anteriores que está relacionada ao conteúdo desta obra, também apresenta dificuldades históricas. João Batista, por exemplo, não se lembrava de sua encarnação anterior, como sendo o profeta Elias no passado (vide João 1:21), apesar da afirmação textual de Jesus: “Porquê todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos para ouvir ouça” (Mateus 11:13-15). Tal fato também é explicado por Jesus, que afirma que João ainda não era nascido nos céus, ou nascido do espírito (vide João 3:3-11), pois “Aquele que é o menor do reino dos céus é maior do que ele” (Mateus 11:11). Portanto, João ainda não tinha acesso à memória extra cerebral de sua alma celestial, necessária à recordação de uma vida anterior que o cérebro do corpo atual evidentemente não viveu.

Platão (427-347 A.C.) afirmava, metaforicamente, que a alma bebia das águas do rio Lethes – o rio do esquecimento – antes de nascer, esquecendo assim a escolha da vida atual que fizera antes de

nascer, a partir de sua conduta no passado, cuja Parca, a virgem Láquesis, declarava “Almas efêmeras, eis que começa para vós que escolheis o vosso fado. Que o primeiro indicado pelo sorteio, seja o primeiro a eleger o seu gênero de vida, ao qual ficará inexoravelmente unido. A virtude é livre; cada um participará mais ou menos dela, conforme a estima ou menosprezo em que a tiver. A responsabilidade é de quem escolhe: Deus está inocente nisso”. (A República. Rio de Janeiro, Ed. De Ouro, pag. 388). Tais doutrinas estavam em harmonia com as do Padre Orígenes e de outros Gnósticos e Neoplatônicos do Cristianismo primitivo de Alexandria por, pelo menos, cinco séculos, até a triste decisão do Concílio já mencionado, e o leitor poderá aprofundar estes temas na obra “A Gnose Cristã”, de C.W. Leadbeater (Brasília, Ed. Teosófica, 1994), bem como em “A Tradição – Sabedoria” (Brasília, Ed. Teosófica, 1993), de nossa autoria.

Tais são algumas das contradições ou, por assim dizer, dos traumas de infância de nossa civilização ocidental, que dificultam nosso raciocínio para compreender a necessária sensibilidade psíquica e cerebral para acessar a memória extra cerebral, onde se acumula, na alma, as lembranças de suas encarnações anteriores. Tal processo evolutivo, de experiências cumulativas, deve levar o ser humano, perante a eternidade, “ao estado de homem perfeito”, chamado de Mestre de Sabedoria, Adepto ou Jivanmukta, pois não tem mais karmas a resgatar. Sobre esta promessa de perfectibilidade humana, afirma São Paulo: “Até que todos nós chegemos à unidade da fé, ao conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem perfeito, à plena medida da estatura do Cristo” (Efésios 4:13), bem como encontra-se no Apocalipse: “Para aquele que vencer, farei dele uma coluna no templo do meu Deus, e daí nunca mais sairá” (Apocalipse 3:12).

O homem perfeito, ou Mestre da Sabedoria, desta forma, não sendo mais compelido a reencarnar-se, pode fazê-lo voluntariamente por compaixão pelo sofrimento da humanidade e somente com a intenção de instruí-la, renunciando temporariamente à sua merecida bem-aventurança espiritual. Maiores informações sobre este assunto podem ser obtidas na obra, “Os Mestres e a Senda” (São Paulo, Ed. Pensamento, 1977), de C.W. Leadbeater. Além disso, sobre o método de pesquisar as vidas anteriores, recomendam-se as obras “A Clarividência” (São Paulo, Ed. Pensamento, 1999) e “Os Chakras” (São Paulo, Ed. Pensamento, 1981), do mesmo autor.

O Sr. Charles Webster Leadbeater (1847-1934), autor desta obra, era membro da Sociedade Teosófica e foi provavelmente o maior clarividente ocidental do século XX, tendo recebido instruções da própria Blavastky. Foi, porém, o Mestre K.H (chamado de Mercúrio nesta obra) que o aceitou como discípulo e o instruiu a despertar com segurança o fogo serpentino ou kundalini e, por consequência, a clarividência. Além disso, passou dois anos de intenso treinamento da clarividência na Índia, acompanhado pelo Sr. T.Subba Row, (aqui chamado de Siva) no plano físico e o Mestre K.H. e o então discípulo avançado D.K., (aqui chamado de Urano) no plano astral. Maiores informações biográficas sobre o autor e seu treinamento também se encontram em “A Gnose Cristã”, já mencionada.

A respeito dos poderes psíquicos, o Sr. Leadbeater frequentemente citava uma passagem de alerta em “Aos Pés do Mestre”, de J. Krishnamurti (Brasília, Ed. Teosófica, 1999. Pág. 46-47): “Não desejes os poderes psíquicos; eles virão quando o Mestre entender ser melhor para ti possuí-los. Forçá-los muito cedo traz em seu treinamento, frequentemente, muitas perturbações; e seu possuidor, muitas vezes, é desorientado por enganosos espíritos da Natureza, ou torna-se vaidoso e julga-se isento de cometer erros; em qualquer caso, o tempo e a energia despendidos em adquiri-los, poderiam ser utilizados em trabalho para os outros. Eles virão no decurso do teu desenvolvimento – eles têm de vir; e se o Mestre entender que seria útil para ti possuí-los mais cedo, Ele te ensinará como desenvolvê-los com segurança. Até então, estarás melhor sem eles”.

Os personagens dramáticos desta obra, pioneira em seu gênero, receberam codinomes, porque a alma imortal, ou Ego Superior das pessoas, é o verdadeiro ator que se encarna em cada nova

personalidade como se fosse um novo papel, costumando inclusive trocar de sexo ao longo de suas reencarnações. Além disso, há razões éticas que poderiam trazer óbvias complicações se os nomes de suas personalidade atuais fossem utilizados sem suas respectivas autorizações. É portanto oportuno citar a listagem do Sr. Leadbeater em sua obra, “O Homem: Donde e Como Veio, e Para Onde Vai?” (São Paulo, Ed. Pensamento, 1993):

Os nomes d’Aqueles que constantemente aparecem neste relato como homens e mulheres, porém que já são Mestres, darão maior realidade a estes grandes Seres aos olhos dalguns leitores. Subiram aos cumes em que se erguem, pela mesma escada de vidas por onde estamos subindo agora. Passaram pelas vicissitudes da ordinária vida doméstica, com as penas e alegrias, êxitos e fracassos de que se nutre a experiência humana. Não tem sido deuses perfeitos desde ilimitadas épocas, senão homens e mulheres que puseram de manifesto seu Deus interno e após longo e penoso caminho, galgaram a etapa super humana. São promessa plena do que seremos no futuro. São as gloriosas flores da planta cujos botões somos.

E assim lançamos nosso batel no tormentoso oceano da publicidade, para que arrote seu fardo e encontre seu destino.

ALGUNS PERSONAGENS DO RELATO

OS QUATRO KAMARAS	Quatro Senhores da Chama, ainda viventes em Shamballa.
MAHAGURU	O Bodhisattva da época, que aparece nas personalidades de Vyása, Thoth (Hermes), Zarathustra, Orfeu, e finalmente, Gautama, que chegou a ser o Senhor Buda.
SURYA	O Senhor Maitreya, atual Bodhisattva, o Supremo Instrutor do mundo.
MANU	Chefe duma Raça Raiz. Com os nomes de Manu-Raiz ou Manu-Semente, designa-se um ministro de categoria ainda mais elevada, que preside um ciclo maior de evolução, como uma Ronda ou uma Cadeia. Os livros hindus chamam Vaivasvata indistintamente ao Manu-Raiz de nossa Cadeia e ao Manu da Quinta Raça Raiz, ou seja, Raça Ária.
VIRAJ	O Maha-Chohan, Hierarca de categoria igual à de Manu e Bodisattva.
SATURNO	É atualmente um Mestre, ao qual se dá em alguns livros teosóficos Sobrenome de “O Veneziano”.
JUPÍTER	O Mestre residente nas montanhas de Nilgiri.
DHRUVA	O Mestre do Mestre K.H.
MARTE	O Mestre M. Do livro “O Mundo Oculto”, de A.P Sinnet.
MERCÚRIO	O Mestre K.H. do mesmo livro acima, mais conhecido como Pitágoras.
NETUNO	O Mestre Hilarião
OSÍRIS	O Mestre Serápis
BRHAVASPATI	O Mestre Jesus
VÊNUS	O Mestre Râgozci (ou Rakovzky; o “Adepto húngaro”; o Conde de St. Germain do século XVIII
URANO	O Mestre D.K.
VULCANO	Um Mestre que em sua última vida terrena foi Sir Thomas More.
ATHENA	Um Mestre que na Terra teve o nome de Thomas Vaughan, com o Codinome de “Eugênio Filaletes”
ALBA	Ethel White
ALBIREU	Maria Luísa Kirby
ALCIONE	J. Krishnamurti
ALETEIA	João de Manen
ALTAIR	Herbert White
ARCOR	A.J. Wilson
ATLAS	Filha de Charles Blech
AURORA	Conde Bubna-Licics
CANELA	S. Maud Sharpe
CORONA	Júlio César
CRUZ	O Hon. Otway Cuffe
DENER	Lorde Cócrane (X Conde de Dundonal)
ESPIGA	Francisca Arundale
EUDOXIA	Luísa Shaw
FÊNIX	Tomas Pascal
FIDES	G.S Arundale
FOCEA	W. Q. Judge

GÊMINI	E. Maud Green
HEITOR	W.H. Kirby
HERACLES	Annie Besant
LEO	Fabrcio Ruspoli
LILI	Filha de Charles Blech
LIRA	Lao Tsé
LOMIA	J.I Wedgwood
LUTÉCIA	Charles Bradlaugh
MIRA	Charles Hilbrook
MIZAR	J. Nithyananda
MONA	Piet Meuleman
NORMA	Margarida Ruspoli
OLÍMPIA	Damodar K. Mavalankar
ÓRION	Hubert Van Hook
PALAS	Platão
POLARIS	B.P. Wadia
PROTEU	O Lama Teshu
SELENE	C. Jinarjadāsa
SIRIUS	C.W. Leadbeater
SIVA	T. Subba Rao
TAURO	Jerônimo Anderson
ULISSES	H.S Olcott
VAJRA	H.P Blavatsky
VESTA	Minnie C. Holdbrook

Alguns membros da Sociedade Teosófica permitiram, valorosamente, o aparecimento de seus nomes na lista acima, a despeito do ridículo que pudesse cair sobre eles. Numerosos de nossos amigos estão, atualmente, encarnados em corpos hindus; mas não podemos expô-los ao escárnio e à perseguição que teriam de sofrer se os indicássemos, e por isso não lhes solicitamos sua permissão". (Op. Cit. P. 12-14)

O leitor fica assim convidado a investigar, em um espírito de Liberdade de Pensamento, este relato de precisão histórica incomum, que, na verdade, é parte de uma coleção maior ainda inédita em nossa língua. Possa tal investigação auxiliá-lo a melhor compreender o significado de sua vida e a cooperar conscientemente dentro do magnífico Plano de Evolução do Universo.

Brasília-DF., 28 de março de 2002

Ricardo Lindemann

Presidente Nacional da Sociedade Teosófica no Brasil

PREFÁCIO

C. Jinarājadāsā

Entre os Egos cujas vidas anteriores foram examinadas, Órion se destaca, em minha mente, por uma característica especial: ele é um Ego forte, com muito poder de vontade e determinação, mas não parece aprender prontamente com seus enganos; parece incapaz de perceber intuitivamente, como um Ego, que há uma Grande Vontade cujo propósito não será contrariado; ele se lança, repetidas vezes, contra aquela Vontade, entretanto cada vez traz mais sofrimento a si próprio; ele é igual a um buldogue que, quando aplica um aperto firme sobre a garganta de outro cão, não se pode soltá-lo, ainda que golpeado repetidamente em razão, dizem, da conformação particular de suas mandíbulas. Igualmente, quando uma vez uma personalidade aqui abaixo do Ego Órion tem a intenção de alcançar seus planos, ele não deixará nada se colocar em seu caminho, nem mesmo a justiça e o dever, provocando assim imenso dano a outros, com um rebote kármico de maior dano para ele mesmo; esse foi o resultado em três ocasiões, quando ele cometeu a mesma asneira, cada vez por um motivo ligeiramente diferente; é a asneira de rejeitar a oportunidade, inestimável, que lhe foi dada de entrar no Círculo Interno do Grande Trabalho e se tornar um “pilar” daquele Templo de onde ele não deverá mais sair.

As vidas de Órion foram examinadas em 1907 e publicadas em *O Teósofo*, de abril de 1911. Mas depois que estas vidas foram transcritas e editadas, e “*As vidas de Alcyone*” foram acabadas em *O Teósofo*, de fevereiro de 1911, algumas das primeiras vidas de Alcyone foram examinadas, indo até 70 000 A.C.: a vida número 10 no livro “*As Vidas de Alcyone*”. Tomei essa vida e a coloquei como um “Prólogo” para a série de Órion, porque as consequências kármicas de um disparate supremo nessa vida, há muito tempo, são vistas em algumas das narrativas agora publicadas.

Órion é um Ego avançado e aparece, frequentemente, em várias relações com alguns que são agora os Mestres. Durante um tempo, como revelou nestas “Vidas”, ele dá um passo para trás em evolução e reencarna entre Egos que são primitivos e atrasados tendo pouca afinidade, em sua natureza mais elevada, com eles. É como se, já que ele não aprenderá certas lições sobre o que a Grande Vontade entre esses de sua própria condição, deverá ser levado a uma etapa inferior em evolução, na esperança de que, lá, entre as vibrações mais violentas de dor e sofrimento, algo penetre em sua natureza sobre o certo e o errado.

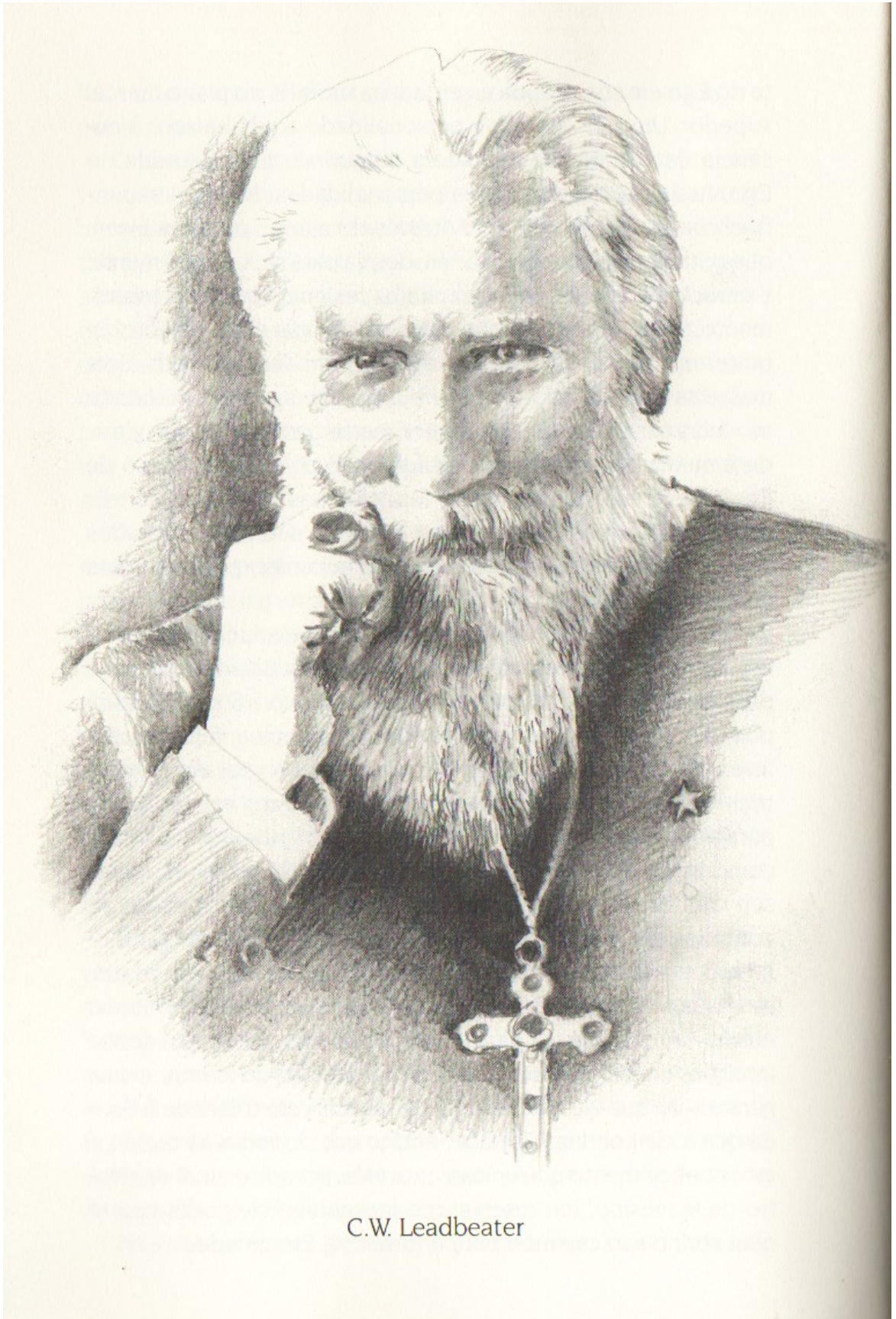
Todos nós nos movemos entre dos grupos de Egos: primeiro, aqueles de nossa própria condição a quem estamos ligados por afeto e uma aspiração comum de serviço e também, as vezes, infelizmente, por danos cometidos contra eles. Nossas vidas diárias também são lançadas entre alguns de um grupo inferior, composto de Egos mais jovens que nos servem em várias relações como criados, empregados, etc.. Pensamos que porque nós lhe pagamos um salário, nossa ligação kármica com eles está terminada. Esse não é o caso. Como lidamos com eles, nossa ação certa ou errada para com eles, liga-os a nós e nós a eles. Nós e eles temos que nos encontrar em vidas futuras para ajuda mútua ou para dano mútuo.

Um elemento estranho em nossas relações humanas é revelado no laço entre Órion e Gamma, este definitivamente menos evoluído, como Ego, que Órion. O laço entre eles, no Prólogo, sugestionaria uma amizade forte, permanente e leal, mas como será visto nas “Vidas”, às vezes, a amizade se torna insensível e até mesmo em horrível crueldade. Na vida presente, Órion e Gamma se encontraram, Órion como uma criança e Gamma mais velho trinta anos. Nela nenhum laço especial se desenvolveu entre eles.

Nós não podemos pensar em qualquer vício como uma parte do Ego em sua própria e verdadeira morada no plano mental superior. Um vício em uma personalidade aqui abaixo é a ausência da virtude, que não tem contudo sido construída no Ego. Assim, achamos que as personalidades de

Órion são influenciadas frequentemente através do ciúme, por uma inveja que o outro está obtendo o que ele deseja para si. A reação mental e emocional não é, então, nenhuma resignação, mas ressentimento indo para a duração extrema de más ações. Não obstante, em princípio, todas as virtudes existem em cada Ego, mas elas existem adormecidas e não como realidades. Lendo as várias séries de “vidas”, parece, certamente, que uma virtude é muito lentamente construída no Ego. Talvez no caso de Egos que cresceram muito em intuição, bastarão duas ou três experiências, mas com aqueles que não são assim dotados parece que são necessárias dúzias da mesma experiência para ensinar uma lição.

Um Mestre Adepto disse uma vez que a evolução é um processo lento, cuja velocidade pode ser comparada com uma progressão aritmética, por exemplo > 2 – 4 – 6 – 8 – 10 e assim por diante. Mas quando um homem conhece a verdade e a vive, então, o seu progresso é como uma progressão geométrica: 2 – 4 – 8 – 16 – 32 e assim por diante. Aqui existe o valor para aquele que conhece o “Plano de Deus, que é a Evolução” como se revela em Teosofia. Embora ele não possa mudar o seu caráter em perfeição por um milagre, tem mais poder de vontade para fazê-lo somente porque ele compreende. No momento em que alcança a compreensão, pode saber, se tentar, se a sua vontade é paralela ou não com a Grande Vontade. Assim vem a confiança para seguir “o relâmpago interno” de sua intuição, uma força para resistir aos impactos do karma, e uma garantia de que ele não só viu a Meta, mas está trilhando a Senda que a ela conduz. Ele sabe, então, que de todas as coisas, é este conhecimento que unicamente vale, porque descobre, dentro de si mesmo, um reservatório inesgotável de poder com o qual abrir o seu caminho para o futuro na Eternidade.



C.W. Leadbeater

PRÓLOGO

C.W. Leadbeater

As vidas de Alcyone, nº 10 – 29 700 A.C.

Um intervalo relativamente pequeno separa esta próxima vida de nosso herói da última. A Faixa de Servidores estava comprometida, desta vez, em ajudar na fundação não de uma raça, mas de uma religião, porque o grande Mahaguru apareceu, mais uma vez, para colocar a verdade eterna diante de seu povo, sob um símbolo novo. Devemos presumir que Ele considerou ser um tempo satisfatório para a promulgação do seu ensinamento no recém-formado império Persa e encurtou a vida celestial dos seus trabalhadores, adequadamente. Assim encontramos o mesmo corpo de ajudantes esperando por Ele. Na Arábia, dez mil anos antes, Ele havia organizado a nomeação de Surya como Sacerdote Principal, aqui Surya já estava ocupando aquela posição exaltada até mesmo antes de Sua chegada. O Mahaguru não nasceu na raça do modo ordinário, mas pegou um corpo que tinha sido cuidadosamente preparado para Ele, o corpo de Mercúrio, o segundo filho do Rei Marte, que era na ocasião o monarca da Pérsia, enquanto seu irmão Corona governava a Mesopotâmia abaixo dele (em seu nome).

Marte teve uma família de sete crianças, quatro filhos e três filhas, todos eles personagens com os quais já estamos familiarizados. Seu primogênito e herdeiro era Júpiter. Mercúrio veio em seguida e depois nosso herói Alcyone, enquanto Órion era o mais jovem dos irmãos. As irmãs eram Elektra, Rama e Fides, enquanto outros velhos amigos foram encontrados perto da família do Sacerdote Principal Surya que teve Mizar, Yajna e Selene entre os seus filhos e Sirius entre as suas filhas. Todos estes jovens jogavam, aprendiam e cresciam juntos e eram, para todos os intentos e propósitos, membros de um lar, assim o afeto que já existia entre eles, como o resultado de associação em idades prévias, teve toda oportunidade para se manifestar e se desenvolver.

À medida que nossos jovens se aproximaram da adolescência, o afeto deles assumiu uma nova forma, e, presentemente, Júpiter casou-se com Leo. Mizar tomou por esposa Elektra, sua companheira da mesma categoria naquela “trindade” antiga. Mercúrio não se casou, porque todos seus pensamentos estavam voltados na direção da preparação para a vida do Mahaguru. Infelizmente Alcyone e Órion se apaixonaram pela mesma jovem, Sirius, o que os conduziu a tristes complicações, como explicaremos depois.

Nos quinhentos anos decorridos desde a conquista da Pérsia, tinha havido grande progresso; a capital crescido e se tornado uma cidade boa, espaçosa, bem organizada, contendo alguns exemplares magníficos de arquitetura. Muitas outras cidades e vilas tinham saltado para a existência; a população tinha aumentado rapidamente, e pouca terra desperdiçada permaneceu agora pelas províncias centrais, porque o esquema de irrigação ordenado pela Manu tinha sido levado a cabo completamente, de forma que o país, uma vez tão estéril, tornara-se um dos mais férteis no mundo; prosperidade e satisfação reinaram nele.

A cerimônia esplêndida que celebrou a ocupação pelo Mahaguru do corpo de Mercúrio foi descrita formosamente pela Sra. Besant, em, “O Homem: donde e como veio e para onde vai?” (Ed. Pensamento), e àquela crônica eu me refiro a todos que desejam ler uma narrativa poética de um fenômeno oculto verdadeiramente maravilhoso; da procissão magnífica entre milhares de seguidores; do sermão do Mahaguru; do Cetro do Poder; do Fogo que caiu do céu e da Estrela Ardente que traz a bênção do Governante do Mundo.

O Ministério do Mahaguru é, acima de qualquer comparação, a parte mais importante dessa décima vida de Alcyone, assim, esta descrição que omite o que já foi escrito em “O Homem:

donde...”, infelizmente é incompleta e deveria ser complementada pelas leituras das páginas 228/231 daquela obra.

Foi, imediatamente após a vinda do Mahaguru, que Órion cometeu um engano e teve consequências de longo alcance. Desde muito cedo, na infância, ele e seu irmão mais velho Alcyone, tinham amado sua prima Sirius. A jovem era muito apaixonada por ambos e, sendo seu coração terno, não gostaria de anunciar uma decisão que poderia causar uma profunda decepção para um deles. O assunto foi resolvido por seus pais, pois Marte e Surya discutiram e chamaram Alcyone para perguntar se seria agradável para ele tomar sua prima Sirius por esposa. Alcyone respondeu que isto era exatamente o que desejava, o pai dela chamou Sirius e lhe disse: “Nosso Senhor, o Rei, nos faz a honra de propor uma segunda aliança entre nossas famílias, sugerindo que você, minha filha, se torne esposa de seu filho Alcyone. Sua mãe e eu não poderíamos desejar nada melhor para você, contudo, como casar aqueles que são inadequados é um pecado odioso, nós lhe chamamos para perguntar se você está completamente disposta a aceitar o Príncipe, e amá-lo de coração como um marido deve ser amado”. Sirius respondeu, modestamente, que ela podia e iria; assim os jovens estavam noivos, e uma data próxima foi fixada para a cerimônia de matrimônio. Surya lhes deu uma benção solene; eles estavam cheios de alegria, mas, à medida que ficaram longe dos presentes, Sirius sussurrou ao seu noivo: “Este é o dia mais feliz de nossas vidas, mas será uma triste notícia para Órion”.

Alcyone conduziu-a de volta ao longo corredor e, quando o seu pai se virou a ele com surpresa, disse: “Eu devo lhe falar, Majestade, que meu irmão Órion também ama esta jovem, e que este noivado será um grande gole para ele”.

“Oh!” – Exclamou o Rei. “Qual deles você prefere, jovem? Você parece bastante feliz com as coisas como elas estão!”.

Sirius, enrubescendo, notificou que ela estava mais que satisfeita, e que não podia pensar em atrapalhar os arranjos do Rei. Assim, Marte disse: “Deixe estar, a dama não pode se casar com ambos e é próprio que o irmão mais velho deva se casar primeiro. Eu verei Órion e lhe direi que ele deve procurar uma esposa em outro lugar; ele é jovem e há bastante tempo diante dele”.

Mas quando as notícias do noivado chegaram a Órion, ele ficou furiosamente bravo, e jurou que o matrimônio nunca deveria acontecer, que antes ele mesmo mataria ambos, Sirius e o seu irmão. Ele chamou Gamma, que era um jovem de condição social inferior que tinha se prendido a Órion como um tipo de criado confidencial e lisonjeiro. Gamma tocou no orgulho dele e aumentou sua raiva, pensando que ele viu o caminho para fazer algo para ele mesmo, através da disputa séria entre os Príncipes. Estava para entardecer, assim ele se fixou a espiar a casa de noivos e quando viu Alcyone sair sozinho, apressadamente chamou Órion para vir encontrá-lo. Quando Órion avistou Alcyone vindo, evidentemente cheio de alegria e cantando uma canção famosa de vitória, que era usada pelos exércitos Persas, sua raiva contra o irmão se elevou em fúria maníaca, e ele pulou em Alcyone apunhalando-o.

“Isso é bem feito!” – gritou Gamma, “agora vamos depressa achar a menina e levá-la daqui antes de um alarme ser soado”.

Assim, sob a cobertura da noite, eles acessaram a parte do grande edifício onde Surya vivia, e os apartamentos especiais de Sirius que eram bem conhecidos por eles. Eles se acharam afortunados ao encontrá-la com somente uma criada, a quem Gamma golpeou imediatamente. Sirius pediu ajuda, mas foi rapidamente dominada, amarrada e levada pelos dois homens que planejaram sair com ela pelos jardins sem serem vistos, e então para dentro de um grande parque que naquele momento da noite estava quase vazio. Mas neste momento, a criada tinha recuperado os sentidos e dado o alarme, um guarda foi chamado rapidamente e partiu em perseguição a eles. Um criado tinha visto dois homens correndo na direção do parque e levando algum objeto grande, e estava

descrevendo, há pouco, esse evento extraordinário aos companheiros dele e desejando saber se eles não eram ladrões que deviam ser seguidos, quando surgiu o clamor; assim os guardas souberam qual caminho seguir e a quem procurar, porque a criada tinha reconhecido ambos os homens.

Nessa hora tinha surgido a lua, mostrando um regimento inteiro de homens que se esparramavam velozmente pelo parque, e logo encontraram a trilha dos fugitivos. Órion estava muito obcecado pela raiva para planejar algo cuidadosamente, mas Gamma tivera a ideia de tomar o rumo do campo e esconder-se. Porém, a perseguição começou tão depressa que não lhe permitiu levar a cabo o seu plano; ele não podia tomar a direção pretendida; a busca expandiu-se tão efetivamente que em pouco tempo só um caminho estava aberto para escapar. Isto conduziu os raptos para cima de uma leve inclinação e logo foram vistos pelos perseguidores que começaram a convergir sobre eles. Abruptamente, eles saíram na beira de um precipício que pene sobre um lago e perceberam que foram apanhados, porque os soldados estavam bem atrás e não havia nenhuma esperança em qualquer direção. Gamma se jogou ao chão, na grama, com uma maldição, mas Órion prendeu Sirius nos braços e saltou corajosamente do precipício para dentro da água.

Um grande grito surgiu dos perseguidores quando viram que sua presa lhes tinha escapado; eles se apressaram à margem e a examinaram como puderam, mas na luz escura não distinguiram nada claramente. Não podiam descer à orla sem dar uma grande volta, mas os seus gritos tinham chamado a atenção de outro grupo de perseguidores abaixo, que logo entenderam o que tinha acontecido, quando ouviram o forte ruído produzido pela queda dos corpos no lago. Só não havia nenhuma praia praticável abaixo, mas vários homens mergulharam na água do ponto mais próximo que eles podiam alcançar e nadaram depressa para os corpos flutuantes.

Órion e Sirius podiam nadar e como tinha acontecido, afortunadamente, que eles caíram na água em uma posição quase ereta, não foram feridos seriamente, entretanto ficaram, em grande parte, atordoados pelo choque. Eles vieram separadamente, à superfície e Sirius, estando amarrada com lenços, não podia fazer mais que flutuar; mas como a água estava tranquila, isto foi o suficiente. Ela declarou depois que nunca perdera realmente a consciência, enquanto parecia que Órion sim; entretanto o corpo dele flutuou também de alguma maneira. Assim os nadadores os acharam, e começaram a retornar para a orla com eles, lentamente. Nenhum barco estava disponível naquela extremidade do lago, mas havia muitos ajudantes e eles lançaram na água, um grande tronco que foi muito útil apoiando os nadadores. Finalmente eles resgataram o infeliz casal à praia, vivos. Eles os cobriram com roupas emprestadas e os levaram para casa no palácio, onde o sono de uma noite quase lhes devolveu a condição normal. Gamma não tinha oferecido nenhuma resistência quando capturado pelos soldados, e não teve nenhuma desculpa para dar por sua participação no assunto, mas contou a história inteira bastante insensivelmente.

Entretanto, Alcione também tinha sido achado logo depois que ele foi golpeado; eles o levaram para os seus aposentos com muitos murmúrios irados e ameaças de vingança contra o inimigo que tinha feito isto, porque Alcione era muito popular. Os médicos foram chamados rapidamente; cobriram suas feridas, administrando alguma droga que lhe devolveu, temporariamente, a consciência; e depois o fizeram adormecer novamente, com toda esperança de recuperação se tudo corresse bem, entretanto ele estava desesperadamente fraco por ter perdido tanto sangue. Ele não sabia quem foi o responsável pela sua agressão assassina; não sabia nada do rapto de Sirius, mas notou-lhe a palidez quando ela o visitou ao lado de sua cama no dia seguinte; ele foi levado a supor que isto era devido à tristeza e ansiedade sobre a sua condição. Os médicos proibiram ainda o seu esforço de falar, de maneira que, somente, muitos dias depois se soube do que havia sucedido.

Entretanto o Rei Marte estava realmente desgostoso com todo o acontecido e ordenou que no dia seguinte Órion e Gamma fossem trazidos à sua presença para julgamento. Eles tiveram pouco para dizer por eles. Órion admitiu que a sua ação tinha sido errada apunhalando Alcyone, e expressou prazer às notícias que ele não o tinha matado; mas declarou que estava fora de si pela ira e não tinha percebido o que fez, e ainda pensou que se tivesse podido escapar com Sirius, tudo teria dado certo de alguma maneira. Marte falou duramente da desgraça refletida na linha real quando o próprio filho do Rei assim quebrava as leis que sua posição lhe obrigava a apoiar e da dura necessidade de decretar para seu próprio filho a mesma sentença de banimento como teria sentenciado para o mesmo crime o mais humilde dos seus súditos. Assim mandou Órion e Gamma fazerem suas vidas fora do Império Persa, dizendo-lhes que se reabilitassem em outro lugar com honradez e esforço, do erro sério cometido em seu país natal.

Não foi permitido a Órion se despedir de Alcyone, porque este nada sabia sobre o acontecido, e era óbvio que a excitação de ouvi-lo, agora, teria sido desastrosa para ele. Mas o seu irmão Mercúrio – ou melhor dito, o Mahaguru ocupando o corpo de seu irmão Mercúrio – o fez vir antes de partir, e lhe falou gravemente porém amavelmente: “Filho, você agiu insensatamente. Você causou muito dano, contudo não é o dano que é tão sério mas o fato que você, que é um de nós, não deveria ser capaz de fazer isto. Egoísmo sempre é mau, mas duplamente mau agora, porque arruína a harmonia de nosso grupo justamente quando isto é precioso para o trabalho especial durante o curto tempo em que posso ficar com vocês. Só uma vez em milhares de anos vem uma oportunidade como foi oferecida a você nesta vida – estar entre os precursores daqueles que ajudam a fundação e propagação de uma religião mundial. Mas você se permitiu ficar fora do grupo de trabalhadores ciosamente, e terá que andar uma estrada longa e fatigante antes que ganhe o direito de entrar nele novamente. Vá então e aprenda sua lição, de forma que quando meu Sucessor vier, você possa estar pronto para tomar sua parte no trabalho”.

Assim Órion desaparece durante um tempo de nossas páginas, para reaparecer e ganhar o seu antigo lugar somente alguns milhares de anos mais tarde. Alcyone lentamente recuperado casa-se com Sirius.

AS 24 VIDAS MAIS RECENTES DE ÓRION

Média de existência na terra: 53,5 anos

Média de tempo entre cada encarnação: 1017 anos.

Datas de Nascimento	Países ou Locais	Raça e Sub-Raça	Sexo	Anos de vida	Intervalo entre vidas
23 875 A.C.	HAVAÍ	IV – 2	M	60	837
22 978 A.C.	MADAGASCAR	IV – 2	F	57	713
22 208 A.C.	MALÁSIA	IV – 7	F	56	612
21 540 A.C.	SUL DA ÍNDIA	IV – 1	F	36	Não houve
21 504 A.C.	SUL DA ÍNDIA	IV – 2	F	48	Não Houve
21 456 A.C.	SUL DA ÍNDIA	IV – 2	F	64	1 775
19 617 A.C.	BACTRIA	IV – 4	M	71	1 245
18 301 A.C.	MARROCOS	IV – 5	M	67	1 006
17 228 A.C.	POSEIDONIS	IV – 6	M	91	1 447
15 690 A.C.	TARTÁRIA	IV – 7	M	58	1 125
14 507 A.C.	CANADÁ	IV – 1	M	56	780
13 671 A.C.	POSEIDONIS	IV – 2	F	38	1 543
12 090 A.C.	PERU	IV – 3	F	85	2 319
9 686 A.C.	CHINA	IV – 4	F	13	70
9 603 A.C.	POSEIDONIS	IV – 5	F	39	1 239
8 325 A.C.	ETRÚRIA	IV – 6	F	65	1 502
6 758 A.C.	TARTÁRIA	IV – 7	F	52	1 007
5 629 A.C.	ÍNDIA	V – 1	F	62	1 552
4 015 A.C.	EGITO	V – 1	M	71	1 208
2 735 A.C.	ÁFRICA DO SUL	V – 2	M	48	809
1 879 A.C.	PÉRSIA	V – 3	M	17	341
1 521 A.C.	ÁSIA MENOR	V – 4	M	31	991
499 A.C.	GRÉCIA	V – 4	M	76	2 020
1 597 D.C.	VENEZA	V – 4	M	23	276
1 896 D.C.	U.S.A	V – 5	M	-	-

As Vidas de Órion, no geral, são menos regulares e mais tormentosas que as Vidas de Alcyone, e tem duas peculiaridades notáveis: primeira, cada vez que nosso herói comete um erro, o karma resultante desce pesadamente sobre ele na próxima reencarnação. A retribuição é severa mas efetiva, e amputa a falta como em uma operação cirúrgica; segunda, Órion tem dois grupos de associados: um, o grupo de Servidores que já nos são familiares; o outro, uma mescla de relações indesejáveis como veremos nas três vidas que se seguem imediatamente.

Cada vez que, ao princípio de uma vida, o vemos rodeado por essas pessoas, sabemos de antemão que será uma encarnação difícil. Pelo contrário, quando o encontramos em nosso próprio grupo, então sabemos que as influências que o rodearão farão que se manifeste o que há de melhor nele.

As vidas são particularmente úteis por seu grande contraste com as de Alcyone. Por um caminho tão semeado de obstáculos, atravessando tormentos tão terríveis, o herói chegou aos pés do seu Mestre, que está encarregado da sua evolução espiritual.

Muitas são as sendas para alcançar a meta única.

CAPÍTULO 1

Nesta vida, nasceu o nosso personagem, filho de um Grande Sacerdote, nas proximidades de Waialai, em Oáhu, uma das ilhas havaianas. O povo que habitava a região, naquela época, pertencia à raça Atlante, diferente dos modernos havaianos.

Esta tribo, bem como a de seus sucessores, caiu sob o feitiço de um maravilhoso fenômeno natural: adoravam o gigantesco vulcão Kilauea, ou talvez, o Deus do Vulcão. Suas oferendas eram usualmente feitas ao espírito do vulcão, o pai da atual deusa Pele, a quem os habitantes posteriores passaram a adorar.

Ocasionalmente, eram feitos sacrifícios humanos; as vítimas eram escolhidas entre os condenados por crimes ou prisioneiros de guerra; quando a quantidade destes era considerada insuficiente, a escolha recaía entre as pessoas da população local.

O pai de Órion, o Grande Sacerdote, usava uma roupagem horrível com uma enorme máscara feita de madeira, que se elevava acima da sua cabeça e possuía um enorme nariz curvo. Enfeitando o traje, enormes plumas com predominância da cor vermelha, quando se tratava de rituais de sacrifício e plumas amarelas, nas outras ocasiões menos importantes. Esse traje tinha um formato semicircular, parecendo com uma capa.

No princípio, o pai de Órion era Grande Sacerdote apenas na ilha de Oáhu, oficiando no Templo dedicado ao serviço do agora extinto vulcão “Cabeça de Diamante”. Posteriormente, foi nomeado Sumo Sacerdote de todo o Reino e por esta razão mudou-se para outra ilha, o Havaí, a fim de supervisionar as devoções diárias ao vulcão Kilauea.

Ele exercia grande poder sobre todo o povo, devido ao medo que inspirava, entretanto, muitos vinham a ele, invocar seus serviços quando as colheitas não eram boas, ou quando suas vacas não pariam, ou ainda, quando tinham inimigos a quem desejavam prejudicar. O Sacerdote, secretamente, aumentava a eficácia de sua magia com o uso de venenos.

A mãe de Órion, Eta, era um tipo de pessoa insignificante, que acreditava firmemente no Sacerdote, seu marido, e tinha muito medo dele. Criou Órion num clima de grande temor e respeito aos poderes sobrenaturais do pai, que não era afetuoso, mas, tanto ele como a esposa, à sua maneira, eram bons com Órion. Órion gostava muito do mar e se acostumara a passar grande parte de seu tempo nele, frequentemente a metade do dia.

Como primogênito, Órion teria que herdar o ofício de seu pai quando chegasse o tempo, por isso, sua educação para o sacerdócio começou aos quatorze anos. Mas, antes disso, seu pai já havia lhe ensinado a recitar algumas coisas que o menino não entendia, tais como encantamentos e invocações.

Com a idade de quatorze anos, houve uma espécie de cerimônia preparatória. O menino foi obrigado a passar um dia de jejum, depois foram feitos, de cada lado do seu tórax, cortes diagonais no sentido das costelas.

De uma árvore, foram retiradas certas fibras, que golpeadas com maçãs de pedra, foram transformadas em uma espécie de lona. Para vedar as feridas de Órion, foram usadas tiras desse material, dentro dos quais se inseriram pedaços de madeira para impedir que as feridas

cicatrizasse.; o resultado era a formação de grandes sulcos, o que evidenciava a sua candidatura ao sacerdócio.

Um colar e também uma espécie de cinturão feitos de conchas, com pedaços de tela colorida disposta em um formato muito particular, constituía a insígnia distintiva de seu ofício.

À medida que transcorria o tempo, a intervalos e nas idades respectivas de dezessete, dezenove e vinte e um anos, Órion teve que passar por diferentes cerimônias e invocações; na última delas, seu pai lhe deu um certo cozimento em uma cabaça para ingerir; esta beberagem estava preparada com drogas amargas e desagradáveis e produziu o efeito de indução de um profundo e letárgico transe.

Enquanto se encontrava nesse estado, seu pai pronunciava certas invocações com o objetivo de atrair o espírito do vulcão, para que tomasse posseção do seu corpo. Uma grande criatura elementar projetou sua sombra sobre o corpo, mas não o controlou por muito tempo, já que Órion recobrou sua consciência. Esta quarta cerimônia converteu-o em Sacerdote Completo, ou Plumado, isto é, que usaria as grandes capas semicirculares de plumas.

É interessante notar que os métodos empregados pelo Sumo Sacerdote para “ajudar” os Deuses a fazer efetivas as maldições que tinha que pronunciar, eram de tal natureza que asseguravam os resultados, em qualquer caso, sob a atuação da intervenção divina ou não. Por exemplo: os feiticeiros lançavam maldição sobre as colheitas, mas à noite, regavam com água salgada os campos para “cooperar” nos trabalhos da providência.

Órion teve muitos companheiros, desde a infância até a adolescência, mas, de nenhuma maneira, foi bom com seus colegas, não conseguindo vínculos afetivos com os mesmos, pois aproveitava-se dos poderes e posição de seu pai para aterrorizá-los e sujeitá-los a sua vontade. Quando eles demonstravam alguma falta de respeito, ou deferência, ameaçava-os com os poderes de seu pai, desejando-lhes pesadelos e enfermidades terríveis. Com esta maneira de proceder, tornou-se muito temido.

Por essa época, enamorou-se de uma jovem que já estava prometida a um amigo seu, de nome Gamma, e começou a ameaçá-lo com todas as classes de feitiçarias para que a deixasse.

Como Gamma e sua prometida Câncer se queriam muito, continuaram a se encontrar apesar das ameaças.

As maldições de Órion não davam resultado, então resolveu “ajudar” os Deuses a se desfazerem de seu amigo. Pronunciando, novamente, a maldição, aterrorizou seu amigo, que, por sua influência, bebeu uma droga que produziu uma longa e grave enfermidade. Esperando morrer, Gamma consentiu em terminar com sua noiva, abrindo caminho para seu rival. Entretanto, após algum tempo recobrou a saúde e passou a odiar o seu adversário.

A garota, embora sabendo de tudo, tinha muito medo de Órion que havia ameaçado lançar seus feitiços contra sua família, que, de má vontade, consentiu em desposá-lo.

Órion se encantava com o exercício do poder e lhe agradava ver as pessoas tremerem de medo na sua frente. Esmerou-se na arte de descrever os horrores que adviriam aos que não cedesse às suas vontades. Havia um traço de crueldade no seu caráter e sentia prazer em fazer outros sentirem medo dele.

Não foi bom para a garota, pois encontrou o meio de fazê-la acreditar que “ele era o Deus sombrio, oculto nas profundezas e que ninguém poderia igualar-se a ele”.

Os sacerdotes-feiticeiros eram os verdadeiros médicos da ilha e, por meio de seus serviços, haviam conseguido grande influência e poder sobre o povo. Se os feiticeiros ficassem satisfeitos com as quantias que recebiam dos enfermos, então colocavam todo o seu conhecimento e poder para a realização da cura, mas se ocorresse o contrário, isto é, se não estivessem satisfeitos com o

pagamento, idealizavam uma maneira de se desfazer do paciente, desta forma obrigavam o povo a pagarem o tributo.

O Grande Sacerdote, que nominalmente estava subordinado ao Rei, exercia mais poder do que o próprio. O pai de Órion era muito vingativo e, havendo motivado uma desavença com o Rei, tratou de conspirar para o seu assassinato.

O Rei descobriu a conspiração e o condenou ao desterro, depondo-o, assim, do cargo de Sumo Sacerdote e nomeando Órion para o seu lugar.

Ato contínuo, Órion decidiu desfazer-se de sua primeira esposa, considerando que já não lhe convinha mantê-la em sua nova posição. Tramou para que fosse envenenada, a fim de ficar livre para poder casar-se com a irmã do Rei, o que logo depois foi concretizado.

Seu antigo amigo Gamma ficou sabendo da verdade dos fatos e jurou vingança. Gostaria muito de aniquilar Órion, mas tinha muito medo dele. Órion também odiava Gamma, ainda que, em seu interior, sua consciência reprovasse sua conduta. Com sucesso, criou uma situação em que parecia que Gamma estava envolvido em um complô contra o Rei, o que resultou na prisão do mesmo. Mais tarde, fez com que um dos seus emissários o envenenasse na prisão.

Com todos os sucessos de suas terríveis empreitadas, tornou-se, cada vez mais arrogante e se divertia com as pessoas que o reverenciavam e afastavam-se do seu caminho para lhe dar passagem. Às vezes, parecia muito mais astuto e mais inteligente que a maioria das pessoas. Usualmente conseguia perceber quem tinha razão nos casos que eram trazidos ao seu juízo, mas, infelizmente, essa faculdade de clara visão de justiça em nada influenciava em suas decisões, as quais, geralmente, eram a favor daquele que pagava mais pelos seus conselhos. Como o seu desejo por posses era muito grande, acabou acumulando um tesouro em extensas propriedades, cabeças de gado e vestimentas de plumas.

Órion teve um filho, Sygnus, de quem tinha muito orgulho e por quem sentia muito afeto; as riquezas e tesouros foram todas para ele. Gradualmente, adquiriu muito poder, sempre aproveitava as oportunidades de impressionar o povo através de meios fraudulentos e inventava artifícios complicados, tais como: fazer certas imagens falarem, por meio de tubos escondidos no interior do corpo dos ídolos; descobriu a periodicidade de um gêiser e dele se valeu para fazer crer às pessoas, que o jorro de água somente brotava através da sua conjuração, como resposta dos Deuses. Reunia grande multidão para ver fenômenos, impressionando-a para que fizesse a sua vontade. Em uma ocasião, equivocou-se com o horário e teve de ficar fazendo invocações por mais de uma hora, até que o gêiser entrasse em funcionamento.

O velho Rei morreu e seu filho o sucedeu no trono. Órion havia manobrado o ancião com facilidade, mas com o filho não teve a mesma sorte em seus esforços para dirigir os assuntos de todo o país, como “o poder por trás do trono”.

Houve uma invasão feita pelo povo de outra ilha, de nome Kauai. Esta guerra foi ocasionada pelo fato de que o Rei, aconselhado pelo Sumo Sacerdote, tratou com desdém e maus tratos uma embaixada procedente de Kauai.

Foi pedido a Órion que amaldiçoasse os invasores, para impedir o seu desembarque, e assim foi feito, mas as conjuras não deram resultado e o inimigo desembarcou apesar delas.

O Rei, com seu exército, fê-los bater em retirada e o Grande Sacerdote perdeu muito de seu poder e prestígio por causa de seu fracasso.

Pouco depois, o Rei incentivou algumas manifestações contra o Sumo Sacerdote e alguns dos seus ditames, fazendo com que o povo, abertamente, se rebelasse contra ele. Houve uma luta civil entre os partidários de ambos e algumas pessoas perderam a vida na batalha. Naturalmente, os parentes dos mortos se voltaram contra Órion e, como vingança, o Rei o desterrou do país.

Quando marchava para cumprir a sentença, um homem que nutria grande rancor por ele, vendo que já não gozava da proteção do Rei, caiu sobre ele, matando-o a punhaladas. Seu nome era Épsilon e o motivo foi o seguinte: ele era noivo de Zeta, garota sensível, altamente impressionável e filha de um homem rico. Quando Épsilon decidiu casar-se, Órion recusou o consentimento que, de acordo com as leis dos pais, era necessário, a menos que o pai da menina fizesse uma grande doação de seus bens. O pai se recusou e então Órion o ameaçou com toda as sortes de maldições e padecimentos físicos e sobrenaturais. Essas ameaças tiveram tal efeito sobre a menina que ela perdeu a razão. Seu namorado jurou vingança e aproveitou a primeira oportunidade para executar o causador de todo o seu sofrimento.

O Sumo Sacerdote teve uma longa e incômoda vida após a morte, constantemente se via no plano astral perseguido por suas vítimas. Não obstante, alcançou um pouco de paz nos planos superiores devido ao grande carinho que sentia por seu filho.

Personagens desta vida	HAVAÍ 23 875 A.C
ALASTOR – Grande Sacerdote.	
<u>Eta: Sua mulher</u>	<u>Órion: Seu filho</u>
ÓRION – Grande Sacerdote	
<u>Câncer: Sua primeira mulher</u>	<u>Sygnus: Seu filho.</u>
<u>Gamma: Seu amigo</u>	<u>Épsilon: Seu assassino</u>
GAMMA	
<u>Câncer: Sua prometida</u>	
ZETA	
<u>Épsilon: Seu noivo</u>	

N.E – Conforme tabulação dos períodos das vidas de Órion, houve um intervalo de 837 anos até o próximo nascimento. Quando morreu, Órion tinha a idade de sessenta anos.

MADAGASCAR

22 978 A.C.

CAPÍTULO 2

Nesta vida, houve uma mudança de sexo e a encarnação, nesta raça, provocou uma decaída com relação à encarnação anterior.

A raça é bastante viril, mas menos evoluída que a do Havaí. O povo vivia em choças de palma. Os havaianos usavam roupas, mas esse povo somente usava uma espécie de cinturão sobre o tórax, feito de tiras de couro, ornado com conchas e pedras comuns. As mulheres usavam colares feitos de caracóis e contas de pedras brutas.

O país era belo e fértil, e o povo, muito valente, pleno de instintos belicosos sendo muito cruéis e sem misericórdia, além de possuírem um culto religioso horroroso.

Adoravam um Deus a quem chamavam de Saké e a quem supunham manifestado em um monstro gigantesco, um enorme e velho polvo.

Vivia tal polvo em uma lagoa, agora, completamente separada do mar, mas antes estava conectada a ele. Era uma enorme e espantosa besta com um bico em forma de papagaio. Seu corpo parecia uma imensa bola do tamanho de um quarto comum. Seus tentáculos mediam treze metros, com grandes ventosas, do tamanho de pratos, que iam diminuindo de tamanho nas extremidades.

Realizavam-se rituais de sacrifícios humanos para alimentar a besta; geralmente utilizavam-se, sempre que possível, pessoas condenadas por crimes ou prisioneiros de guerra. Se não havia nenhum destes, então escolhiam as vítimas entre o povo, como era feito no Havaí. Os sacerdotes, a quem competia a tarefa de escolher as vítimas, naturalmente, aproveitavam a oportunidade para se desfazerem de seus opositores e daqueles que não eram de suas simpatias, ou designavam alguns dos mais ricos da tribo, que de acordo com a lei, podiam pagar resgate ou comprar um substituto com o aval do feiticeiro.

Estes sacrifícios eram feitos diariamente e, em ocasiões especiais, requeriam-se sacrifícios extraordinários. O terror ao monstro afetava de tal forma a imaginação de todas as pessoas do país que, frequentemente, acontecia de certos indivíduos apresentarem uma forma de histeria, fazendo-os se lançarem nos tentáculos do monstro espontaneamente. Supunha-se que os sacerdotes tinham o poder de enfeitiçar de tal maneira as pessoas, para que elas, por si próprias, se atirassem em sacrifícios.

Novamente nasceu como filho do mesmo personagem que havia sido seu pai na vida anterior, Alastor, que nessa vida era um famoso caçador. O pai demonstrava certa indiferença pela filha, Órion, porque preferia varões que pudessem ser caçadores como ele. A mãe se sentia muito mais atraída pela filha do que pelos meninos. A menina cresceu bonita e atraente.

Encarnado, nesta mesma época, encontramos Sygnus, que havia sido filho de Órion na vida anterior, quando este foi Grande Sacerdote, no Havaí.

Órion se enamorou profundamente de Sygnus, mas seu pai Alastor era contrário a esta união e vendeu-a a um homem mais velho que a desejava. Depois de um certo tempo, este cansou-se dela.

Este homem possuía uma mulher mais velha, que era uma encarnação de Gamma, que havia sido, na outra vida, o jovem amigo de quem Órion havia tirado a noiva, Câncer, e a quem mandou envenenar.

Gamma era ciumenta e vingativa e tornou a vida do nosso personagem e dos seus filhos um verdadeiro inferno, causando aflições e muitos pesares. O marido de ambas interessou-se por outra jovem, Zeta, também personagem da outra vida, mas não obteve sucesso nos seus intentos. Devido ao seu fracasso tornou-se muito colérico e, com facilidade, tinha explosões de ira. Constantemente maltratava Órion e seus filhos pois era inflamado pela primeira esposa Gamma, que alimentava conflitos entre ambos.

Órion tratou de consolar-se, entregando-se a um caso amoroso com Sygnus. Para sua desgraça, a velha esposa Gamma descobriu o que se passava e isso ocasionou uma grande tragédia.

Os amantes foram flagrados pelo marido traído; Sygnus foi horrivelmente mutilado na frente de Órion e, mais tarde, lançado em sacrifício aos tentáculos do horrível monstro.

O bebê de um ano, a quem ela amava e que o marido, erroneamente, supunha ser filho do outro, foi lançado vivo em uma fogueira diante de seus olhos. Ela mesma foi degradada à condição de escrava em sua própria casa e muito maltratada durante vinte anos. Por todo este sofrimento, alimentou intenso ódio pelo marido e sua velha mulher.

Gamma tinha um neto a quem amava muito. Um dia, após tantos anos de crueldade, Órion, enlouquecida pelo sofrimento, pegou essa criança, Épsilon, personagem que na vida anterior havia sido seu assassino, e o lançou ao fogo. Gamma, enlouquecida pela morte do querido neto, ordenou que Órion fosse sacrificada de uma forma terrivelmente dolorosa: desnuda, foi amarrada a umas estacas de madeira cravadas na terra, próximo a um enorme formigueiro. Estas formigas eram muito temidas por todos, devido ao tamanho e à sua voracidade, pois devoravam tudo o que encontrassem em seu caminho. Atacaram e comeram Órion viva, até que, finalmente, sobrou apenas o esqueleto, com os ossos brancos, perfeitamente limpos. Este horrível processo durou quase um dia inteiro e os gritos da vítima era, no início, terríveis e indescritíveis.

A vida após a morte foi exageradamente dolorosa, pois Órion revivia, uma após a outra, as cenas de seu martírio e sofrimento. Ao final, teve um pouco de paz devido ao amor que nutriu pelo seu filho e seu amante.

Algumas notas sobre esta vida:

Existe, em nossos dias (isto foi escrito em 1907), no sul de Madagascar uma tribo denominada tribo dos "Antandroy", que difere muito das outras tribos da ilha, porque seus membros são mais ferozes e mais guerreiros que os outros; assemelham-se mais aos negros zulus, o que não ocorre com as demais tribos. Por mais que não tenham recordação desta penalidade aplicada a crimes, em tempos modernos, sabe-se que um chefe, falando de outro em uma tribo com a qual estava em guerra: "eu o lançaria sobre um formigueiro para que as formigas o comesse". Este castigo é o mais terrível que eles podem imaginar, e, com efeito, em seu país, encontra-se um considerável número de enormes formigueiros que não existem em outros locais.

Há também, em sua região, um grande lago salgado, a pouco menos de um quilômetro e meio da orla do mar, com o qual não se comunica, e que se chama o lago "Aongo". O mais terrível juramento que pode pronunciar um membro dessa tribo é o de jurar por Saké (o S se pronuncia como Sh), mas parece que eles ignoram o porquê desse nome Saké, que lhes foi transmitido como se tivesse um significado assustador.

Personagens desta vida

MADAGASCAR

22 978 A.C.

ALASTOR – Caçador.

Órion: Sua filha

ÓRION

Sygnus: Seu noivo

Um velho: Seu comprador

Zeta: Seu rival

GAMMA – Esposa do comprador

ÉPSILON: Neto de Gamma

Esta nova vida se dá no seio de uma raça em muitos aspectos superior à tribo de Madagascar. As pessoas usavam mais roupas e seu modo de viver era também melhor.

As canoas eram de um tipo comparativamente avançado e estavam bem equipadas e aparelhadas como veleiros. Os nativos eram pessoas agradáveis e superiores; não necessariamente malaios do tipo atual, mas uma espécie de mescla das raças Malaya e Dyaka.

Nossa personagem vivia na costa. Seu pai era um mercador e possuía muitos barcos. O comércio a que se dedicava, em grande escala, eram cocos, tecidos e gemas. Estas pessoas também produziam bonitas telas tecidas, as quais tinham um gosto artístico e parece que importavam da China artigos de seda.

Órion era uma criatura muito tímida e pouco sociável, nasceu com um horror a todo bicho, ou inseto que se arrastasse, e com muito medo do fogo. Quando na infância, tinha frequentes ataques de histeria ao ver coisas que rastejavam. Tinha pesadelos com sonhos de sua vida passada e seu terrível fim e, geralmente, desmaiava de terror quando via ou recordava um polvo.

Era uma menina delicada, magra e pálida devido à ausência de sonhos profundos e reparadores e, à medida que o tempo passava, sua condição foi piorando.

Seus pais eram bondosos com ela e, algum tempo depois, chamaram um curador-feiticeiro que a ajudou, tratando de livrá-la dos maus espíritos, mor meio do mesmerismo¹, conseguindo neutralizar até certo grau seus sofrimentos e, com auxílio de certas drogas, induzi-la a dormir profundamente.

Seus pesadelos eram como uma espécie de recordação.

Havia sido tal impressão deixada no átomo astral permanente (um átomo especializado, vida após vida, pelo Ego ou Alma, que forma o corpo astral de cada encarnação)*, que este era capaz de enviar, não somente vibrações relativas a toda vida, como também, às cenas particulares e pormenorizadas. Não era tanto a memória do Ego, mas a do átomo permanente.

Originalmente, as imagens eram irradiadas na criança desde este átomo astral. Posteriormente, ela criou formas-pensamentos destas pavorosas cenas e tais formas foram muito vívidas e reais em sua mente.

Gradualmente cresceu, obtendo melhoras com o tratamento, mas ao mesmo tempo um tanto embotada e ausente por causa dele. No seu devido tempo, casou-se e teve dois filhos a quem se sentia muito apegada. O velho doutor-feiticeiro que a curou pelo tratamento mesmérico, tornou-se amigo íntimo da família, e seu filho, Zeta, desenvolveu uma violenta paixão por Órion. Ela sentia medo e antipatia por ele, que a ameaçou de persuadir seu pai para que fizesse com que os antigos pesadelos voltassem, se ela não fizesse as suas vontades. Ela não cedeu, mas o esforço feito e o medo do retorno aos seus pesadelos se converteu em constante obsessão.

¹ “Teoria de Franz Anton Mesmer, segundo a qual, por meio do magnetismo todo ser vivo seria capaz de transmitir a outros influências psicossomáticas recíprocas, inclusive com fins terapêuticos”. (N.T)

* N.E.

Um dos seus grandes horrores havia sido seu medo do fogo, por coincidência, seu filho maior, uma vez, caiu em uma fogueira e se queimou. Este acidente teve um efeito terrível na jovem mãe, fazendo-a perder a razão e voltar aos antigos pesadelos, afetando permanentemente seu estado de espírito.

Sua família cuidou dela com esmero e, estranhamente, consideravam sua loucura como uma espécie de divina possessão. Havia períodos em que se acalmava, tinha lucidez e respondia às perguntas. Durante esses períodos, parecia ter a faculdade de predizer acontecimentos futuros e, desta maneira, ganhou reputação de profetisa. Frequentemente realizava sessões oraculares e parecia ser o Ego, o que respondia às perguntas.

Exceção feita a essas curtas e raras manifestações, a vida foi uma sucessão de um longo período de sofrimento mental, de maneira que, quando finalmente sobreveio a morte, foi um grande alívio para ela; se bem que este final foi algo muito horrível; sua morte ocorreu por comoção; foi acesa uma grande fogueira para celebração de uma vitória; a visão do fogo a fez recordar seu ódio e, repentinamente, bradando gritos selvagens, lançou-se no meio da fogueira vindo a perecer queimada.

Depois de sua morte, no plano astral, recobrou prontamente as suas faculdades normais. Unicamente, a área etérica do cérebro era o que estava afetada, porém, ela se viu rodeada de pavorosas formas mentais e, a princípio, sentiu-se perseguida e amedrontada. Então, certos amigos bondosos (desencarnados que se davam conta dos fatos) fizeram-na ver que aquilo era uma ilusão e, gradualmente, auxiliaram-na a entender o seu caso, de forma que finalmente se sentiu calma e em paz.

Certamente houve uma mudança no seu caráter e Órion se livrou por completo do aspecto crueldade. Ficou ainda, todavia, o desejo pelo poder, embora já não sentisse prazer em ver os outros sofrerem. Desta forma, na próxima vida evitará provocar sofrimento, causando-o somente quando não puder proceder de outra forma. Ao que parece, a maior parte do karma já havia sido consumido: primeiro por sofrimentos físicos na vida de Madagascar e, nesta vida, por agudo sofrimento mental.

Personagens desta vida

MALÁSIA

22 208 A.C.

ZETA – Filho do doutor feiticeiro. Amante de Órion.

Órion viveu até a idade de cinquenta e seis anos; houve um intervalo de 612 anos até a próxima encarnação.

SUL DA ÍNDIA

21 540 A.C.

CAPÍTULO 4

Chegamos agora a uma série muito interessante de três vidas que, em muitos aspectos, podem ser consideradas quase como uma só, visto que não há intervalos entre elas.

A primeira destas tem lugar nas montanhas Nilgiri; Órion nasceu em uma das tribos montanhesas; era uma menina extraordinariamente bonita, muito mais que a média das outras da tribo; muito hábil, também, para atingir os propósitos que desejava, mas sem escrúpulos quanto aos métodos.

Tinha como objetivo de vida ser uma pessoa bem sucedida e, para tanto, aprendeu a ler e escrever o idioma Tamil, fato nunca realizado pelas mulheres daquela tribo. A fim de aprender os hábitos da vida culta, ofereceu-se como serviçal de uma dama de ascendência nobre que vivia próximo de Bangalore.

Havia desenvolvido uma afeição especial por seu irmão, Egéria, a quem muito amava, porém desejava mais o poder, por isso, deixou o irmão e o local onde morava e se dedicou ao trabalho com a idade de quinze anos, desprezando o interesse de vários pretendentes ao seu coração.

Foi escolhida para atender a filha da dama Tamil, uma jovem de dezoito anos, Iota; obteve tanto êxito que breve se tornou sua confidente.

Esta família tinha, como um de seus bens, uma enorme esmeralda possuidora de poderes mágicos. Há milhares de nãos, essa pedra havia sido magnetizada, na Atlântida, por um mago dedicado às práticas de magia negra.

Acreditava-se que o talismã conferia poder ao seu possuidor para realizar os desejos mais intensos, mas como costuma acontecer nesses casos, atraía também desgraças e sofrimentos no final, porque todos os que usavam a misteriosa joia acabavam se convertendo em instrumentos, ou veículos das más vibrações do seu magnetizador original.

Iota persuadiu seu pai para que lhe desse a esmeralda, pois desejava muito se casar com um jovem Rei vizinho, Theo. Ela possuía sangue real, mas o poder da esmeralda ajudou seu pai a conseguir êxito, pois o Rei mandou um mensageiro investigar a família e sua pretendente e este retornou com boas informações, ressaltando a beleza da moça. Prontamente, o Rei enviou uma escolta para trazê-la ao seu encontro.

De acordo com os costumes daquela época, antes de sair da casa paterna, um véu era colocado sobre o rosto da noiva e este somente poderia ser removido quando na presença do futuro esposo.

Iota levou consigo três damas de companhia, entre as quais estava Órion, nossa personagem; a jornada durou vários dias e, à noite, acamparam em tendas.

Durante a viagem, uma tentação muito poderosa invadiu a mente da nossa heroína: como o rei nunca havia visto a futura noiva e, como o véu impedia os soldados da escolta também de ver o seu rosto, concebeu a ideia de ocupar o lugar dela e apoderar-se da esmeralda mágica. Resolveu então eliminá-la.

Depois de pesar as probabilidades com todo o cuidado, decidiu colocar em execução seu plano e, quando a noite já avançava, apunhalou sua jovem senhora que estava dormindo. Uma das damas ouviu algo e entrou no local, um dos quartos da tenda e, após uma rápida luta, também foi apunhalada.

Órion então despertou a outra dama, Kappa, com quem havia feito amizade e a ameaçou de morte se não guardasse o segredo e se não a ajudasse em seus propósitos. A menina estava aterrorizada, mas a ponta da adaga obrigou-a a submeter-se e ajudar na tarefa de se desfazerem dos corpos das duas mulheres assassinadas.

A escolta da jovem dama encontrava-se acampada em volta da sua tenda e elas tiveram que carregar os corpos passando pelo acampamento, burlando a vigilância das sentinelas que montavam guarda. Depois de muitas peripécias, conseguiram se colocar a salvo sem serem descobertas. Tal tarefa, para ser executada, exigiu uma grande dose de coragem e determinação.

Na manhã seguinte, enviou Kappa para comunicar à escolta que sua senhora havia decidido, repentinamente, dispensar as outras duas damas determinando que voltassem à sua casa. Posto que a falecida jovem senhora sempre havia sido muito caprichosa, o anúncio foi feito como mais uma das suas genialidades e a viagem prosseguiu sem averiguações ou suspeitas, chegando rapidamente ao seu destino.

Como Órion já estava de posse da esmeralda mágica, seu futuro marido, o Rei, já sob os efeitos do encantamento, sentiu-se inteiramente satisfeito com sua noiva, que, na realidade, era uma jovem muito apresentável e que havia copiado com perfeição os modos e costumes da sua falecida senhora.

O casamento foi realizado com grande pompa e cerimônia. O Rei enamorado foi muito bondoso com sua jovem esposa. A princípio, ela sempre estava temerosa de ser descoberta, mas, na medida em que o tempo passava, seu ânimo se acalmou. Chegou a sentir muito amor e apego ao seu marido e teve uma grande influência sobre ele e, no geral, utilizou essa ascendência para a realização de seus bons propósitos.

O Rei gostava muito de caçar e dedicava-se mais aos seus prazeres que em administrar com justiça os assuntos do Estado. Órion acostumou-se a ouvir, por trás das paredes, as audiências dos casos julgados e submetidos ao rei. Sua intuição perspicaz e seu conhecimento das modalidades da vida comum na tribo montanheira, habilitavam-na a julgar com um agudo espírito de justiça e o Rei, aconselhado por ela, ganhou fama de astuto e justo em suas decisões; sentia-se, portanto, muito satisfeito com ela.

Entretanto, ela se deixava subornar quando se tratava de assuntos muito importantes. Teve vários filhos. Geralmente se sentia feliz e contente, ainda que, algumas vezes, tivesse medo de ser descoberta.

Uma vez, o pai de sua antiga senhora fez uma viagem com o objetivo de visitar a filha e Órion teve que recorrer a inúmeros artifícios para evita-lo. Por causa deste incidente, foi taxada de orgulhosa e sem coração, pois o pai pensou que não fora recebido por não ter sangue real e que sua filha se envergonhava dele.

Ela tinha preferência pelo seu filho mais velho, Sygnus. Após dez anos de casamento, por razões de estado, o Rei casou-se novamente; desta vez, com a princesa de uma casa real vizinha. Todavia, como Órion manteve sua influência, tolerou a nova rival, tratando-a com certa benevolência depreciativa. A nova Rainha também teve dois filhos, um menino e uma menina.

Apesar dos prazeres da vida, Órion passou a ter problemas com a antiga companheira, dama de companhia da sua ex-senhora, Kappa, única pessoa que sabia dos dois assassinatos cometidos.

Quando foram feitas as investigações do desaparecimento das duas serviçais, que se supunha tivessem retornado, pensou-se que, provavelmente, haviam sido capturadas por ladrões, mas nada foi descoberto apesar das investigações feitas.

Kappa, a quem Órion havia promovido na corte, com grandes honrarias, havia se casado com um jovem nobre, ajudante do Rei e, por fim, revelou a ele o terrível segredo. Este, imediatamente,

começou a chantagear a Rainha de diversas maneira e, durante algum tempo, causou-lhe muitos temores e tristezas.

Desde então, passou a levar consigo um veneno com a intenção de usá-lo em caso de ser descoberta. Valendo-se dos sucessos das chantagens contra a Rainha, esse jovem nobre marido de Kappa, iniciou uma conspiração para apoderar-se do trono, forçando a Rainha a unir-se a ele.

A conspiração foi descoberta e o marido de Kappa, para se salvar, contou ao Rei toda a história; este ficou assombrado e profundamente indignado, sentindo o ultraje cometido contra a sua linhagem, por ter sido enganado e casado com uma mulher das montanhas.

Ordenou a prisão e condenou-a à morte, deserdou os seus filhos e os expulsou do país. Desesperada com o fracasso de seus planos, mas talvez, porque o seu amado filho não herdaria o trono, tratou com insistência de conseguir o perdão ou abrandamento da pena, porém, o Rei se manteve inflexível.

Chegou o dia marcado para a execução da Rainha e ela, como último recurso, lançou mão da esmeralda que estava em seu poder, invocou com fervor qualquer entidade que pudesse estar conectada a ela para que viesse em seu auxílio.

Nesse momento, um homem obscuro e de rosto rude apareceu na sua frente, materializando-se dentro do quarto em que ela havia sido encerrada. Como desdém, ouviu seus pedidos e, indicando uma pequena janela atrás da Rainha, mostrou-lhe uma menina. Sigma, que brincava no pátio no andar de baixo e disse: “Atira a esmeralda para aquela menina que eu te ajudarei”. Imediatamente, ela assim fez e, ato contínuo, recebeu outra terrível ordem: “Beba o veneno”. Destemidamente, ela ingeriu o veneno que fez efeito imediato. Conforme ia abandonando o corpo, a menina no pátio caiu desmaiada, pois o mago negro forçou o Ego, ou a Alma da menina, a abandonar o corpo, em seguida, através dos seus poderes sombrios, introduziu naquele corpo a Alma da Rainha.

A vida de Órion no corpo em que havia nascido se expirou neste momento, quando contava já trinta e seis anos vividos e pelos acontecimentos extraordinários relatados não houve intervalo de tempo entre esta vida e a próxima (N.T.)

Personagens desta vida

SUL DA ÍNDIA

21 540 A.C.

IOTA – Filha de uma dama Tamil, assassinada por Órion

KAPPA – Cúmplice de Órion no assassinato.

THEODOROS (THEO) – Rei

Órion: Sua primeira esposa

Sygnus: Seu filho do primeiro casamento

Sigma: Sua filha do segundo casamento

SUL DA ÍNDIA

21 504 A.C.

CAPÍTULO 5

Quando recobrou os sentidos, Órion sentiu-se muito estranha, porque não conseguia ajustar-se bem e controlar o pequeno corpo que agora ocupava, porém o mago guiou a criança durante algum tempo, obrigando-a a manter oculta a esmeralda mágica que foi enterrada em algum lugar.

A Rainha foi encontrada morta em sua cela, quando os guardas encarregados da sua escolta para a execução foram busca-la. A grande esmeralda não foi encontrada em parte alguma e se pensou que havia sido roubada.

A pequena Sigma, cujo corpo agora estava possuído por Órion, era filha do Rei e de sua jovem esposa. A princípio, Órion se sentiu confusa e, apesar de todo o cuidado que tomava, foram observadas certas anomalias, de forma que, acharam que o juízo da menina havia ficado perturbado, apesar de que, mais tarde, pareceu recobrar-se um tanto, mas nunca foi a mesma de antes. Não obstante, como era uma criança de seis anos, sua condição não fora percebida, exceto pela sua mãe.

Órion tinha perfeita recordação dos fatos de sua vida anterior e controlava a linguagem com grande dificuldade, mas, gradualmente, aprendeu a não dizer coisas que não fossem de criança. Contudo quando se esquecia, em certas ocasiões, empregava a mesma forma de falar da falecida Rainha, dando lugar a que a mãe tivesse alguma suspeita de que ela estava obsediada pelo espírito da Rainha.

A suspeita cresceu, mas, ainda bastante jovem, foi dada em matrimônio a Leo, o Príncipe herdeiro de um reino vizinho. Nunca se atreveu a mostrar a esmeralda, mas, secretamente, desenterrou-a antes de partir para as cerimônias de casamento, levando-a consigo.

Seu marido demonstrou ser boa pessoa, ainda que arbitrário e sujeito a explosões de ira quando era contrariado. Depois de algum tempo, ela mostrou a esmeralda ao marido, alegando que fora o falecido Rei que lhe havia dado quando ainda era criança. Tanto o Príncipe como o seu, o Rei, muito se alegraram de possuir a celebrada joia e nunca lhes ocorreu duvidar da história contada por ela.

Essa esmeralda, como já foi dito, havia sido magnetizada por um dos senhores da face tenebrosa da antiga Atlântida e formava uma ligação entre ele e seu possuidor, sendo este um instrumento do poder do mago. A vontade da pessoa possuidora da joia tornava-se poderosa para obter o que desejasse, pois a mente do mago havia, de tal maneira, impregnado a pedra com o seu poder que, seguramente, as coisas desejadas eram conseguidas.

Quase sempre, esse desejo era obter o amor de alguém do sexo oposto, ou exercer influência sobre a vontade de outros para se tirar vantagens. Seu magnetismo habilitou Órion a dominar o seu esposo e, como ele era governador de uma área do reino, sob supervisão do seu pai, ela começou a realizar com satisfação o seu desejo de poder, desempenhando outra vez o mesmo papel.

Era ambiciosa e desejava maior raio de ação, motivo pelo qual se empenhou em convencer seu esposo a influenciar o pai, para que o entronizasse em seu lugar, retirando-se dos negócios do Estado. Finalmente, depois de subornar os conselheiros do velho Rei, ela alcançou seu propósito quando seu esposo foi aclamado Rei. Até um grau bastante extenso, através dela, ele ditava a política do país e planejou aumentar o território do reino e o seu próprio poder.

Intrigas desta classe os envolveram em uma guerra com dois reinos vizinhos que, unidos, representavam claramente uma ameaça contra ela e os seus propósitos, motivo pelo qual decidiu pedir ajuda ao grande poder Atlante.

Nesse tempo, os governantes de Atlantis reclamavam a soberania nominal sobre a região do sul da Índia e, de fato, designavam governadores para alguns distritos, mas geralmente os Reis nativos regiam sem nenhuma interferência, ainda que a maioria pagasse tributos ao Rei Atlante.

Este reino, em particular, era totalmente independente, mas Órion convenceu o Rei de que seria melhor oferecer uma adesão nominal ao distante império Tolteca, do que ser dominado e conquistado por seus vizinhos. Para tanto, o rei mandou avisar o vice-Rei do Sul da Índia que ele desejava se aliar e gozar das bençãos e proteção do imperador Atlante contra os outros Reis vizinhos.

O vice-Rei aceitou a oferta de submissão, em nome do Divino Regente da Cidade das Portas de Ouro e notificou aos inimigos que, se eles atacassem aquele reino, teriam que também enfrentar os exércitos Toltecas. Desta maneira, a guerra não foi declarada e triunfou a política da Rainha, embora à custa da independência do país e muitas pessoas manifestaram a sua desaprovação.

Posteriormente, ela passou a sofrer de uma enfermidade interna e gradualmente foi definhando. Quando se deu conta de que a doença era incurável e de que sua morte estava próxima, novamente invocou o gênio da esmeralda. Por algum tempo ele não lhe fez caso, mas, por fim, acudiu ao seu chamado e, através de um sonho, avisou-a de que poderia tomar outro corpo, mas que deveria ser da sua própria filha Theseo, a quem ela amava ternamente.

A Rainha reclamou de tal condição, mas o mago permaneceu inflexível e, secamente, lhe disse que, ou aceitava, ou não haveria ajuda. Pensando nisso, no dia seguinte, resolveu que não viveria à custa de sua filha, mas depois de muitos dias de intenso sofrimento, lentamente foi chegando à conclusão de que não havia outra saída a não ser proceder do jeito exigido pelo bruxo.

As instruções que recebeu no sonho foram que ela deveria levar a menina ao rio e afoga-la; depois colocar a esmeralda em volta do pescoço dela e, imediatamente, afogar-se a si mesma e então seria ajudada a tomar o corpo da criança após deixar o seu.

Com muita repugnância e horror levou até o fim as instruções; tomou a criança pela mão, levou-a até o riacho e, com grande dificuldade, a manteve com a cabeça embaixo da água até parar de debater-se; após, colocou o corpo na margem com a joia em volta do seu pescoço e se lançou no riacho.

Sentiu-se afunda, seu corpo se afogou e foi arrastado pela correnteza, pouco depois, foi despertada em seu novo corpo por uma serviçal que havia encontrado a criança e estava chorando sobre ela e fazendo-lhe uma massagem.

Esta vida de Órion durou quarenta e oito anos e, como na vida anterior, não houve intervalo para a próxima vida, devido à influência dos fenômenos narrados. N.T.

Personagens desta vida

SUL DA ÍNDIA

21 504 A.C.

ÓRION – No corpo de Sigma

Leo: Seu marido

Alcyone e Albireo: Seus filhos

Theseo e Beatrice: Suas filhas

Foi necessário algum tempo para que Órion se recordasse do que havia acontecido e, gradualmente, foi acostumando-se ao seu novo grupo. A princípio, sentia-se atormentada pelo remorso, mas logo esqueceu seus escrúpulos e passou a interessar-se pelas possibilidades de sua nova vida.

Por esse corpo ter dez anos de idade, foi mais difícil adaptar-se a ele. Era muito impulsiva e pensava somente em si mesma, sem importar-se com os incômodos que causava aos demais por seus caprichos.

À medida que crescia, foi obtendo maior controle sobre si mesma, mas nesse corpo não podia aconselhar o Rei que, agora, sozinho e entregue à sua própria iniciativa, obtinha menos êxito nas questões políticas e diplomáticas.

Há um bom tempo, o descontentamento estava tomando forma devido à submissão ao poder Atlante e, em certa ocasião, aproveitou-se tal sentimento para se promover uma rebelião.

Teve lugar uma batalha e o Rei foi derrotado e morto. O vice-Rei Tolteca enviou uma força militar para sufocar a rebelião, o que foi conseguido rapidamente; nomeou um oficial para governar até que chegasse instruções de Atlantis.

Alcyone, filho de Leo, o Rei morto, tinha inquestionável direito a ocupar o trono de seu pai e o vice-Rei teria aceitado seu pedido, se ele houvesse sido feito; mas havia muitos pontos que se levar em consideração e muitas dificuldades pela frente. A atitude de Órion (quando era Rainha) havia trazido muita impopularidade para a dinastia e Alcyone não poderia assumir o trono com segurança, senão após muito derramamento de sangue, ao qual ele se opôs.

E, assim, depois de longas e cuidadosas deliberações com sua sábia esposa, Heracles, e com o Sacerdote Mercúrio, decidiu deixar que o destino seguisse seu curso. De fato, prontamente, como se persuadiu de que seu dever não o obrigava a iniciar nenhuma ação, alegrou-se de poder deixar a política de lado para dedicar-se ao estudo.

Sua irmã Órion, agora no corpo de Theseo (anteriormente era sua mãe, a Rainha), viu claramente que os dias de independência do reino tinham deixado de existir e pensou que podia ser politicamente bom para ela atrair e seduzir o oficial que exercia as funções de governante. Como era astuta e bonita não teve nenhuma dificuldade em assediá-lo e adquirir uma considerável influência sobre ele.

Foi, sem dúvida, bastante prudente para não se casar com ele, pois pensou que, provavelmente, seria enviado de Atlantis um governador permanente e ela tinha planos para seduzi-lo com seus encantos.

Após quase dois anos de espera, chegou Sirius como novo regente, homem sério de uns trinta anos, justamente da mesma idade do corpo dela, ainda que somente o possuísse há apenas uns vinte anos.

Começou, então, a exercer sobre ele suas artimanhas, mas, a princípio, ele não se sentiu estimulado. À medida que passou a conhecê-lo melhor, ficou impressionada com seu caráter e terminou por apaixonar-se perdidamente por ele. Sob a influência deste sentimento, ela deixou de

lado todas as suas artes, tornando-se natural e, portanto, muito mais atraente para ele, que começou então a interessar-se vivamente por ela.

Órion desejava ardentemente seu amor, mas também sentia muito respeito e temor por ele. Sirius a pediu formalmente em matrimônio ao seu irmão Alcyone; este deu seu consentimento e, assim, tornaram-se marido e mulher.

Sirius era um homem de princípios firmes e sentimentos religiosos a ela, agora, examinava suas ações do passado sob uma luz inteiramente nova. Muitas vezes, inquietou-se pelo fato de pensar na sua reação caso soubesse do seu passado, pois sabia do seu caráter decidido pela verdade e pela retidão e era dado a julgar com desprezo aqueles que não praticavam tais virtudes. E assim, muito a alegrava saber que ele não pudesse investigar o seu passado, mas, pouco a pouco, à medida que ia sentindo-se profundamente mais apegada a ele, sentia frequentes impulsos de confessar-lhe tudo.

A luta destes desencontrados sentimentos foi tornando-se cada vez mais forte, conforme os anos iam se passando, sentindo-se, às vezes, esgotada, como se estivesse rasgada em pedaços.

Sirius observou que sua esposa sofria moralmente por algum motivo e, com frequência, a interrogava a respeito, mas ela nada dizia.

Finalmente, ela decidiu falar com Mercúrio, guia espiritual muito instruído, a quem, até então, havia evitado e, sob a chancela do sigilo, confessou-lhe toda a terrível verdade pedindo-lhe conselhos.

Ele disse que, a fim de quebrar o feitiço, fazia-se necessário um grande sacrifício: ela deveria lançar ao mar a esmeralda, confessar ao seu marido toda a verdade e, após renunciar a ele e aos seus filhos, ir viver na floresta, em completo isolamento.

Ela sentiu seu coração despedaçar, mas como estava resolvida a seguir as instruções recebidas, acompanhada do próprio instrutor, foi à praia e lançou a esmeralda tão longe quanto pôde, ao fundo do mar; depois Mercúrio pronunciou sobre ela umas invocações solenes e a abençoou, mandando-a para casa contar tudo a seu marido.

Sirius ficou muito comovido, desconcertado e confuso. No começo, ficou tão aturdido que não pôde fazer outra coisa que confortar sua esposa, mas logo foi capaz de controlar, em certa medida, seu raciocínio que protestou contra a decisão imposta pelo Sacerdote, quanto à separação do casal.

Juntos foram ver o Sacerdote, Sirius expôs o caso. Disse-lhe que sabia quão terrível era sua esposa por estar ligada à magia negra, mas argumentou que, por esta mesma razão, deveriam passar juntos pela prova, já que, obviamente, era dever do marido ajudar e sustentar a mulher. Também argumentou que, como havia seis crianças pequenas, seria injusto ficarem sem a presença da mãe.

O Instrutor concordou com ele e disse que tudo isso era verdadeiro, mas insistiu que o esposo deveria pensar no bem estar de sua esposa como um Ego e nem tanto com o bem estar e felicidade de ambos nesta vida, mas a necessidade de que ela ficasse livre da funesta ligação com o mago negro.

A esposa concordou e designou a sua amiga íntima, Hélios, como madrasta de seus filhos, e tentou persuadir Sirius para que a tomasse como esposa. Ele, embora estivesse de acordo com o fato de Hélios ser a tutora das crianças, não quis tomá-la como esposa, declinando atender ao pedido de Órion, dizendo-lhe que se procedesse como ela queria não poderia sentir-se fiel a ela.

Órion, então, renunciou à família e retirou-se à caverna para ali viver como celibatária. Sirius tratou de fazer o possível para tornar tudo o mais confortável para ela. Obteve permissão do Sacerdote para fazer uma visita mensal, e essas visitas continuaram até a morte dela, vinte anos mais tarde.

O mago a molestou constantemente por um período de muitos anos; aparecia com frequência tentando fazer com que ela se submetesse à sua vontade. A ligação que havia entre eles permitia

que agisse desta maneira, mas, seguindo o conselho de Mercúrio, ela nunca falhou em resistir com todas as suas forças, por mais que a luta a deixasse completamente esgotada.

Mercúrio a incentivava dizendo que este agudo sofrimento era parte do preço que havia de pagar, mas que, se conseguisse aguentar, teria assegurada a vitória final e, assim, estaria completamente livre dessa particular má influência por todas as suas vidas futuras.

Após alguns anos de luta incessante, ela desenvolveu forças suficientes para tornar-se imune aos ataques e visitas do bruxo, assim a frequência dos ataques foram decrescendo até que, por fim, não a molestou mais.

Depois disto, Mercúrio felicitou-a dizendo ser o portador de uma mensagem de um grande ser: “que a ação havia sido bem executada, mas que somente era parte de um grande trabalho ainda por realizar, que havia muitas debilidades que deveriam ser eliminadas, à custa de muito sofrimento e muitos poderes a desenvolver, mas que, quando passasse a tormenta e a flor de sua Alma se abrisse, ela se converteria em Mestre Construtor do Templo e por ela o mundo se alegraria”.

Assim, desencarnou Órion como uma asceta, sendo considerada uma santa. Sirius renunciou ao seu posto, fez com que se nomeasse outro governador e retornou a Atlantis em companhia de Alcyone, como já foi dito no livro, *As Vidas de Alcyone* (Vida XXIII).

De todas as vidas examinadas, esta série de três é, talvez, a mais notável sob muitos aspectos; certamente, poderíamos incluir nesta observação todas as seis vidas de Órion já examinadas. Até certo ponto, o envolvimento com a magia negra é uma possibilidade provável de ter acontecido com todos nós, em uma determinada época da nossa história passada; nosso desejo de conhecimentos de coisas ocultas, provavelmente, tenha-nos colocado em contato com ela, mas isto vai muito além de um simples envolvimento e resulta em muitos sacrifícios inescrupulosos.

A vigésima nona vida de Alcyone (do livro *“As vidas de Alcyone”*) pode ser considerada como correspondente desta em certos aspectos: naquela vida, Alcyone nasceu em circunstâncias indesejáveis, entre uma raça que praticava ritos religiosos sinistros, mas parece que ele sempre os considerou com repulsa e, finalmente, se apartou de tais praticas à custa de uma absoluta renúncia. Entretanto, este caso é diferente, pois é impossível não observar que Órion, em sua vida no Havai, viveu da mesma maneira que seus vizinhos, sem se sentir deslocado, embora fosse mais inteligente que eles. Continuou com a mesma atitude e caráter até a sexta vida, quando sentiu a influência de Mercúrio, Hélios e Sirius, que despertaram nele as qualidades que até então estavam latentes, em sua maior parte, e que lhe trouxeram uma condição em que seu Eu Superior pôde, uma vez mais, dominar o inferior.

Sem dúvida, é evidente que, nas três primeiras vidas de Órion, estivemos olhando não o gradual processo ascendente de um Ego pertencente ao nível semi-selvagem das pessoas entre as quais se encontrava, mas de um Ego que realmente é de uma condição muito mais elevada, mas que foi colocado entre eles pela ação do karma, provavelmente, como resultado de alguma série falta não muito distante do ponto em que iniciamos nossa investigação desta série de vidas. É demonstrado que isto deve ter acontecido pelo fato de que, no ano 70.000 a.C., encontramos Órion como filho de Mercúrio, e como sua neta, no ano 32.000 a.C., de maneira que é evidente que tenha sido um dos grupos de Servidores, desde um período muito remoto. Que o karma dessa caída, qualquer que tenha sido, não está longe de extinguir-se. Também é demonstrado pelo fato de que na presente encarnação, no século XX, a vigésima quinta vida, seguindo a numeração desta série, Órion teve a honra de ter sido colocado à prova por Mercúrio (Mestre Kootumi).

O significado disto foi descrito por mim no livro *“A vida interna”*, e segundo tal descrição, poderá se ver que um Mestre nunca admite uma pessoa, nem sequer a coloca à prova, a menos que considere que haja uma razoável probabilidade de que na mesma encarnação, possa passar para a

Segunda etapa, a de Discípulo Aceito. E, assim, temos todas as razões para esperar que, à medida que passem os anos, Órion siga os passos de Alcyone e talvez lhe sirva de hábil tenente.

Um progresso tão rápido como foi o de Alcyone nesta vida (século XX), é somente o resultado de uma série de vidas, como as que ele viveu, fato que não é possível para qualquer um realizar, mas a meta do Discipulado é a mesma para todos, se bem que os meios pelos quais nos dirigíamos a ela, e a velocidade com que nos deslocamos, são tão diversos como nossas próprias naturezas.

Personagens desta vida

SUL DA ÍNDIA

21 456 A.C.

MERCÚRIO – SACERDOTE

Sírius – Governador nomeado pelo Império Atlante

Órion: Sua esposa

HÉLIOS – Amiga e mãe adotiva dos filhos de Órion

ALCYONE – Herdeiro do trono.

Órion: Sua irmã.

HERACLES – Esposa de Alcyone

Esta vida de Órion durou sessenta e quatro anos e o intervalo entre a próxima vida foi de 1 775 anos. Também completou um ciclo de cinco vidas no sexo feminino. N.T.

IDÉIAS RELIGIOSAS NA ÍNDIA NO ANO DE 21 500 A.C

O idioma usado na Índia não era o sânscrito e as cerimônias, usualmente, começavam com a palavra “Tau” em vez de “Om”. As doutrinas da Reencarnação e do Karma eram amplamente conhecidas pelo povo.

O instrutor Mercúrio sabia da existência dos Grandes Seres, de quem algumas vezes recebia ajuda. Algumas das expressões que agora nos são familiares, estavam em uso, por exemplo: “Eu Sou Aquele”. Mercúrio dizia às pessoas: “Que de todas as qualidades que pudessem desenvolver, de todas as virtudes que pudessem possuir, a mais importante era o poder de reconhecer que TUDO é AQUELE”.

Dizia ele: “Corta uma árvore. AQUELE é a vida da árvore”; “Cava a pedra, AQUELE é o que mantém unidas as partículas da pedra”; “AQUELE é a vida do sol”; “AQUELE está nas nuvens, no rugir do oceano, no arco-íris, na glória das montanhas” e, assim sucessivamente. Estas palavras foram tiradas de um discurso de Mercúrio sobre a morte. Em um livro, no qual ele lia ao povo, existem frases bem conhecidas, tais como: “Uma coisa é o correto, enquanto outra é a doçura; estas duas coisas atam o homem a objetos separados. De ambas procede o bem o que escolhe o correto, aquele que escolhe a doçura, afasta-se da meta. A retidão e a doce complacência vem a um mortal, o sábio examina as duas e as separa. Porque o sábio prefere o reto ao agradável; o néscio toma o prazeroso e a ele se aferra”. Katha Upanishad.

As palavras no livro de Mercúrio não eram exatamente idênticas, mas eram claramente os mesmos versos.

Havia outra sentença: “Se um é morto, eu sou o matador, também sou a espada do matador, já que ninguém mata, nem está morto, porque todos somos um. Não existe primeiro nem último, nem vida nem morte, por que tudo é um Nele”.

Os livros usados por Mercúrio não procediam dos Ários. Este livro que usava foi escrito na Cidade das Portas de Ouro, em Atlantis, por alguém que era membro da Grande Fraternidade (evidentemente era o original do Katha Upanishad). Pertencia a uma grande coleção e havia passado de mão em mão, através de muitos séculos. A história do menino Nachiketas ainda não havia sido conectada a ele.

Em um Templo não havia nenhuma imagem. A religião não adorava o Sol (ao menos não exclusivamente); mas bem era adoração aos Poderes da Natureza. Fora do Templo, havia um grande touro de pedra, colocado de frente para o templo e olhando para dentro. No Interior do Templo havia um arranjo curioso: uma depressão e não um altar elevado. Por dois ou três degraus, descia-se até uma grande plataforma baixa e quadrada, pavimentada com belos azulejos, depois havia uma depressão no centro com um corrimão em volta. As pessoas jogavam flores dentro da depressão, no meio da qual havia uma louça, que era especialmente sagrada; havia alguns caracteres gravados, mas não pudemos decifrá-los.

Em outro Templo, havia muitas imagens colocadas em nichos na parede do fundo. Ali, as pessoas usavam vestimentas diferentes das do Templo anterior e alguns homens, claramente, se distinguiram como sacerdotes. As imagens estavam sentadas com as pernas cruzadas e tinham apenas dois braços. Provavelmente, era esta a antiga forma de Jainismo, e as imagens estavam desnudas, outras tinham uma espécie de gaze como envoltura, possivelmente consideradas como vestimentas, ou como símbolo de algo tradicional.

Em outro Templo, bem distante dali, localizado ao norte, já havia um Lingam. Ali a Trimurti (trindade) estava plenamente reconhecida, ainda que os nomes não fossem os mesmos de agora.

Em um Templo, localizado numa caverna, havia um rosto gigantesco lavrado na rocha, que possuía três faces, a forma como estavam disposta só permitia que se visse uma face de cada vez, devido ao ângulo visual.

Havia um grande Templo no Sul da Índia, que também continha uma Trimurti. Tentamos descobrir o significado do nome gravado nela, para ver que ideia estava relacionada a ela na mente do Sacerdote. Um dos sacerdotes assim pensava sobre o significado: “AQUELE cuja vida flui através de tudo”; porém um outro tinha a ideia de que as três pessoas da Trimurti significavam: “Ele que abre as portas, Ele que guia a corrente e Ele que cerra as portas”. Não vimos aqui mostras das imagens de múltiplos braços que hoje são tão numerosas.

Os sacerdotes tinham ideias muito firmes sobre um “Lago de Luz”, o qual também era Morte, Vida e Amor; todas as correntes conduzem ao “Lago de Luz”, de onde quer que pareçam proceder. Também havia traços da teoria de que tudo o que vemos é ilusão, mas a única realidade é o “Lago de Luz”: “Vivemos no “Lago de Luz” e não o conhecemos, pensamos em nós como separados, mas cada um é uma gota no lago”. Parece que os sacerdotes ensinavam às pessoas resguardarem-se da ilusão dos sentidos e buscar e realizar em AQUELE que é a verdadeira presença por trás de tudo e que as formas separadas eram gotas separadas. “Quando caem, outra vez se unificam”, diziam: “Somos nós mesmos que criamos as dificuldades e os sofrimentos”.

Tinham uma oração para “Os Senhores que são a Luz e cuja essência é Luz”.

O acima escrito representa algo do que se ensinava ao povo, mas neste pequeno e estritamente privado círculo familiar, Mercúrio estava disposto a ir mais além e expor o verdadeiro significado dos símbolos e a dar mais abundante e ampla informação sobre o “lago de Luz” e os “Senhores que são a Luz”.

Ele lhes falou de um grande instrutor que podia ser invocado com certas orações e cerimônias, cujas bênçãos podiam descer sobre eles, se as pedissem com fervor e coração puro. Eles O invocavam em suas reuniões e sempre obtinham uma resposta e, em duas ocasiões muito especiais, Ele mesmo se materializou.

Este ser era aquele a quem conhecemos como Mahaguru (Buda), sua especial conexão com esse grupo derivou de uma vida anterior em que Ele havia fundado esta religião e, como fundador dela preparou para que, sob certas condições apropriadas, respondesse às invocações feitas pelos seus verdadeiros seguidores.

Ele infundia na mente de Mercúrio a solução de certos problemas e as respostas às suas perguntas, em matéria de religião, e, uma ou duas vezes, deu-lhe instruções pessoalmente.

Este país existiu ao norte do Irã, na antiga Pérsia; o tipo racial era turaniano, a quarta sub-raça do tronco Atlante.

Após todas as estranhas experiências pelas quais Órion havia passado em corpo feminino, houve, agora, uma troca de sexo, nasceu filho de pais em boas condições, donos de terras e possuidores de considerável riqueza.

A família havia sido grande e rica, mas a cidade havia crescido tão rapidamente que, por esse tempo, em termos monetários, as coisas já não iam tão bem para a família, entretanto, eram respeitados como pessoas de poder e consideração.

Sua mãe Hélios era a mesma que na vida anterior havia sido escolhida por Órion, para tomar conta dos seus filhos, quando se retirou para viver uma vida de asceta religiosa. Seu pai, Lomia, era muito orgulhoso das tradições familiares e amargamente lamentava a falta de meios suficientes para mantê-la no antigo nível. Hélios, não obstante simpatizar com os desejos de seu esposo, procurava transmitir-lhe paciência e contentamento.

Tinham um filho, Aquiles, mais velho que Órion, a quem a mãe amava com muito ardor; à medida que crescia, mais se interessava pelos negócios do pai.

Nesse ambiente, Órion passou a sua infância e todas as influências ao seu redor eram no sentido de restabelecer a fortuna da família, como a coisa mais desejável a ser feita no mundo. Também havia uma irmã, Egéria, mais jovem que Órion, com a qual ele era sempre bondoso, mas achava que teria sido melhor ter um outro irmão. Todos receberam uma certa educação.

Uma escrita curiosa foi ensinada a Órion, tosca e semi hieroglífica, traçada em grandes e grosseiros caracteres; a habilidade da escrita não era comum à maioria das pessoas da nação; os livros eram poucos, somente algumas coleções de máximas religiosas ou filosóficas, outras sobre temas medicinais e também sobre processos de fabricação, sendo isto o máximo que os investigadores puderam observar.

A religião era algo vago e indefinido, parecendo mais um culto aos antepassados do que outra coisa. As pessoas se reuniam ocasionalmente nos Tempos e, então, recitavam-se versos e invocações, mas os Tempos não eram decorados por nenhum tipo de imagem religiosa. O estilo de arquitetura pareceu-nos, curiosamente, baixo e pesado, comparados à nossa era moderna.

Órion era muito querido por sua mãe, mas o pai e o irmão maior, embora sendo bondosos com ele, consideravam-no como todas as outras coisas, meramente como necessárias para a restauração do antigo status familiar.

A expansão do país era impossível, pois ao sul existia uma nação muito poderosa, altamente desenvolvida e civilizada, a qual tinha a tendência de conquistar, ocupar e absorver as nações vizinhas. As demais fronteiras eram rodeadas por tribos nômades, guerreiras e saqueadoras, por isso grandes grupos de habitantes já haviam emigrado para o Este, mas o pai de Órion recusou-se a abandonar os domínios ancestrais.

Quando Órion tinha dezoito anos, casou-se com Sygnus, uma boa menina e juntos tiveram quatro filhos, o mais velho foi Vesta, depois Rigel, do sexo feminino e Bella e Parthe, como varões.

Órion possuía muitos planos para dirigir os negócios da família, mas seu pai e seu irmão maior manobravam tudo e mantinham tudo em suas mãos. Ele buscava ansiosamente uma forma de empregar as suas energias, mas como a família não queria se rebaixar a iniciar atividades mercantis, ele não tinha muito o que fazer.

Finalmente, Muni, um pobre homem a quem ele havia ajudado quando se encontrava em extrema dificuldade e pobreza, contou-lhe, como forma de gratidão, uma estranha história acerca de um grande tesouro escondido que havia encontrado acidentalmente quando era caçador na região norte do país. Havia trazido consigo algumas poucas coisas que pudera carregar, com a intenção de algum dia regressar com ajuda e obter o restante, mas tinha sofrido um acidente na viagem de regresso e se sentia tão debilitado que, provavelmente, nunca conseguiria reabilitar-se.

Órion ficou muito interessado e excitado com a história e, quando o caçador morreu, mencionou o fato ao seu pai e ao seu irmão que não se interessaram pelo caso, considerando-o um simples conto, improvável e indigno de maiores investigações.

O morto possuía uma filha em uma cidade distante e havia implorado a Órion que fosse buscar o tesouro e entregasse a maior parte dele à sua filha, ficando, como recompensa, com uma parte pela sua boa ação. Mas Órion pensava em empregá-lo em seus planos caso o encontrasse.

O pensamento do ouro escondido inflamou sua imaginação; pensou muito nele e, finalmente, decidiu sair em sua busca, agindo contrariamente aos conselhos de seu pai e de seu irmão. Posto que eles não o ajudariam, só poderia organizar uma expedição muito pequena e pobremente equipada.

Ele e seus poucos acompanhantes viajaram durante semanas entre as montanhas; as provisões acabaram e tiveram que suportar incriveis penas, sem obter sucesso em encontrar o local descrito pelo falecido caçador. Por fim, foram capturados e escravizados por uma quadrilha de homens ferozes, pertencentes a uma das tribos nômades. Foram muito maltratados, muitos morreram, entretanto Órion viveu doze anos de grandes sofrimentos.

Embora, na sua casa, sua esposa e filhos o considerassem como morto, todos com exceção do segundo filho, Bella, que, contra todas as opiniões pessimistas, ainda persistia na crença de que seu pai estava vivo, anuncio a vontade de ir à sua busca, tão logo tivesse idade suficiente. Quando completou dezoito anos, decidiu que não poderia demorar-se mais e organizou uma expedição de resgate, apelando ao seu avô e ao seu tio que o ajudassem. Estes recusaram, qualificando o seu plano de sonhador; então, voltou-se para o seu irmão maior Vesta, que na realidade, também não acreditava que o pai estivesse ainda vivo, mas algo em seu foro íntimo lhe dizia que havia alguma possibilidade.

Como havia se casado com Aldeb e tinha alguns filhos, sentia naturalmente que não deveria se afastar de sua casa, mas estava de acordo em ajudar o irmão a equipar uma expedição.

Bella não tinha a menor ideia de onde encontrar seu pai. Como única recordação, possuía apenas a lembrança do conto do tesouro, que havia escutado quando era criança, de apenas oito anos. Quando seu pai, Órion, saiu em busca do tesouro, tinha já trinta anos. Seu propósito não era encontrar o tesouro, mas resgatar seu pai. Ele supunha que o pai havia sofrido algum acidente que o impedia de voltar, mas abrigava a certeza de que ainda estava vivo.

Na sua infância, pensava na possibilidade de que seu pai pudesse ter sido capturado por alguma das tribos e, portanto, havia se esmerado em aprender a linguagem e os costumes de algumas tribos nômades. Assim, quando a sua expedição se encontrava próxima de alguma tribo, ele ia sozinho, disfarçado, fazer as suas investigações; arriscando a própria vida, entrava nas comunidades nômades sem ser descoberto.

Após dois anos de aventura, finalmente o encontrou como escravo de uma das tribos, embora tinha tido enorme dificuldade em reconhecê-lo naquelas condições e depois de doze anos. Ambos

elaboraram um plano de fuga e Bella, que então já conhecia bem as colinas, conseguiu se esconder e também sua expedição.

Durante as idas e vindas da tribo que o havia escravizado, Órion descobriu os sinais descritos no conto pelo amigo morto e sabia o local onde o tesouro estava escondido, com êxito guiou a pequena expedição até o local, conseguindo desenterra-lo. Após muitas vicissitudes e penalidades chegaram a salvo com o tesouro para grande assombro de toda a família.

O pai de Órion já havia falecido e o irmão mais velho Aquilles era o chefe da família. Depois que todos os membros da expedição foram generosamente recompensados, ainda restou uma verdadeira fortuna. Como era quase certo que a nação em que viviam seria absorvida pela poderosa nação vizinha, decidiram através de um conselho familiar unirem-se a uma das correntes de emigrantes para o Este, levando consigo o tesouro.

Viajaram em uma grande caravana que avançava muito lentamente levando seus rebanhos e manadas, acampando durante o inverno nos meses mais frios. Finalmente, a família se estabeleceu em uma comarca fértil na parte sul da China. A riqueza da família lhes deu projeção na comunidade e Aquiles foi eleito chefe da colônia, manobrando com habilidade os assuntos. À medida que o tempo passava, outros personagens de *“As vidas de Alcyone”* apareceram em cena, porque o filho de Vesta, Mira, cresceu e casou-se com Selene, sendo seus filhos Sirius, Alcyone e Ájax e suas filhas Veja e Mizar. Quando o bisneto de Órion, Sirius, chegou à idade suficiente de desenvolvimento, tornou-se muito apegado com o velho bisavô, andando sempre juntos. Órion contava suas histórias de quando era cativo, como foi a busca ao tesouro, de forma que, quando morreu aos setenta e um anos, a perda foi muito grande e sentida para o menino.

O caráter de Órion havia melhorado muito desde os dias vividos na Índia, e era muito forte o seu poder de amar, mas ainda havia muito egoísmo e desejos de riqueza e poder, assim algo de inescrupuloso em seus métodos. Entretanto, desde os dias de sua vida como feiticeiro da ilha vulcânica no Havaí, há quatro mil e duzentos anos, a sua transformação foi sensível e pouco comum para a evolução da época.

Personagens desta vida

BACTRIA

19 617 A.C.

ÓRION

Lomia: Seu pai

Sygnus: Sua esposa

Egeria: Sua irmã

Vesta, Bella e Parthe: Seus filhos

MUNI – Homem pobre

ALDEB – Esposa de Vesta.

Hélios: Sua mãe

Aquiles: Seu irmão

Rigel: Sua filha.

MARROCOS

18 301 A.C.

CAPÍTULO 8

Nesta ocasião, encontramos nosso herói em um novo corpo, em uma raça Árabe, vivendo na África do Norte, próximo de Marrocos, em uma ilha situada no mar cujo leito era o agora deserto do Saara. Nasceu filho de um rico comerciante dono de terras e navios.

Órion, ao ser contrariado, costumava ter ataques de cólera e demonstrava resolução no sentido de impor sempre a sua vontade. Quando ainda era muito jovem, fez amizades com pessoas de má índole.

Antes de completar vinte anos, casou-se com Sigma, a quem não amava, mas que havia sido escolhida por seus pais. As duas famílias acertaram o casamento dos dois jovens, sem pedirem a mínima opinião deles. Tiveram vários filhos. Órion apaixonou-se mais tarde por outra mulher, Épsilon, pessoa de mau caráter; não conseguiu ocultar seus sentimentos e separou-se da esposa causando-lhe muitos desgostos.

Épsilon era muito bonita e tinha muitos admiradores, mas demonstrava uma preferência por Órion devido aos presentes que este lhe dava. O filho do governador, Câncer, também a admirava e era mais rico que Órion, além do atrativo social de possuir muito mais poder que o seu rival.

Finalmente, ela elegeu Câncer como seu preferido, apesar da fúria de Órion a quem ela ainda manteve fazendo-lhe a corte; um dia, Órion os encontrou juntos em um bosque e louco de raiva lançou-se sobre eles, lutando com seu rival.

Ela desmaiou, ou fingiu estar desmaiada. Na luta, Câncer foi morto por Órion, que imediatamente pegou sua amada em seus braços fugindo para outro local. Quando ela voltou a si, estava nos braços de Órion; começou a gritar e a lutar com ele para se libertar.

O caminho escolhido para fuga passava por um enorme barranco e, na luta, ambos perderam o equilíbrio, caindo ribanceira abaixo. Na queda, Órion ficou dependurado, pois conseguiu agarrar-se em alguns arbustos, sofrendo ferimentos leves, enquanto a sua amante feriu-se seriamente, pois rolou até o fundo. Órion tentou resgatá-la, mas achou que ela também havia morrido. Algumas pessoas que haviam visto a cena chegaram ao local correndo e gritando. Repentinamente, Órion caiu em si: acabara de matar o filho do governador e sacrificara também aquela a quem amava, embora ela estivesse muito machucada estava apenas desmaiada e não havia morrido.

Ele imaginou que não teria um julgamento imparcial e, tomado por violenta emoção, fugiu para a praia perseguido por alguns moradores, que foram ao seu encalço.

Ao chegar à praia, seu coração se acelerou ao ver um veleiro, que reconheceu como sendo um dos navios de seu pai, que manobrava para passar por um estreito formado entre a costa e uma grande rocha. Lançou-se ao mar, nadando desesperadamente; com muito esforço, conseguiu alcançar o barco. Os marinheiros o içaram a bordo, muito extenuado o levaram a salvo; ele ainda tinha a impressão de que sua amada havia morrido naquela queda, quando ambos caíram do barranco.

No curso da viagem, o barco passou pelo Estreito de Gibraltar e foi sacudido por enormes tempestades; a frágil embarcação, construída para cruzar águas mansas de um mar interno, não aguentou e afundou aos tremendos golpes de enormes ondas do Atlântico. Órion conseguiu salvar-

se segurando em um pedaço de madeira e, após algumas horas sendo sacudido por ondas enormes, alcançou terra firme sendo lançado à praia, inconsciente.

Despertou na praia, que fazia parte de uma ilha apenas habitada por animais; estava completamente isolado do mundo. Conseguiu manter-se vivo comendo frutas e caçando alguns animais.

Viveu nestas condições durante vinte anos, pois a ilha se situava longe das rotas de navios mercantes; em seu íntimo sentia que as chances de sair de lá eram mínimas. A única possibilidade seria a chegada de algum barco afastado de sua rota por alguma tempestade, ou ventos contrários.

A solidão e a constante introspecção produziram uma grande mudança em seu caráter. Como tinha muito tempo para pensar, gradativamente deu-se conta da vida indigna que havia levando, que todas as atribulações e sofrimentos causados a si mesmo e aos demais eram frutos de suas paixões e egoísmos; fez votos de que, se algum dia fosse resgatado, viveria uma vida melhor e mais digna.

Foi tal o efeito desta nova direção de seus pensamentos que, depois de vinte anos de solidão, encontrava-se em paz e se sentia com muito mais idade do que realmente tinha.

Finalmente, apareceu um barco desviado de seu curso por ventos contrários, foi resgatado, mas quase não conseguia falar uma palavra devido ao longo tempo sem se comunicar com ninguém.

Foi levado ao continente ganhou algumas roupas dos seus salvadores, mas nenhuma ajuda em dinheiro.

Começou a pé sua viagem de volta ao Marrocos, conseguindo realizar o feito após uma longa e cansativa viagem cheia de sofrimentos.

Temendo ser reconhecido, ocupou-se de pronto com algumas tarefas como criado, para poder manter suas necessidades básicas enquanto investigava a situação da sua família, do governador e da família da garota Épsilon, que julgava morta.

Por fim, descobriu que toda a família do Governador havia se mudado e que os seus familiares haviam desaparecido por completo, assim, sentiu que havia passado o perigo de ser reconhecido e julgado pelos seus crimes.

Descobriu que somente uma mulher havia restado da família de Épsilon. Como essa pessoa vivia em um lugar afastado, pensou em visita-la, o que fez nos próximos dias.

Dirigiu-se ao local e ficou espreitando para ver se reconhecia a pessoa até que apareceu uma mulher parecida com a menina, só que já mais velha. Sentindo a segurança de que ela havia morrido, pensou que talvez esta fosse filha da outra e dirigiu-lhe a palavra. Entretanto, ela o reconheceu de imediato, e depois das saudações, contou-lhe tudo que havia se passado.

Devido ao acidente, ela teve sequelas em uma das pernas, ficando inválida e abandonada por todos os seus pretendentes, levando uma vida de solidão.

Durante todos aqueles anos, ouviu os comentários maldosos a respeito de sua conduta e havia chegado à conclusão de que não havia agido com retidão com seus pretendentes e amigos, sentindo-se culpada por tudo que havia sucedido. Em sua imaginação havia chegado a pensar que Órion era o melhor de todos os homens e que ela não havia sido justa com ele.

Épsilon tentou ajudar Órion a encontrar sua esposa e filhos, mas todos os esforços resultaram em fracasso. Por fim, ambos se casaram e viveram em paz, já que haviam desenvolvido a qualidade de serem prudentes. Ele sentia a sua saúde quase arruinada, mas restava, ainda, algo de seu antigo desejo pelo poder. Ela possuía algum dinheiro que havia economizado e com ele começaram um pequeno comércio que tocaram até o fim de seus dias, levando uma vida comum e ordinária.

Personagens desta vida

MARROCOS

18 301 A.C.

ÓRION

Sigma: Sua primeira mulher

Épsilon: Sua segunda mulher

Câncer: Seu rival

O drama sombrio desta nova vida se passa na região sul de Poseidonis, na raça Akadiana que, não obstante ser independente, ainda pagava tributo ao Imperador Tolteca. A população era constituída mais de artesãos e comerciantes do que de agricultores.

Nas regiões de fronteira do Grande Império Tolteca, o país se achava em uma situação de inquietação, pois os comerciantes sofriam muito com os ataques de piratas, que as autoridades não conseguiam reprimir.

Os piratas exerciam certo domínio sobre a população, atemorizando os distritos mais afastados e obrigando os comerciantes a pagarem uma espécie de tributo para não serem atacados.

Órion foi filho de um rico mercador que o amava muito e o tinha como possuidor de um futuro promissor. Desde a mais tenra idade, recebeu certa classe de educação comercial aprendendo o preço de várias mercadorias, especialmente sobre as gemas, inclusive como comprar barato e vender o mais caro possível.

Quando chegou à idade viril, seu generoso pai concedeu-lhe uma boa participação, mas Órion, prontamente, excedeu-se no chamado “prazeres da vida”, entregando-se a uma vida degradante. Como seu pai tinha uma limitada confiança nele, Órion adquiriu o hábito de furtar pequenas quantidades que extraía dos negócios e que somava à sua participação, apesar desta já ser grande.

Enamorou-se de Gamma, uma mulher de caráter mesquinho, que constantemente exigia-lhe presentes caros e que o incentivava a roubar seu pai. Finalmente, para satisfazer-lhes os caprichos, ele tramou um grande desfalque, quando recebeu o pagamento de um carregamento de mercadorias e apossou-se do dinheiro.

Fazendo uso de mentiras e desculpas, encobriu o desfalque por algum tempo, mas finalmente viu que a descoberta seria iminente. A única pessoa que poderia comprometê-lo era Zeta, o rapaz que havia lhe entregado o dinheiro. Gamma aconselhou-o a desaparecer com Zeta, para que o segredo não fosse descoberto. Oportunamente, para eles, um barco pirata estava à mão, próximo à costa, e ela sugeriu que ele fosse sequestrado e vendido como escravo aos piratas.

Órion executou o plano e, pelo momento, o crime cometido permaneceu em segredo.

Ao cobrar novamente do comerciante o dinheiro que já havia sido pago, supôs-se que o mensageiro havia fugido com a soma e, como consequência, família devedora caiu em desgraça, ficando completamente arruinada.

Diante do fato acontecido, Órion sentiu algum remorso, pois a irmã da sua vítima era uma amiga com quem ele havia mantido um relacionamento íntimo; mas sua amante o persuadiu a ficar em silêncio, deixando as coisas seguirem o seu curso.

Para satisfazer a insaciável ambição e vaidade de Gamma, logo ele teve que praticar novos furtos e, novamente, viu-se a ponto de ser descoberto. Desesperado, insultou e culpou a mulher por quem havia cometido àqueles crimes; ela, muito enojada, disse-lhe que se não conseguisse mais dinheiro o trocava por outros homens dispostos a lhe pagarem. Tiveram uma grande briga, ela, na realidade, já estava cansada dele e, com a ajuda de alguns amigos, tramou para que ele fosse

sequestrado e vendido aos piratas como escravo. Órion foi feito prisioneiro e obrigado a trabalhar num galeão pirata.

Finalmente, foi levado a uma ilha que servia de abrigo aos corsários; ali encontrou Zeta, a vítima que ele mesmo havia vendido anos antes. Imediatamente, travou-se uma luta, com Zeta querendo mata-lo, mas os piratas separaram os dois briguentos e, depois de ouvir os relatos de ambos, num refinamento de crueldade sentenciaram-nos a ficarem encadeados no mesmo banco do navio e a movimentar o mesmo remo.

Noite e dia, por muitos anos, jamais ficaram livres um do outro, nem por um momento; essa associação tão estreita criou um clima de ódio tão intenso, que apesar de estarem presos às correntes procuravam lutar furiosamente. Como resultado, eram açoitados pelos capatazes e ficavam meses sem se falarem, nutrindo lúgubres pensamentos.

Um dia, quando o remo se partiu, em uma manobra num porto, Zeta, instintivamente, impediu que a madeira se chocasse contra o corpo de Órion, à custa de um tremendo esforço físico salvou-lhe a vida. Órion, frequentemente sentia remorso e arrependimentos e, este ato de Zeta, fez com que isto viesse à tona e pela primeira vez conversaram como amigos.

Com frequência agora discutiam em voz baixa planos para escapar, mas nunca se apresentava a ocasião nem havia a mais remota possibilidade de realizarem tal façanha.

Mas, finalmente, essa oportunidade chegou. Um dia o galeão pirata atacou um navio muito mais forte que manobrou de forma a cortar a fileira de remos, deixando assim o galeão indefeso e incapaz de manobrar. Muitos escravos foram mortos pelos próprios remos, mas alguns poucos foram lançados de seus bancos durante o choque e entre eles nossos dois amigos.

O galeão pirata avariado ficou à deriva e se chocou com as rochas, lançando os sobreviventes ao mar. Zeta ficou muito ferido, mas Órion, ainda que bastante machucado, conseguiu com muito esforço leva-lo até a praia aproveitando a ressaca do mar. Receberam ajuda de alguns pescadores e todos juntos levaram o ferido a uma das choças, onde permaneceu muitos dias acamado. Quando Órion se restabeleceu, passou a trabalhar para os pescadores em troca de teto e comida, para ele e seu amigo e dedicou cada tempo livre a aliviar as dores de Zeta.

Este teve uma prolongada enfermidade, pois havia lesionado órgãos internos e, somente após um ano é que foi possível caminhar e empreender a marcha, embora estivesse débil e ferido. Órion desdobrava-se em cuidados e o ajudava com solicitude.

Mendigando, ambos se encaminharam lentamente até o Norte, ao longo da costa, rumo a uma grande cidade. Ali chegando, Órion encontrou emprego com um ourives, que a princípio o empregou por compaixão, mas depois começou a achá-lo muito útil. Nesta época, Órion contava com quarenta e dois anos, pois havia permanecido como escravo dos piratas por quatorze anos e fazia dois anos que havia se libertado.

Gradualmente, Órion se levantou e seu conhecimento sobre joias lhe foi muito útil. Durante todo este tempo, ajudou Zeta a se manter até que um dia este desencarnou.

O ourives morreu depois que Órion havia trabalhado com ele e, como os herdeiros estavam ocupados com outras coisas, ele assumiu a direção de uma parte dos negócios. Tornou-se duro e avarento e, apesar do negócio ser pequeno, gradualmente acumulou riquezas.

Todavia, depois de dez anos de trabalho, perdeu tudo devido à falta de honradez de um funcionário. Agora estava muito velho para obter trabalho regular e, assim, gradualmente foi piorando, voltou a mendigar para poder sobreviver e viveu na pobreza e na obscuridade até uma avançada velhice.

Nesta vida, como na anterior, ele começou com boas oportunidades, mas eram seus desejos tão fortes e irrefreáveis que o arrastaram ao encontro deles. Quando um desejo se apossava de sua vontade, ele haveria de satisfazê-lo a todo custo e sem consideração alguma para com os outros,

completamente sem escrúpulos em seus métodos, quando se tratava de limpar obstáculos que se interpusessem. Em cada caso lhe foi dada a oportunidade de refletir e de se arrepender; na vida anterior, por um longo período de solidão, e nesta, por um período mais curto de sofrimento positivo.

Em ambos os casos, aproveitou a oportunidade até certo grau, que se fez patente nos últimos anos de sua vida.

Durante estas duas vidas: a Semita e a Akadiana, esteve separado dos egos que o haviam ajudado, com o objetivo de ver se já podia guiar-se sozinho. O êxito não foi muito grande, mas houve uma melhora no final.

Personagens desta vida

POSEIDONIS

17 228 A.C.

ÓRION – Vendido como escravo

Gamma: Sua vendedora

Zeta: Seu companheiro de escravidão

Novamente nasceu Órion, no centro da Ásia, em uma raça Tártara completamente nômade, não obstante alguns de seus membros já terem participado a radicar-se e a construir cidades, com uma grande dose de esplendor barbárico, mas com muito pouco educação.

As mulheres usavam, em grande profusão, toscos ornamentos feitos de ouro, mas não recebiam muita educação, a não ser preparar certas ervas medicinais e vendar feridas.

Órion foi filho de Aglaia, um oficial de elevado cargo, espécie de presidente ou governador de distrito, cujo dever o obrigava a viajar constantemente por toda a sua província. Amiúde, ia com toda pompa, levando consigo, em uma caravana, toda a sua família e serviçais. Durante os intervalos destas viagens, vivia em uma das principais casas da capital da província.

O treinamento de Órion foi quase inteiramente militar; foi-lhe ensinado a cavalgar tão pronto como caminhar; a atirar com o arco; a usar a lança; uma curta espada e uma espécie de cassetete. Desgraçadamente, na mesma cidade vivia Gamma, que havia exercido nas últimas duas vidas tão má influência sobre ele.

Era um adolescente de apenas dezesseis anos, quando a sombra daquela mulher sem princípios caiu outra vez sobre a sua vida. Ela já estava secretamente casada, sem o conhecimento de seus pais e não obstante, desenvolveu uma forte paixão por Órion e prontamente conseguiu atraí-lo com suas artes.

Como antes, ela queria presentes caros e valiosos e o atordoado jovem se viu em apuros para conseguir os meios de satisfazer seus desenfreados desejos.

Isto aconteceu por alguns anos e poderia repetir, até certo ponto, a vida anterior, se não houvesse entrado em cena uma segunda jovem, Hélios, a quem ele teve a oportunidade de salvar, certo dia, de uns ladrões em uma estrada. Ela era exatamente o reverso da outra, selvagem e livre, mas tímida e modesta; uma adorável criatura natural, enquanto a outra mulher era atrevida, desavergonhada e artificial.

Hélios cavalgava pela estrada acompanhada de um serviçal, Kappa, quando dois bandidos se precipitaram sobre elas; segurando os cavalos pelas rédeas, trataram de arrancar um colar do seu pescoço. Ao observar isto, Órion galopou a toda pressa, caindo sobre o dois assaltantes, abatendo um, enquanto o outro fugia, então ele tranquilizou Hélios, que estava muito assustada e se mostrava muito agradecida por sua audaz intervenção, enquanto ele se sentia atraído e profundamente impressionado por sua beleza. Caminharam juntos por meia hora, compartilhando o prazer de se sentirem mutuamente atraídos.

Quando chegaram próximo ao povoado, antes de se separarem, ele lhe perguntou o nome, foi quando descobriu que ela era filha de um negociante que tinha com a sua família uma cruel e odiosa relação vinda de gerações passadas, quando se matavam entre si. Cada família foi criada com a ideia de considerar com o maior horror e desprezo tudo que se referisse à facção oposta.

Órion dirigiu-se a sua casa profundamente desalentado, já que tinha resolvido conhecer melhor a sua protegida e agora se dava conta de que surgiram as mais formidáveis dificuldades em seu caminho.

À medida que os dias passavam, a impressão causada nele pela garota foi crescendo em vez de apagar-se e sentiu que, com essa sagrada imagem em sua mente, ele não poderia ter com outra mulher.

Quando se passaram alguns dias, a outra, ansiosa, com medo de que lhe escapasse das mãos tão valiosa fonte de presentes, mandou busca-lo. Ele foi, pois não podia evita-la, mas seus pensamentos estavam ocupados em algo muito distinto e naturalmente mostrou-se frio e distraído; a mulher queria mais dinheiro, mas ele não tinha mais interesse por ela e sentia aborrecimento e desagrado.

Entretanto, tratou de reiniciar essa antiga relação por encontrar-se desesperado a respeito do seu novo amor, não vendo como conquista-la e sentindo-se totalmente indigno dela, ainda que pudesse obter êxito. Suas investidas não lograram sucesso; a aventureira se deu conta do vazio dos seus pretextos e tiveram inúmeras brigas e desacertos. Ele não parava de pensar na beleza daquela jovem que havia resgatado e passou a rondar a casa onde ela havia entrado, sem saber se ela estava ali ou não.

Para ele, era impossível esquecer aquele rosto, apesar de tê-la visto somente uma vez. Tentou esquecê-la, mas não conseguiu. Lutou bravamente contra o sentimento que o obsidiava e que, longe de dissipar-se, crescia mais e mais forte. Deixou de encontrar-se com a outra mulher e reformou inteiramente a sua vida.

Finalmente, chegou à conclusão de que era inútil lutar mais tempo contra seus sentimentos e assim, solenemente, informou ao seu pai os fatos e declarou que, apesar da disputa entre as famílias, aquela jovem deveria ser sua, se ela estivesse disposta a aceita-lo. O pai pensou que seu filho havia ficado louco; não quis escutar suas proposições e ainda menos considera-las e passou a evitar a presença do próprio filho.

Órion manteve-se leal à sua resolução, tornando-se uma pessoa contrariada e intratáveis; ao final, o seu pai o colocou para fora de casa, deserdando-o. O jovem ficou assim em uma situação peculiar; deserdado, sem dinheiro e sem casa por causa de uma mulher que viu somente uma vez, sem saber se ela se interessava por ele.

Claramente há uma melhora sobre a vida anterior, por causa de um verdadeiro amor ele estava disposto a renunciar à sua amente, uma mulher má; reformar sua conduta e perder tudo que havia constituído sua vida até então.

Afastou-se com seu cavalo, suas armas e mais nada; posto que houvesse sido proscrito de sua família pelo amor à sua dama, ele pensou que o melhor que podia fazer era cruzar a estepe que o separava do povoado onde ela morava. Ao chegar lá, passou a refletir sobre a melhor maneira de fazer a abordagem, pois sabia que os parentes de Hélios, provavelmente, no ato, matariam-no, se descobrissem sua identidade, por causa do ódio entre as famílias.

Finalmente, concluiu que a audácia era a melhor política e a mais digna, resolveu que deveria ir abertamente ao pai da jovem e pedir sua mão; mas sua maior dificuldade consistia em que não sabia se a garota lhe correspondia, portanto, decidiu averiguar seus sentimentos antes de agir.

Justamente quando já estava se desesperando, teve a boa sorte de encontrar-se com a jovem que a acompanhava na feliz ocasião de seu encontro com a sua amada. Em um momento, fez-se reconhecer e induziu a servente a falar de sua senhorita. Com toda a clareza, ela o incentivou porque lhe disse que, amiúde, ela falava dele e que certamente gostaria muito de voltar a vê-lo, tratando logo de acertar uma data para tanto.

Já era tempo de que a Órion chegasse alguma fortuna, porque se encontrava muito pobre e, às vezes, sem ter até o que comer e, por ser muito orgulhoso, não fazia amizades com facilidade.

No dia seguinte, esteve no lugar do encontro e se regozijou ao extremo ao ver a dama de seu coração aparecer em companhia da servente. Expressou os seus sentimentos amorosos e ela,

ruborizada, admitiu que não podia sentir-se indiferente a tão grande devoção. Ao escutá-la, sentiu-se transportado ao paraíso, mas começou a considerar o que poderia fazer, pois achou que não havia esperança alguma para um deserdado proscrito ter a pretensão de obter a concessão do pai dela para o casamento. Ela manifestou sua disposição em espera-lo, mas expressou seus fervorosos desejos de que a espera não fosse muito longa. Finalmente, decidiram que não era possível esperar e que ele deveria ver o pai dela imediatamente.

A tentativa de ocultar o fato de haver sido deserdado bailou em sua mente, apresentar-se como um enviado de sua família a propor uma aliança, a fim de dar por terminada a inimizade e pedir a menina em casamento também lhe atraía; mas, depois de pensar muito, abandonou tais ideias, pois considerou que estas mentiras o tornavam indigno de obter a mão de sua amada.

Quando ele se apresentou ante a casa com aparência de castelo, onde ela tinha sua morada e anunciou seu nome ao sentinela, houve uma grande comoção. Levaram-no à presença do chefe e ali, destemidamente, disse ao seu inimigo hereditário que desejava casar-se com sua filha. A surpresa surtiu seus efeitos, o chefe não pôde sequer indignar-se; pensou que o rapaz estava louco, de forma irremediável, e seu primeiro impulso foi mandar que o encarcerassem em um calabouço do castelo; mas, depois de ponderar bem, ordenou que o pusessem para fora, advertindo-o de que, se voltasse, poderia se considerar um homem morto.

Órion sentiu-se muito afortunado de haver saído livre, mas não sabia o que fazer. Chegou à conclusão de que tinha que ganhar dinheiro de alguma maneira para alimentar-se e resolveu buscar algum trabalho; isto, sem dúvida, não era coisa fácil, porque não havia sido educado para ser trabalhador útil, mas refletiu que em uma comarca próxima e limítrofe poderia manter-se da caça e, assim, por algum tempo, viveu uma espécie de vida cigana.

Vinha seguidamente à cidade e ainda que não pudesse ver a sua amada, às vezes, encontrava-se com a servente para enviar ou receber mensagens da sua dama. O conselho da servente era que não devia esperar mais tempo e fugir com a dona do seu coração. Ele replicou que o faria com muito gosto se pudesse leva-la a um palácio digno dela. A próxima vez que viu a donzela, esta lhe trouxe uma mensagem em que a noiva dizia que não era necessário leva-la a uma primorosa residência, que seu amor se conformava com uma cabana; depois disso, tudo se arrumou com facilidade. Um dia, ela escapou furtivamente da casa e fugiram juntos.

O pai ficou furioso quando descobriu que a filha havia desaparecido, ainda que não soubesse a parte que o jovem havia tomado no drama. Mandou saírem ao seu encalço, mas eles já haviam tomado uma grande dianteira e não puderam encontra-los, pois se ocultaram em uma das tribos nômades. Certamente, foi uma evidência de amor verdadeiro o que estes dois, acostumados a todas as comodidades e luxos que, na época, poderia se oferecer, houvessem renunciado a tudo só para estarem juntos, conformando-se em viverem em curiosas choças negras de uma tribo primitiva que transportava gados através do deserto de uma pastagem a outra (Vale recordar que na vida anterior, Órion não renunciou voluntariamente à sua posição, senão que foi sequestrado). Estas pessoas, até certo grau, eram também predadores, porque exigiam contribuições em alimentos das tribos mais débeis, mas receberam os nossos amigos fugitivos de bom grado e vagaram com eles pelo país durante anos, passando muito longe de seus lugares nativos.

Estando sozinhos entre pessoas que eram mais bárbaras e primitivas que eles, acabaram se aproximando muito um do outro. Órion estava convicto de que sua amada havia tido uma vida formosa e pura, enquanto a sua havia sido machada tristemente e, assim, pensava dela, sempre com humildade e uma forma de adoração, que inquestionavelmente era boa para ele. Ela, por sua vez, não pensava mais que em sua bravura e em tudo que havia abandonado por ela. E assim, admirando-se mutuamente, viveram muito feliz, ainda que em um ambiente físico tão horrível, rude e pobre.

Órion se ocupou de caçar para a caravana em troca de alimento e morada para ele e sua esposa; logo trocou algumas peles por gado e, de sorte, tornou-se proprietário de umas poucas cabeças, como os homens da tribo.

Durante anos andaram errantes com a tribo e tiveram três filhos, sendo Aldeb o maior e Eros, a segunda, uma filha. Mais tarde incorporaram-se a outro bando de mais elevado tipo que se encontrava em guerra com uma tribo vizinha. Órion ofereceu seus serviços, que foram ansiosamente aceitos, e quando sua participação resultou vitoriosa, ele recebeu uma parte considerável dos despojos dos vencidos, tornando-se novamente rico. Então ele e sua família abandonaram, por completo, a vida errante e se assentaram entre seus novos amigos da tribo vitoriosa.

Enquanto isso, as notícias da fuga de ambos haviam chegado à família de Órion, que se sentia furiosa, considerando que ele havia desgraçado o nome e arrastado para o lodo a honra da família ao aparentar-se com seus inimigos hereditários. Seu pai despachou seu irmão Escorpião para encontra-lo e mata-lo, já que pensava que somente com sangue se poderia lavar a afronta e a sua honra.

Escorpião, depois de muito trabalho, descobriu o paradeiro de ambos, mas encontrando-os domiciliados entre uma tribo poderosa e guerreira, vacilou em atacá-los diretamente. Pensou em ser mais acertado aliar-se com um bando de ladrões que, há muito tempo, depredavam e saqueavam aquele distrito molestando os moradores.

Esses bandidos ocupavam um pequeno vale de solo rochoso entre as colinas, tão bem defendida pela natureza que parecia quase inexpugnável. Estava rodeada de precipícios de setenta metros de altura; um rio despenhava formando uma cascata; entre um extremo do vale e o outro, no qual o rio desembocava, abria-se a única entrada possível. Os bandidos haviam fortificado o local, construindo uma pequena muralha que atravessava a entrada, deixando somente uma estreita passagem que sempre estava guardada.

Escorpião disfarçou-se e, com outros bandidos, esteve vigiando Órion até que o viu, a certa distância do povoado e então caíram sobre ele. Sendo guerreiro bem treinado, Órion obteve êxito em repelir o ataque, matando um dos assaltantes e ferindo os outros dois, que trataram de escapar. Estava ferido, mas não seriamente. Considerou este ataque como um assalto de ladrões ordinários, sem ter a mínima ideia de que seu próprio irmão estivesse relacionado com ele.

Escorpião sentia-se agora mais decidido que nunca a causar-lhe dano, ainda que tivesse medo de encontrar-se diretamente em combate com ele. Idealizou um plano para raptar o pequeno herdeiro Aldeb, que tinha apenas sete anos. O nefando plano obteve êxito e o sofrimento dos pais foi indescritível. Na verdade, a angústia da mãe era tal, que Órion que a amava tão profundamente, quase enlouquecido com o sofrimento dela, jurou apaixonadamente resgatar o filho, se ainda estivesse vivo.

Olhando ao redor, com grande cuidado, em busca de alguma pista que indicasse o que havia se passado, encontrou uma espécie de garfo, que estava prendendo sobre a parede próxima, à porta de entrada da sua própria habitação, alguns pedaços de tecidos rasgados, um ou dois fios da roupa do menino e também um fragmento de uma classe particular de tecido azul escuro, com uma pequena fibra de erva apegada a ela. O garfo estava pendurado muito acima da cabeça da criança, pelo qual deduziu o pai, que quando se travou em suas roupas, alguém o levava carregado. O tecido azul era totalmente estranho, motivo pelo qual achou que era da roupa do raptor, a pequena fibra de erva pertencia a uma espécie de planta, que crescia somente em uma região do distrito, uma área pantanosa, justamente na saída do vale onde moravam os bandidos. Imediatamente, deduziu Órion, onde poderia estar seu filho e resolveu resgatá-lo, isto é, se os ladrões ainda não o tivessem matado, mas lógico era supor que o menino ainda estivesse vivo.

Todos tinham medo de enfrentar o bando de ladrões, sobre quem pesava uma grande reputação de ferocidade, mas Órion gastou grande parte de sua fortuna em arregimentar um grande número de homens para atacar a fortaleza. Foi sozinho reconhecer o terreno e logo decidiu que nada poderia ser tentado pela entrada vigiada, e que seus homens teriam que escalar de algum modo a colina e descer até o vale pelo precipício. Construiu uma escada de cordas com pedaços de madeira, algo novo naquele país, e decidiu que uns poucos, os mais corajosos e atrevidos, deveriam descer por este meio, enquanto o resto manteria os bandidos ocupados.

Os bandidos guardavam somente a entrada, tendo perfeita confiança de que as elevações não poderiam ser escaladas. Desde o vale, poderia se alcançar o cume do precipício, somente depois de uma grande volta no monte, que levaria várias horas. Assim, Órion colocou seus homens em posição não muito distante do precipício, de forma a não atrair a atenção dos bandoleiros. Depois, com muito trabalho, reuniram-se em cima de alguns penhascos e, com tudo pronto, quando Órion ia iniciar a descida, um dos bandidos deu o alarme. Em um instante os ladrões saíram correndo de suas choças e dispararam suas flechas contra os atrevidos invasores, mas, ao mesmo tempo, Órion iniciou seu ataque, pois os seus homens escondidos em uma posição mais alta dispararam chuvas de flechas, enquanto outros derrubavam rochas pesadas sobre as cabeças dos ladrões que avançavam e lançavam também bolas de lã empapadas de azeite com fogo que, em poucos minutos, queimaram as habitações. Muitos bandidos já estavam mortos ou feridos.

Entretanto, Órion havia descido por sua rústica escada, sendo o primeiro a se lançar abaixo e confiar no precário suporte. Tão logo chegou ao fundo do vale, fixou o extremo da corda para que o seu pessoal descesse com mais segurança. Os bandidos estavam tão ocupados que só um homem foi necessário para proteger o pé da escada, permitindo aos demais descerem com rapidez. Os seus homens em cima das rochas não pararam de atirar pedras e disparar flechas. Quando já havia cinquenta dos seus reunidos no fundo do vale, arremeteu em furiosa carga sobre os bandidos que restavam, que foram exterminados depois de uma feroz e desesperada luta, à qual se juntaram depois os outros homens de Órion que desciam pelas rochas do penhasco.

Órion, no fragor da batalha, buscava ansiosamente o homem de roupa azul. Ao avistá-lo, arrojou-se loucamente sobre ele, matando-o com as próprias mãos, mas sofreu um terrível choque emocional ao descobrir que era seu próprio irmão a quem havia matado.

Levantado o campo, foram encontrados vários prisioneiros que estavam à espera de ser resgatados, assim como um grande número de mulheres que os bandidos haviam raptado em diferentes ocasiões. Entre estas, ele teve o imenso prazer de encontrar o seu filho, são e salvo, embora bastante atemorizado.

Levou o garoto, em triunfo, a sua casa, para alegria de sua esposa e a reunião de todos foi emocionante, embora manchada pela sombra de um fratricídio. Órion estava triste e perturbado pelo ocorrido, mas sua esposa o confortou, fazendo-o ver que não era o responsável, pois não sabia a identidade de seu inimigo. Não obstante, o pensamento o molestou muito e, mais ainda, quando os vizinhos evitavam encontra-lo desde que o fato tornou-se de domínio público. Finalmente, toda a família decidiu abandonar esta parte do país e ele retomou a rota que o levava à sua antiga morada, com a intenção de se entregar ao seu pai e tentar explicar o ocorrido. Antes de chegar ao local soube que seu pai havia sido assassinado pela parte contrária da velha inimizada hereditária e que sua família estava quase exterminada e que ele era o único homem sobrevivente. Por tal motivo tomou posse das propriedades, tendo persuadido a sua esposa que era melhor não falar do fratricídio, que era ignorado pelas pessoas do lugar. Por consideração a ela, não tomou nenhuma medida de retaliação contra seus parentes, apesar da reprovação de muitas pessoas para que não deixasse sem vingança a morte de seu pai.

Passou o resto de sua vida de forma tranquila e desencarnou com a idade de cinquenta e oito anos; alguns anos depois morreu sua esposa.

Sem dúvida, esta vida mostra uma considerável melhora sobre a anterior; não somente por uma maior determinação, mas pela ausência de cobiça e avaréza. Notar-se-á, sem dúvida, que, para executar esta mudança, foi necessária a aproximação de dois Egos que sempre o haviam auxiliado e influenciado para o bem; de maneira que a vitória não foi apenas sua. Poucos de seus amigos estiveram com ele desta vez. Sirius foi seu bisavô, mas desencarnou antes dele nascer. Sirius havia se casado com Bella e dois de seus filhos tiveram papel importante na história de sua tribo, á que seu filho Deneb, foi um grande líder político e militar, enquanto o segundo filho, Lira, foi um filósofo e um célebre religioso, considerado um mestre e profeta. Órion teve cinco filhos, três durante a vida errante com os nômades e dois depois.

<u>Personagens desta vida</u>	<u>TARTÁRIA</u>
	15 690 A.C.
<u>ÉPSILON</u>	
Dafne: Seu pai.	Hebe: Sua mãe
Aglaia: Seu marido.	Camaleon: Sua filha
<u>Órion, Escorpião e Flora: Seus filhos.</u>	
<u>ÓRION</u>	
Hélios: Sua mulher	Aldeb e Pégasus: Seus filhos
<u>Eros, Sagit e Ophiuchus: Suas filhas.</u>	
<u>GAMMA – Aventureira</u>	
<u>KAPPA – Serviçal de Hélios.</u>	

CAPÍTULO 11

O cenário desta vida tem lugar no que é agora o Canadá, ao norte do Lago Superior. Por aquele tempo, os Grandes Lagos tinham uma configuração diferente ad atual e o clima era mais frio.

O pai de Órion, Ursa, pertencia a uma raça muito parecida com a dos esquimós, que eram de pouca estatura, vigorosos e de pele escura. As pessoas viviam em casas de paredes muito grossas, feitas com dupla fileira de troncos. A tribo emigrava cada ano para dedicar-se à caça, mudando-se para o sul no inverno e ao norte no verão e, com frequência, construía choças de neve em suas viagens.

A mãe de Órion, Sirius, era a filha do chefe; seu pai, Ursa, era um homem egoísta e intrigante que tratava com aspereza sua esposa. Órion sempre sentia medo dele, embora seu pai demonstrasse boa disposição quando se lembrava dele.

Quando tinha sete anos, observamos que amava sua mãe e a auxiliava a cuidar de seus irmãos mais jovens, em número de seis, sendo gêmeos dois deles.

Nessa época, seu pai se enamorou de outra mulher, Gamma, trazendo-a para casa em lugar de Sirius a quem despediu. Ela, a princípio, tentou cuidar das crianças, mas na verdade não os queria e em breve começou a trata-los com crueldade. Órion chegou a odiá-la. Frequentemente, não havia comida para toda a família e a fome o fez egoísta e até o levou a roubar. De fato, converteu-se em um pequeno selvagem, baixo, porém forte para a sua idade, com olhos negros muito vivos. Sua fome interna de amor não era compreendida agora que sua mãe tinha ido, assim teve sempre que se reencontrar em si mesmo e se tornou áspero, com frequência cruel; não porque gostasse da crueldade, mas por estar tão centrado em si mesmo, que nem sequer pensava nos demais.

Após alguns anos, sua mãe reapareceu e pediu que lhe fosse permitido ver seus filhos algumas vezes, mas a nova esposa obrigou o pai a recusar o pedido.

Órion era atrevido e forte, odiava a madrasta, desprezava todas as mulheres e havia perdido o carinho da própria mãe. Algumas vezes, saía a caçar com seu pai, mas ainda discutiam. Quando já tinha dezesseis anos, seu pai foi atacado por um urso e ficou muito machucado. Gamma vendo que ele nunca mais se recuperaria, fugiu com outro mais jovem, não sem antes levar algumas joias e algumas armas.

Órion não gostava de ficar em casa cuidando de seu pai ferido e prostrado em uma cama passando muito mal. A primeira esposa, Sirius, quando soube do estado de seu ex-marido, voltou para casa e passou a cuidar dele até que recuperasse a saúde. Nessa época, Órion já tinha seus próprios hábitos; era desconfiado de sua mãe e de todas as mulheres; era intratável e grosseiro e não correspondia ao amor dela, nem a ajudava com as demais crianças. Todos deviam se curvar aos seus caprichos, senão, se punha colérico e irritado.

Já estava incontrolável, permanecendo, às vezes, fora de casa por dias inteiros. Dando vazão aos seus impulsos passionais, seduziu Sigma, a filha de um vizinho, uma menina da sua idade. Isto foi descoberto e causou um grande alvoroço, porque, sob tais circunstancias a menina não poderia ser dada em casamento a outro, tornando-se uma pessoa indesejável.

O conselho da tribo se reuniu e decretou que, jovem como ainda era, Órion deveria se casar com Sigma e leva-la para morar na casa do seu pai, o que resultou em uma boca a mais para alimentar, sendo que já não havia alimento suficiente para todos.

O pai ficou muito desgostoso, mas a mãe tratou de aliviar a situação naquilo que era possível. Órion era ligeiramente bondoso com sua jovem esposa, mas logo chegou a considera-la uma carga e um obstáculo para as suas ambiciosas pretensões.

Por alguns anos, a família viveu de forma precária, ele e sua jovem esposa tiveram alguns filhos, pelos quais ele sentia algum carinho, mas desgraçadamente todos morreram e o sofrimento tornou-o ainda mais duro. Finalmente, resolveu incorporar-se a outra tribo, já com a idade de vinte e quatro anos. Prontamente, adquiriu fama de bom caçador e hábil negociante de peles e forros de pelo. Por razões políticas, casou-se com Nu, a filha de uma pessoa importante e com ela obteve um bom dote. Ele não sentia nenhum carinho especial pela sua esposa, mas teve dois filhos que muito amava, especialmente Theseo. Quando as crianças tinham sete e cinco anos respectivamente, sua esposa morreu e ele não tinha nenhuma pessoa para cuidar delas.

Justamente nessa época, no curso de uma de suas viagens, encontrou-se novamente com sua tribo e soube que seu pai havia morrido e que sua mãe Sirius e sua primeira esposa, Sigma, estavam vivendo juntas em situação de penúria. Ambas se alegraram ao voltar a vê-lo e se ofereceram para cuidar de seus filhos, ele aceitou a proposta e retornou com seus pequenos filhos à sua tribo e devido ao amor de sua mãe pelos netos, reacendeu nele o mesmo amor que tinha por ela quando pequeno.

Sirius sempre lamentava a sua ausência, de forma que agora se sentia muito feliz com sua volta e por ter recobrado seus carinhos. Devido a tanto sofrimento, morreu quando ele tinha trinta e quatro anos, mas a vida na casa seguiu igual, já que ele se ligou novamente à primeira esposa e se entendiam melhor agora. Ela cuidava bem de seus filhos e logo tiveram também alguns. Ele havia se tornado menos egoísta, ainda que continuasse impulsivo; agora se dedicava a uma vida familiar, que durou certa de vinte anos.

Morreu aos cinquenta e seis anos. Na sua maior parte, esta vida foi uma prova para ver se, sob condições desfavoráveis e ocupando um corpo difícil, poderia o Ego imprimir à personalidade o amor e o desapego. Em grande parte obteve êxito e, assim, na próxima vida haverá uma mudança de sexo.

<u>Personagens desta vida</u>	<u>CANADÁ</u>
<u>URSA – Seu pai.</u>	<u>14 507 A.C.</u>
<u>SIRIUS – Sua mãe.</u>	
<u>GAMMA – Sua madrasta.</u>	
<u>SIGMA – Sua primeira esposa.</u>	
<u>NU – Sua segunda esposa.</u>	
<u>THESEO – Seu filho</u>	

POSEIDONIS

13 671 A.C.

CAPÍTULO 12

Nesta ocasião, Órion retorna à Poseidonis como filha de Alastor, que era Rei de uma tribo das montanhas da raça Atlante, do ramo Tlavatlis. Era uma criatura muito bela e possuía o dom de cativar a todos. Entretanto, a ligação com seus pais não a favorecia, pois Alastor era um tipo áspero, severo e notavelmente torpe, que não entendia os seus filhos. Sua mãe Eta, embora de trato mais suave e permissivo, era um tanto desligada e mentirosa. Órion era muito sensível à influência de Ursa, seu irmão, um ano mais velho, que a tiranizava, ordenando que fizesse os seus caprichos. Isto durou toda a infância, mas ela tinha por ele muita admiração e amor e por isso obedecia às suas vontades. Ela mesma era uma menina selvagem e impetuosa, rebelde a toda autoridade, exceto a do irmão a quem se submetia fielmente. À medida que cresceu, as relações com seu irmão não foram puramente fraternais, com dezesseis anos a verdade foi descoberta e houve um grande escândalo.

O néscio e velho Rei não possuía nenhum tato, nem sequer teve o bom senso de cuidar do assunto e resolvê-lo de forma sigilosa, como facilmente poderia fazer. Ele queria fazer alarde de sua imparcialidade e tornou o caso de domínio público, ordenando a execução de sua filha e o desterramento de seu filho. O filho, apesar de ser egoísta, não tinha a intenção de deixar que matassem sua irmã. Planejou e executou a fuga de ambos; esconderam-se nas matas e rumaram para a fronteira do país.

Houve um grande alvoroço no reio e soldados foram ao encalço dos fugitivos, mas estes tiveram sucesso em iludir seus perseguidores que tomaram outro rumo; fizeram crer que havia fugido pela orla marítima.

Ursa construiu uma cabana de troncos e viveram por completo uma vida idílica, sozinhos em um bosque, felizes com tudo, se bem que com alguns desgostos ocasionais. Algumas vezes, Órion sentia falta da adulação a que estava acostumada na corte de seu pai, mas o amor e as delícias da liberdade a satisfaziam perfeitamente.

Em breve nasceu o primeiro filho, Sirius, uma bela e forte criança e logo esta nova sensação de maternidade dominou por completo sua vida com exclusão de qualquer outro pensamento. O pai estava interessado também na criança, mas não profundamente.

Havia um costume no país: o filho maior do Rei deveria levar sempre o símbolo de uma serpente tatuada em volta da cintura e na cor vermelha, mas isso era reservado para os que se encontravam na linha direta de sucessão ao trono. Naturalmente, o marido de Órion tinha esse símbolo e ele mesmo fez uma tatuagem igual na pele de seu filho, como sinal de que era herdeiro do trono, apesar de haver nascido na obscuridade do bosque, longe de toda pompa da corte.

Um ano depois, uma menina, Vega, veio trazer felicidade ao casal. Ela com suas duas crianças formavam um bonito quadro quando brincavam e se banhavam na corrente do rio que passava bem em frente à sua cabana. Da vida na corte, com toda a sua agitação, ela se lembrava apenas vagamente, mas, com frequência, fazia planos para o futuro de seu filho; pensava como ele iria assumir os seus direitos de nascimento e ser reconhecido como herdeiro do trono.

Seu irmão, agora que a novidade da vida no bosque estava passando, começou a se cansar dela e a pensar que havia comprado seu amor a um custo muito elevado. Os desgostos passaram a ser mais frequentes, e em sua mente fazia planos para recuperar sua posição de Príncipe. Depois de algum tempo, abandonou a esposa e se encaminhou até um porto, ao qual pretendeu chegar por mar. Assim, ele retornou à capital e se anunciou ao seu pai, o Rei, que o aceitou de bom grado, perdoando-lhe.

Negou conhecer o paradeiro da irmã, e no geral, aceitou-se a teoria de que ela havia perecido ao intentar escapar da prisão.

Prontamente, acertou o Rei um casamento para ele, que aceitou, ainda que não houvesse esquecido inteiramente a sua adorável irmã a quem havia abandonado na selva; ela lhe era muito mais agradável do que sua nova e insonsa esposa e ele, se pudesse tê-la sem sacrificar sua posição, assim teria preferido.

Entretanto, Órion, encontrava-se em um estado de grande indignação e miséria; no que concernia à parte meramente material da vida, ela tinha pouca dificuldade, pois podia obter frutas silvestres e extrair algumas raízes alimentícias, bem como, manejar algumas armadilhas para pegar alguns pequenos animais do bosque. Não tinha roupa para ela, nem para as crianças, exceto o que ela mesma preparava com folhas de palma e com peles secas de animais pequenos e de pássaros; mas o clima era tão quente que apenas isso bastava. Conhecendo a teimosia de seu pai, sabia muito bem que, enquanto ele estivesse vivo, jamais poderia apresentar-se na corte e temia ser descoberta, se vivesse no campo entre outras pessoas. Ao mesmo tempo, estava bem resoluta com relação ao seu filho, que de um modo ou de outro, havia de recuperar seus direitos e herdar o trono.

Passou muitos dias pensando sobre os diferentes aspectos do assunto e finalmente decidiu que, em todo caso, o melhor que poderia fazer era permanecer no mesmo local até que seus filhos crescessem. Também esperava que seu irmão se arrependesse e voltasse para ela; ou fizesse algum arranjo pelo qual ela fosse novamente recebida e reconhecida, pelo menos depois da morte de seu pai, o velho Rei.

Ali na selva, ela permaneceu durante anos; as crianças cresceram fortes e felizes; pareciam pequenas estátuas gregas com sua graça e beleza. De pronto, pensou que se seus planos dessem certo e seus filhos viessem a ocupar algum dia seu legítimo lugar no reino, era absolutamente indispensável que eles fossem se acostumando a tratar seus semelhantes, de maneira que, pondo a melhor roupa que tinha guardado quando fugiu da corte, dirigiu-se a uma vila muito distante. Repetiu o experimento algumas vezes de forma intercalada durante alguns anos, sempre evitando levantar suspeitas e nunca indo duas vezes ao mesmo povoado. Desse modo e com a venda de algumas peles, procurou alguns tecidos com os quais fez roupa para os seus filhos, para que as usassem quando fossem apresentar-se entre as pessoas.

Havia um carinho intenso entre ela e seus filhos, assim como, também entre os irmãos. Embora amasse ternamente a sua filha Veja, o menino parecia ocupar o centro de seu coração e ele com reciprocidade a adorava. Vivendo tanto tempo sozinhos e naquelas circunstâncias, todos se amavam profundamente e algumas vezes chegavam a entender-se sem palavras e a enviar mensagens telepáticas à distância.

Quando o jovem estava crescendo, sua mãe relatou-lhe a história de sua origem real e juntos fizeram planos para ele se apresentar na capital e reclamar seu lugar, quando seu avô estivesse morto. No leito de morte obrigou seu filho a fazer um solene juramento: de que iria a seu pai e se anunciaria como herdeiro. Os jovens sentiram profundamente a morte da mãe, sepultaram o corpo no piso da cabana e depois abandonaram para sempre aquele local, onde cada árvore e cada pedra perpetuamente lhes recordaria a perda dela.

Pouco a pouco, dirigiram-se para a capital, cuidando o jovem afetosamente de sua irmã. Quando chegaram lá, ele conseguiu trabalho e ocultou sua identidade até que o velho Rei estivesse morto, mas a serpente tatuada enroscada em volta de sua cintura o denunciou. Depois de muitas e dramáticas cenas obteve, por fim, reconhecimento como herdeiro e quando chegou o seu tempo, ocupou o trono. Sua irmã Veja casou-se com Capella, um dos grandes senhores do reino e a vida foi prazerosa e feliz para ela.

Para Órion, esta encarnação mostrou um distinto adiantamento: manifestou grande poder de amar e suportou muito bem uma pesada prova, triunfando o amor sobre a ambição, sobre o desejo de comodidades e sobre as vaidades.

<u>Personagens desta vida</u>	<u>POSEIDONIS</u>
	13 671 A.C.
ALASTOR – Rei.	
Eta: Sua mulher	Ursa: Seu filho.
Órion: Sua filha.	
<u>ÓRION</u>	
Ursa: Seu marido	Sirius: Seu filho.
Vega: Sua filha	
<u>SIRIUS</u>	
Alcyone: Sua mulher	

CAPÍTULO 13

Nasceu em um corpo feminino, em uma família da elite dirigente do país, fazendo parte, desta vez, de um grupo de Egos adiantados. Tinha a pele de cor bronze avermelhado, seus olhos eram grandes e negros; com o tempo se transformou numa belíssima mulher.

Seu pai, Vesta, era um homem muito influente, pleno de entusiasmo pelo seu trabalho; do tipo intuitivo, desenvolveu a habilidade de fazer as coisas certas e da melhor maneira.

Sua mãe, Mira, cooperava muito com o trabalho do marido, como era usual na classe regente, tinha mais cabeça para os detalhes e com o lado prático das coisas, possuía, em menor grau, a capacidade da intuição.

Não obstante estarem sempre muito ocupados, cuidavam muito bem de seus filhos e os faziam muito felizes. No Peru antigo, todas as crianças eram consideradas filhos do Estado e não dependiam de seus pais para a educação que era ministrada pela classe sacerdotal, os Sacerdotes do Sol.

Tal sistema de educação era muito mais prático que o nosso, sendo o principal objetivo: formar bons cidadãos, úteis e competentes, que compreendessem plenamente todas as probabilidades possíveis de realizar ao longo de suas vidas.

Órion tinha um irmão mais velho, Bella, menino prático e responsável em cuidar de suas duas irmãs mais jovens. Órion e Aquilles; inventava jogos para elas, fazendo-as participar ativamente das brincadeiras. Participavam do convívio com a mais alta sociedade do país, porque Siwa, o filho do Inca, Marte, com frequência era visto entre seus companheiros de jogos.

A família tinha muitas ramificações e as crianças estavam bem providas de primos e primas que constantemente se reuniam, entre eles: Sirius, Hector, Deméter e Hélios. Meninos e meninas estudavam, trabalhavam e jogavam juntos, muito mais que em nossos dias. A pequena Órion parecia dar-se conta de sua beleza e se mostrava orgulhosa entre o grupo de seus jovens admiradores. Sirius, cinco anos mais velho, era muito chegado a ela, que, às vezes, demonstrava muito carinho, chegando até a flertar claramente com ele. Sirius era extremamente tímido e se sentia melhor quando estava sozinho com ela.

Uma vez, quando ela tinha dez anos, ambos caminhavam pelas margens de um rio, quando um crocodilo saiu da água e a atacou. Ela deu um salto para trás e soltou um agudo grito, mas perdeu o equilíbrio e foi ao solo. Não seria possível escapar ao ataque do réptil, se não fosse o reflexo e a rapidez de Sirius, que afortunadamente levava na mão uma grossa estaca afiada em ambas as pontas cujo objetivo era escavar a areia. Justamente quando as grandes mandíbulas estavam a ponto de abocanhar a menina, ele chegou a tempo de enfiar seu braço entre elas, de maneira que a tremenda força da mordida fez com que as pontas da estaca, que ele havia sustentado verticalmente, penetrassem com firmeza nas mandíbulas da besta deixando-as abertas. Pôde retirar seu braço sem haver recebido nada mais que alguns cortes; em seguida arrastou a assustada menina para uma área mais segura. Órion se portou com muito valor e fazendo tiras de seu vestido vedou as feridas de Sirius, que não pôde recuperar a estaca, coisa que sentia muito, já que era muito escassa a madeira naquele país.

Um ponto curioso consistia em que ambos podiam, sob certas condições, ter visões em comum. Quando Órion tinha sete anos e Sirius doze anos, estavam um dia sentados, lado a lado, à margem do rio, quando entraram numa espécie de transe, perderam de vista o ambiente em que se encontravam e se viram à margem de um rio muito pequeno, em meio a um esplêndido cenário, numa floresta como nunca haviam visto no Peru e que não poderiam, por conseguinte, ter imaginado. Eles viviam uma vida completamente diferente, de fato, da vida da última encarnação, coisa que por certo não sabia. Tinham a impressão de que essas imagens duraram muito tempo, quando na realidade, foram apenas alguns minutos. Eles compararam as descrições quando saíram do transe e descobriram que, até nos mínimos detalhes, haviam visto as mesmas coisas.

Experimentaram em outro dia e chegaram à conclusão de que em qualquer momento que se sentassem juntos, sem ninguém por perto e de mãos dadas, poderiam se transportar a esse estado de transe e viver todos os dias essa estranha vida silvestre. Encontraram um grande leite nesta prática e a repetiam de forma frequente. Quando o menino cresceu, suas visões se tornaram mais apagadas e gradualmente ambos perderam essa capacidade, ainda que a menina a mantivesse por mais tempo que ele. A posse desse curioso segredo tornou o laço entre ambos muito mais forte.

Aldeb tinha quase a mesma idade que Sirius e era também um dos seus pretendentes. Órion era muito interessada por música e tocava alguns curiosos instrumentos musicais da época: uma espécie de harmônio de grande poder no qual as notas eram pilares ou cilindros de um metal brilhante, cujos extremos se apertavam como as teclas de uma máquina de escrever, pondo em vibração certas hastes de metal. Ela tocava duas classes de lira, uma de sete e outra de quatorze cordas, que se tocavam apoiadas nas pernas, e também uma grande harpa de muito alcance. Iguamente podia tocar a lira de três cordas que era levada nas procissões e que se tocava com muito efeito acompanhadas das trombetas douradas. Aprendeu também um pouco de pintura, mas não tinha muito interesse nesta arte. A vida era sempre alegre e feliz, o clima esplêndido e as crianças viviam, aprendiam, divertiam-se e ainda dormiam praticamente ao ar livre.

Os pais de Órion tinham uma relação muito amistosa com Mercúrio, Urano e Selene. Mercúrio, em particular, observava Órion; contava-lhe histórias e ensinamentos sobre a adoração de Inty, o Espírito do Sol. Ela também tinha as atenções de uma bondosa tia, Rigel, a quem amava profundamente.

Os costumes matrimoniais eram muito peculiares. Todos os casamentos eram realizados num determinado dia do ano, quando então o Governador reunia diante de si todos os que durante os doze meses haviam alcançado a idade matrimonial, e, quem desejasse, escolhia sua companheira ou seus pais o faziam por eles. Quando tudo estava disposto, uma grande cerimônia se realizava e não havia mais casamentos até o ano seguinte. Um resultado curioso deste notável arranjo era que, astrologicamente, uma grande proporção de nascimentos tinha lugar sob um mesmo signo.

Sirius e Órion, sem dúvida, amavam-se. Sirius se considerava um protetor dela, não obstante, sentia por ela um temor reverencial, reconhecendo-a como um canal – segundo pensava – pelo qual se realizavam seus formosos sonhos, mas era demasiado tímido e se julgava pouco importante para aventurar-se a propor matrimônio. Mas, se ele estivesse por perto quando ela completou a idade devida, sem dúvida nenhuma, teriam se entendido. Entretanto, Sirius, com a idade de vinte e um anos, foi enviado para tomar posse em um distrito distante e, ainda que, em seu caso, a ausência aumentou seu carinho, não pareceu ter o mesmo efeito sobre ela. Quando Órion alcançou a idade requerida, Aldeb solicitou sua mão com insistência, e, como os pais de ambos estivessem de acordo, Órion o aceitou. Sem dúvida, ela foi feliz na escolha como teria também sido feliz com Sirius, mas este nunca se conformou, ainda que, lealmente, tenha se esforçado para aceitar os fatos de bom grado, submetendo-se à decisão dela. Alguns anos mais tarde, foi arrumado um casamento dele com Spica, ele fez o possível para cumprir seus deveres com fidelidade, mas seu primeiro amor

sempre ocupou um lugar supremo em seu coração. Como as famílias eram muito amigas, Sirius manteve os seus sentimentos ocultos. O esposo de Órion não estava diretamente relacionado com os assuntos do governo, mas ajudava em uma espécie de departamento de investigação científica. Não parecia que os experimentos perseguissem algum conhecimento abstrato da natureza, senão que tinha uma finalidade prática, como o descobrimento de um novo fertilizante para a terra, algum novo método de endurecer e amalgamar os metais, alguma novidade para uma tintura mais bela, ou algum medicamento ou unguento especialmente eficaz.

Aldeb tinha dois auxiliares muito inteligentes, um dos quais era Áries, dedicavam grande parte do seu tempo a experimentos de todas as classes. Aldeb inventou um método para fabricar um tipo de combustível artificial particularmente concentrado, que obteve com grande êxito; e também descobriu que podia obter-se uma luz brilhante, queimando certo gás produzido no processo, primeiro caso que temos visto do uso de gás como iluminante.

No curso dessas investigações, Aldeb produziu uma explosão da qual saiu muito machucado e o resultado foi o de ficar acamado por um longo tempo, mas Áries era um tipo de médico e aplicou-lhe alguns remédios que o recuperaram, voltando ele, valentemente, aos estudos e pesquisas, vencendo todas as dificuldades.

Mais tarde, teve como ajudante um jovem estudante, Tauro, atrevido e particularmente inteligente; Castor e Pólux também eram jovens muito interessados nessas matérias, apesar de nenhum deles querer se dedicar definitivamente suas vidas à ciência; Vega, quando jovem, era amigo particular de um dos filhos de Órion e por isso, frequentador da casa.

Órion teve uma vida longa e útil, totalmente ocupada, com todos os gozos e sofrimentos usuais, mas no geral feliz. Foi apresentada solenemente a Marte, o Inca, por Siwa, seu filho, e a cerimônia produziu uma impressão permanente nela, pois o Inca era considerado com grande temor e com grande afeto como a representação vivente do poder do Espírito do Sol. Ele era um homem de majestosa presença e grande força de caráter, indomável em vontade e irresistível em força, embora pleno de bondade. A jovem debutante foi poderosamente afetada e caiu de joelhos, rosto colado ao chão, ante a majestade de sua presença, o que não era parte do programa da cerimônia, mas o Inca mesmo a levantou do piso e lhe falou bondosamente transmitindo confiança.

Em outra ocasião, empreendeu uma longa viagem em companhia do seu marido aos distritos e comarcas do Império. Aldeb foi enviado para examinar e reportar o que encontrasse sobre uns ricos depósitos minerais recentemente descobertos; estiveram ausentes por mais de um ano, tempo em que ela deixou os filhos sob os cuidados de sua irmã mais jovem, que já havia se casado com Deméter, um jovem muito agradável e hábil. Órion sofreu muito com a morte do filho mais velho Theseo, que sendo militar foi morto em combate, quando se encontrava à frente de uma expedição contra algumas tribos bárbaras. Herácles era amiga íntima de uma de suas filhas sendo admirada e amada pela família, assim como também pela filha de Sirius.

Sob as condições daquela época no Peru, a maioria das pessoas vivia até uma idade muito avançada e Órion tinha setenta e sete anos quando foi chamada ao leito de morte de Sirius. Houve uma comovente despedida entre os dois que, por tanto tempo, haviam se amado tão ternamente e, uma vez mais, naquela hora final, ela se sentou à cabeceira, tomou suas mãos e a mística visão de suas infâncias voltou a ocorrer. Viram novamente aquela selva estranha, mas, sem dúvida familiar, com sua solitária, porém deliciosa vida; depois algo que antes nunca haviam visto: o vislumbre de uma cena de uma vida muito anterior em que ambos haviam estado na presença de um venerado Mestre e haviam prometido consagrar suas vidas em ajudar-se na reparação de um grande erro.

Oito anos mais tarde, ela também desencarnou pacificamente e, quando abandonava seu corpo, viu Sirius esperando-a, não como um velho do qual ela havia se despedido em seu leito de morte, mas na forma de um jovem que por tanto tempo havia conhecido e amado.

Considerável progresso foi feito nesta vida, já que teve um grande adiantamento no desenvolvimento de virtudes como: paciência, gentileza e capacidade de amar.

Personagens desta vida

PERU

12 090 A.C.

ÓRION

Vesta: Seu pai.

Mira: Sua mãe.

Bella: Seu irmão mais velho.

Aquiles: Sua irmã menor.

Hector, Demeter e Hélios: Seus primos.

Sirius: Seu pretendente.

Aldeb: Seu esposo.

Theseo: Seu filho menor

Rigel: Sua tia.

SELENE e URANO – Amigos da família.

MARTE – O Inca.

Siwa: Seu filho.

MERCÚRIO – Amigo da família de Órion.

SIRIUS – Amigo e admirador de Órion.

Spica: Sua esposa.

ALDEB

Áries, Tauro, Castor e Polux: Seus alunos.

DEMETER

Aquiles: Sua esposa.

VEGA – Amigo do filho de Órion.

HERACLES – Amiga da filha de Órion.

CAPÍTULO 14

Órion nasceu na região central da China. Seu pai foi uma espécie de Mandarim, ou governador de um povoado; era muito respeitado e, de fato, muito temido pelos seus vizinhos. A mãe era uma pessoa inquieta e ansiosa, submissa ao marido, gritava muito com a criança embora cuidasse bem dela.

Nessa época, tomava-se um cuidado especial com a educação, que principiava na mais tenra idade e, ao que parece, o limite era a resistência física devido aos excessos de exercícios a que eram submetidos.

Ensinaram Órion a recitar versos e poemas enfadonhos sem nenhum significado para ela, mas que obteve compensação lendo os mais incríveis contos de fadas com os quais se deleitava.

O trabalho imposto seria muito penoso para qualquer criança nesta idade, mas esta criaturinha com cara de lua, sobreviveu e ainda se desenvolveu, apesar dele.

Parece que os jogos infantis eram muito poucos, em compensação, realizavam-se certos exercícios físicos. O pai era muito descuidado com ela, embora afetuoso; a mãe o era com certa ansiedade e a criança devolveia o sentimento com uma espécie de frieza, que, aparentemente, era tudo que as normais sociais permitiam.

O lado humano da criança era na realidade capaz de um amor muito mais vívido e, por falta de um objeto para onde canalizá-lo, tinha sempre um sentimento de vazio, de insatisfação, que deixava a sua vida incompleta.

Fez amizade com uma menina vizinha, Theseo, que era dois anos mais velha. Seu amor e admiração pela amiga pronto floresceu em uma devoção positiva; às vezes, escapava sorrateiramente para dormir na casa da amiga. Parece que essa amizade foi o fator mais importante nesta vida que teve uma breve duração, pois com a idade de treze anos Órion caiu no rio e se afogou. Os exercícios de natação não foram incluídos nos muitos conhecimentos que eram passados às crianças.

Personagens desta vida

CHINA
9 686 A.C.

ÓRION

Theseo: Sua amiga.

CAPÍTULO 15

A ilha de Poseidonis foi escolhida novamente para ser o berço de um novo nascimento, na região montanhosa da parte norte do país, no seio de uma raça de cor branca, que havia sido segregada para ser a semente da raça Ariana. Órion nasceu novamente em um corpo feminino.

Sirius nasceu no sexo feminino, quinze anos antes, em um vale distante uns 150 quilômetros, entretanto, só muitos anos mais tarde iriam se reencontrar.

O pai de Órion, Betel, possuía uma vasta propriedade e nela vivia no estilo patriarcal, com muitos empregados e grandes rebanhos de gado.

Órion era uma menina muito ativa e saudável e aprendeu a montar até tornar-se uma exímia amazona. O pai idolatrava a menina e a mãe, Sagit, e permitia comportamentos imprudentes da imperiosa e voluntariosa filha. Todos os empregados rivalizavam-se em encontrar diversões para ela, realizando suas fantasias e caprichos. Naturalmente, cresceu vaidosa e cheia de vontades, resistindo a toda disciplina e insistindo em fazer valer seus desejos nos mínimos detalhes. Se recebesse uma orientação para fazer algo de uma determinada maneira, ela faria de outra forma, ainda que sua própria razão lhe dissesse ser mais razoável seguir a orientação. Raras vezes falhava em realizar suas vontades, de forma que se mostrava sempre de bom humor, mas quando era contrariada, tornava-se arisca e, às vezes, irada.

Seu temperamento era egoísta, com pouca consideração para com os demais, mas era capaz de sentir amor pelas pessoas. Vários jovens se enamoraram dela e parece que gostava de brincar com os sentimentos deles, jogando uns contra os outros.

Ainda não tinha dezesseis anos, quando suas aventuras causaram uma séria disputa entre dois aspirantes à sua mão, Hebe e Stella, na qual este último perdeu a vida. Ela foi considerada culpada de tal tragédia, o que a deixou indignada.

Começou a interessar-se por um rapaz de nome Atlas, um jovem de bom partido, cuja influência positiva, com certeza, modificaria o seu caráter, mas precisamente neste ponto crítico, os vales foram invadidos pelos exércitos Toltecas.

Essas raças brancas do norte, embora nominalmente sujeitas ao imperador Tolteca, sempre tinham mantido um grau muito grande de independência; porém a quantidade de tributos e o modo como eram cobrados resultavam em rebeliões e guerras, com ocasionais incursões dos exércitos Toltecas.

O país era muito montanhoso, dificultando a locomoção, de forma que era impossível ocupa-lo com um exército permanente, mas, de vez em quando, alguns batalhões invadiam os vales, matando os homens e levando os rebanhos. Uma dessas invasões aconteceu nas terras do pai de Órion, que foi morto juntamente com os outros homens, incluindo Atlas, seu noivo.

Todas as mulheres jovens foram feitas prisioneiras e levadas para a cidade Tolteca como escravas. Um mês antes, a mesma expedição invadiu e assaltou o vale onde Sirius vivia e também a fizeram escrava. Ela foi levada ao harém de Eta, um rico Tolteca, começando assim uma vida de escravidão do tipo mais intolerável. Sirius sofreu muito, mas tratou de suportar a prova filosoficamente, esperando sempre que algo sucedesse para melhorar sua condição.

Aconteceu que Órion foi dada ao mesmo homem, ou comprada por ele, e assim, ela e Sirius se encontraram pela primeira vez nesta vida. Órion extravasava sua indignação através de apaixonados protestos contra todos os ultrajes que estava obrigada a suportar. As paixões brutais do dono do harém e de seus amigos, a venenosa inveja e os ciúmes das antigas mulheres já desprezadas, entre as quais se encontravam Gamma e Dafne, fizeram de sua vida um verdadeiro inferno.

A menina, cujo menor desejo era considerado uma lei a ser cumprida na sua antiga condição, agora parecia sucumbir a ser incapaz de suportar a brusca mudança. Seu orgulho e seu capricho foram prontamente aniquilados, sendo obrigada a obedecer instantaneamente às mais abomináveis determinações de seus senhores. Um rancoroso sentido de ultraje não a abandonava nem por um momento, e assim, após uma semana já estava transtornada e meio louca com o horror daquela vida e, por duas vezes, já havia tentado o suicídio.

Então, conheceu Sirius e o fato de ambas serem da mesma raça e região aproximou-as muito. Sirius já havia sofrido muito e passado por tudo aquilo, mas por ser de mais idade e menos delicada e percebendo que era quase impossível escapar, tratou de tirar o melhor partido de sua péssima condição, até surgir a primeira oportunidade para fugir. Cheia de piedade pela pobre amiga, tão jovem e formosa, sofrendo todas aquelas personalidades e torturas, tratou com empenho de protegê-la e de tornar sua carga mais leve. Com frequência, oferecia-se para substituí-la a fim de poupar algum sofrimento ou desgosto.

Órion se apegou à sua amiga com imensa gratidão e comovente devoção, algo bonito de se observar; um fluir de afeto desinteressado evocava nela alguma coisa da mimada vida que levava.

Sirius não evitava esforços para protegê-la, mas ainda com tudo que pudesse fazer, claramente não sabia que, à medida que transcorressem as semanas, ela não seria capaz de suportar a tensão e finalmente sucumbiria, pondo termo à própria vida. A alegre e livre menina montanhesa estava se tornando uma criatura aterrorizada e encolhida, que se assustava com qualquer coisa e pronto irrompia em convulsivo choro.

Qualquer tentativa de fuga resultaria em uma morte terrível sob torturas inenarráveis e o esforço parecia tão sem esperança que Sirius nunca havia pensado, ou acalentado seriamente tal ideia, mas seu amor e compaixão por Órion fez com que abraçasse tal projeto, apesar das terríveis consequências em caso de fracasso. Tinha esperança de salvá-la, antes que ficasse totalmente louca, ou se suicidasse, fato que parecia iminente. Muito tempo passaram planejando a fuga, até conceberem um plano ousado, atrevido e desesperado, mas com alguma possibilidade de dar certo.

Sair da casa, em primeiro lugar, era sua maior dificuldade, mas ainda assim, se conseguissem sair, a cor branca de suas peles as delatariam como escravas e não caminhariam nem cem metros sem serem reconhecidas. Era igualmente certo que, por nenhuma rua daquela cidade, poderia duas mulheres jovens transitarem sem serem molestadas, obviamente, portanto, era necessário um bom disfarce para ambas e não parecia haver meio de consegui-lo.

Entretanto, Sirius, espertamente, passou a conversar com as outras mulheres – o que não fazia antes – e deste modo entrava em suas habitações. Assim obteve alguns cosméticos com pigmentação escura, que, ao ser passado em suas peles brancas, escureciam-nas, tornando-as da mesma cor daquele povo. Resolvida esta questão, surgiu o problema das roupas, e isto as desconcertou por algum tempo, até que um dia Sirius teve a oportunidade de furtar um traje pertencente a um dos visitantes, a toda pressa aplicou a pintura no rosto, braços e mãos, vestiu as roupas de homem que havia furtado e, cuidadosamente, pintou também Órion, vestiu-a com roupas femininas e com um véu usado pelas mulheres Toltecas; depois, decididamente, a tomou pela mão conseguindo passar pelos serviçais e mulheres; entraram na sala pública misturando-se

com os hóspedes, saíram da casa pela entrada principal com toda naturalidade, entre a reverência dos serviçais que as tomaram por um casal Tolteca.

Sem embaraços ganharam a rua, Órion tremia violentamente e de tão nervosa que estava, caminhava com dificuldades. Sirius estava igualmente assustada, mas procurava passar segurança. Seu principal objetivo era se afastar rapidamente da casa, que por tanto tempo havia sido sua prisão e sofrimento.

Como não conheciam a cidade, tomaram uma direção ao acaso, estavam sem nenhum dinheiro, mas Sirius tinha algumas joias que estava usando quando foi capturada e feita escrava; essas joias haviam sido tiradas dela por uma das mulheres antigas, mas ela conseguiu recobrá-las furtivamente antes de fugir.

Passaram por uma loja que comprava e vendia joias, aparentando o porte senhorial Tolteca, entrou na loja assumindo uma voz grossa e grave, ofereceu o colar e depois de algumas negociações aceitou a avaliação, embora sabendo que o valor da joia deveria ser muito maior que aquele oferecido, mas era melhor ter algum dinheiro no bolso e isto as deixou com mais segurança.

Depois da caminhada de alguns quilômetros, ambas estavam exaustas e a ponto de desmaiarem de cansaço, mas sabiam que corriam o risco de serem descobertas e que deveriam sair da cidade. Conseguiram chegar ao subúrbio da cidade e entraram em uma taberna onde compraram alguns alimentos e descansaram um pouco da caminhada. Já era noite quando conseguiram sair da cidade. Discutiram a conveniência de irem para uma pousada, mas decidiram que era muito arriscado, de forma que passaram a noite em um celeiro que encontraram pelo caminho.

Como já estavam bem distantes da cidade, no dia seguinte, após caminharem todo o dia, decidiram dormir em uma pousada. Mas resolveram não correr novamente esse risco.

As pessoas que encontravam eram muito corteses e pareciam não suspeitar de nada, mas se surpreendiam ao ver pessoas de classe viajando a pé, sem serviçais e sem malas, apenas com as roupas do corpo.

À medida que passaram os dias, o dinheiro começou a acabar, não sabiam realizar nenhum trabalho que pudesse servir para sustenta-las, nem poderiam solicitar trabalho vestidas daquela maneira.

Finalmente, passando por um pequeno povoado, Sirius viu uma tenda com roupas de qualidade inferior e resolveu oferecer uma permuta de suas roupas finas, com aquelas de trabalhador camponês, justificando que iriam a uma festa a fantasias e que deveriam ir disfarçadas.

Esta troca lhes trouxe algumas dificuldades porque não pareciam, nem caminhavam como trabalhadores do campo, nem contavam com o respeito dado às classes superiores; tiveram que suportar algumas vezes insultos e palavras ásperas.

Em certa ocasião, um homem vestido como um cavaleiro fixou seu olhar no rosto bonito de Órion e lhe dirigiu algumas palavras impertinentes. Sirius o rechaçou vigorosamente, e ele se afastou, ambas supuseram que estavam livres dele, mas ele apenas dissimulou e começou a segui-las furtivamente. À noite reapareceu pretendendo abusar de Órion. Embora Sirius fosse uma mulher forte, não tinha como enfrenta-lo, de maneira que nestas circunstâncias, teve que desembainhar sua adaga e feri-lo com ela. Temendo serem descobertas, saíram imediatamente desse povoado e andaram por toda a noite. Quando amanheceu, esconderam-se e, desde esse dia, não voltaram a viajar abertamente até que estivessem longe desse distrito.

Seu progresso era necessariamente lento e a caminhada durou vários meses; frequentemente se viam em sérios apuros para se alimentar, a dificuldade era porque havia pouco trabalho eventual que pudessem desempenhar.

Órion se recuperou rapidamente, fortalecida pelo exercício diário e a vida ao ar livre, e voltou a ser como era antes. Na verdade, era apenas uma garota de dezessete anos, mas aquelas poucas semanas de inferno na cidade a haviam marcado e parecia ter o dobro da idade.

Ainda que tivesse recuperado, até certou ponto, sua juventude e elasticidade, jamais perdeu completamente a timidez e o desequilíbrio nervoso que aquelas poucas semanas produziram.

Deram graças aos céus quando, por fim, chegaram às colinas e puderam lavar e remover a horrível pintura que tantas dificuldades as auxiliou a superar.

Mesmo quando se encontraram entre pessoas de sua própria raça, aquela parte do país era governada pelos Toltecas e, portanto, a lei obrigava a devolução delas aos seus senhores que moravam na capital, de modo que, para viver a salvo, tiveram que optar por uma de duas soluções: continuar a caminhar até alcançarem aquela parte das montanhas que era independente, ou buscar refúgio em um convento. Esta última solução era possível, porque no tratado estabelecido com o poder Tolteca no país, havia uma cláusula especial garantindo perfeita liberdade religiosa e a não interferência em qualquer dos estabelecimentos religiosos existentes.

Órion se encolhia de temor só de pensar em cair novamente prisioneira e a assaltava, continuamente, um tremor nervoso de ser reconhecida, ainda onde parecesse menos provável. Quando chegaram a um dos grandes estabelecimentos de um convento, Sirius decidiu por um ponto final à larga tensão de sua fuga e solicitou uma entrevista com a madre Abadessa, Hélios; então lhe revelou seu sexo, pois continuava a trajar roupas masculinas e lhe contou toda a odisseia. Hélios, de pronto, transbordou em simpatia, assegurando que ambas seriam bem-vindas, seja como asiladas temporárias ou como residentes permanentes, e que, caso fossem reconhecidas, estariam perfeitamente seguras. Ao escutar aquilo, Sirius sentiu um mal súbito, sem dúvida o resultado da longa tensão a que foi submetida, e caiu enferma por longos meses; durante a sua convalescença, contou com o cuidado e carinho da amiga agradecida por ter sido salva por ela.

Passaram-se vários anos de vida pacífica dentro das paredes do convento, até que ficassem atenuadas as imagens daquele pesadelo horroroso e perigos que haviam enfrentado, mas durante este tempo ambas se interessaram pela vida religiosa que as rodeava.

Sabidamente a Abadessa havia recomendado a prática purificadora da oração e da meditação, mas, durante todos esses anos, pouco puderam se beneficiar dessa prática, pois lhes vinha à mente a recordação dos horrores que haviam passado. Portanto, só encontravam alívio no trabalho ativo. Essa condição de prostração nervosa durou mais em Órion do que em Sirius, e quando os pensamentos de temor dominavam completamente Órion, a única coisa que a aliviava era correr em busca de Sirius e se abrigar em seus braços, tomada de comportamento histérico. Esses ataques de pânico foram rareando à medida que o tempo passou e, depois de cinco anos, ela se viu inteiramente curada, sobrando apenas alguns espasmos e uma extrema sensibilidade.

A princípio, as duas amigas tiveram a ideia de seguir adiante, quando estivesse recuperadas completamente, até chegarem a algum estado independentes, mas agora decidiram continuar ali. Sabiam que seus locais de nascimento haviam sido destruídos e que todos os seus amigos e parentes estavam mortos. Portanto, não havia incentivo que as induzisse a renunciar a paz e à segurança da vida religiosa, trocando-as pela incerteza da vida fora do monastério.

Esse monastério era um vasto estabelecimento, quase uma cidade, com muitas atividades desenvolvidas em seu interior. Havia freiras que passavam suas vidas quase inteiramente devotadas à prática espiritual da oração; algumas empregavam seus tempos no estudo; outras faziam roupas, ou preparavam alimentos para os pobres; outras, ainda, atendiam numa espécie de hospital ajudando a diminuir a dor e o sofrimento da população.

Ao lado desse convento havia outro de igual tamanho e os dois juntos tomavam uma grande área, uma verdadeira cidade religiosa que estava a curta distância de outra cidade dedicada aos negócios

e à vida civil. Havia uma muralha que cercava e serpenteava por toda a área do convento, ninguém passava sem permissão, todos guardavam um profundo respeito pelos monges e monjas. Um grande trecho do terreno estava incluído dentro da muralha e nele havia formosos jardins que eram cuidados com muito amor e empenho pelos monges.

Havia alguns monges de alma tenebrosa e escura fazendo parte deste rebanho, mas, no geral, a vida era útil e muito feliz, certamente o local mais limpo que poderia ser visto nos últimos dias dessa decadente civilização Atlante.

Nessa época, a magia estava generalizada entre os Toltecas, era praticada extensamente, quase sempre para os mais egoísticos propósitos e tais estudos tinham seus simpatizantes entre os monges desta raça do norte. Um deles era Escorpião, que observando Órion, achou-as com boas características para ser hipnotizada e a convidou a estudar e experimentar tais práticas. Ela não ia a nenhuma parte sem que Sirius fosse junto, esta por sua parte, suspeitava alguma coisa desse monge, que as persuadiu a comparecer a umas sessão de magia e ali produziu alguns fenômenos que as impressionou profundamente.

Em um quarto escuro, em meio a figuras horrendas, havia um enorme braseiro com incenso e, à medida que densas nuvens de asfixiante fumo se elevavam, apareceu uma estranha porém imponente figura, flutuando entre elas e uma voz cavernosa ordenou a Órion que se submetesse às sessões de hipnotismo do monge.

Ambas ficaram muito abaladas e saíram atemorizadas. Nenhuma delas gostou da influência geral que sentiram e assim reforçaram-se as suspeitas de Sirius, ainda que não soubesse dizer o por que. Depois disto, Órion foi hipnotizada varias vezes por Escorpião com Sirius sempre presente, já que ela nunca queria ir sozinha, não obstante as insinuações do monge para que assim o fizesse.

Ela demonstrou considerável poder de clarividência e, por seu meio, pôde ele obter grande quantidade de informações sobre os assuntos privados dos habitantes da cidade próxima, dados que, sem dúvida, empregou ou para impressioná-los com seus poderes sobrenaturais, ou para extrair dinheiro. Gradualmente estava ganhando influência sobre Órion, que tinha um certo temor por ele, enquanto isso Sirius continuava com suas vagas suspeitas e instintivamente desgostosa com tudo aquilo.

Depois de algum tempo, o monge conseguiu fazer com que ela entrasse em transe à distância, indicando-lhe uma hora para que se recolhesse em seu quarto, então atuava sobre ela desde a sua habitação, tal como se estivesse presente. Mais tarde, passou a fazer isto a qualquer instante que desejasse, sem qualquer aviso prévio. Órion se submeteu ao seu domínio, mas Sirius achou aquilo intolerável e prejudicial a Órion, mas também movida por uma espécie de ciúme dessa influência que parecia afastar de si temporariamente sua amiga.

A fim de vencer esse crescente espírito de resistência, Escorpião arranhou outra sessão de magia e de novo apareceu entre nuvens de incenso e aterrorizante figura. Órion tremia, mas Sirius ainda que interiormente se sentisse desmaiar, vigiava atentamente os procedimentos. Logo percebeu certos fatos curiosos, especialmente que, quando a aparição falou, seus lábios não se moveram e que, nesse momento, o monge não estava olhando como seria natural, mas tinha o rosto colado à parede, simulando medo. A voz da aparição também tinha uma certa semelhança com a dele e assim, em vez de ficar dentro do círculo mágico que havia sido traçado para elas como o único lugar seguro, aproveitou a oportunidade que se apresentou para investigar. Descobriu que, quando punha sua mão em certo lugar, parte da imagem da aparição sumia. Seguindo essa pista, encontrou um oco na parede, cuidadosamente dissimulado, no qual se encontrava engenhosamente instalado um espelho côncavo, com uma imagem em frente a ele, que era exata contraparte da aparição. Uma luz forte focava a imagem e fazia com que o espelho projetasse uma vívida reprodução dela,

quase sólida, sobre o fumo do incenso. Sirius havia observado que, quando a coluna de fumaça se dissipava por alguns segundos, a imagem também desaparecia.

Ela não disse nada enquanto estavam na habitação do monge, mas no dia seguinte, inventou um pretexto para entrar na sela de Escorpião, quando este estivesse ausente. Examinando a parede onde ele colava o rosto, encontrou ali um buraco. Com grande audácia, colocou a boca no local e falou um pouco, ficando surpresa ao ouvir o eco da própria voz do outro lado do quarto repetindo suas palavras. Repetiu o experimento várias vezes até certificar-se de que era sua própria voz, embora um tanto cavernosa. Buscando cuidadosamente, encontrou escondido entre uma das molduras o buraco; a voz parecia vir do outro lado, de maneira que agora sabia como se processava a ilusão. Satisfeita, retornou à sua habitação e explicou à Órion toda a fraude. Ela ficou horrorizada e se sentiu aliviada de um grande peso, prometendo não voltar a ter tratativas com o monge desonesto.

Escorpião possuía efetivos poderes mesmérico e usava sua repreensível encenação somente para atemorizar as suas vítimas e obriga-las a se submeterem a suas experiências. As duas mulheres não desejavam convertê-lo em inimigo, de maneira que, recusaram-se a continuar as sessões, mas declinaram sem dar o verdadeiro motivo, apenas alegaram que um sonho lhes havia indicado que não continuassem com aquela prática.

O monge tentou várias vezes induzir um transe em Órion, mesmo estando distante, mas Sirius estava atenta e a manteve desperta em todas as ocasiões. Essa luta, constantemente renovada, estava minando a saúde de Órion e o antigo estado de ansiedade e de extremo nervosismo voltou a incomodá-la. Por esse motivo, Sirius resolveu tomar medidas violentas se fossem necessárias, já que sem êxito, havia pedido a Escorpião, em repetidas ocasiões, que desistisse de seu insano propósito.

Solicitou e obteve uma entrevista com a Abadessa, a quem revelou toda a história, pedindo-lhe que interviesse e ocultasse seu nome, porque temia ser morta por vingança caso ele soubesse que ela o havia denunciado.

A Abadessa lhe assegurou que, sem mencionar nomes, mandaria uma descrição do aparato a Siwa, o Abade do convento dos homens, que era um grande amigo seu, pedindo-lhe que fizesse uma investigação no quarto de Escorpião.

A investigação foi feita imediatamente; constatada a existência do espelho côncavo e do conduto acústico, confiscou tudo e expulsou o monge da comunidade. Obteve o Abade grande crédito na comunidade por sua aguda e sobrenatural intuição em descobrir a fraude. Ninguém ficou sabendo para onde foi Escorpião, mas, mesmo de seu distante refúgio, continuou molestando Órion de vez em quando. Com o tempo, ela foi ficando cada vez mais resistente, e após uns dezoito meses, ficou totalmente livre da sinistra interferência.

As duas mulheres viveram até uma idade avançada e sempre foram muito amigas e suas vidas, ainda que calmas, foram interessantes e felizes. Órion desenvolveu uma grande habilidade como harpista e quando tocava, chegava, às vezes, a entrar em uma espécie de êxtase, em que se abstraía totalmente de todas as coisas terrestres, não sentia se a tocassem, porém podia tocar a música mais inspiradora como jamais se havia escutado naquele país.

Inicialmente desenvolveu este poder como um antídoto contra a influência mesmérica do monge, pois Sirius descobriu que, quando ela estava a ponto de ceder ao domínio dele, ela punha a harpa em suas mãos e instintivamente começava a tocar e a música a fortalecia, livrando-a da influência de Escorpião.

Se, em tais circunstâncias, ela entrava em um estado de êxtase, sua aparência se transfigurava ficando absolutamente livre do monge por vários dias. Embora não soubesse o porquê disto, sabia

que era bom para ela. Agora, olhando para o passado, está claro que um dos Devas da música havia sido atraído até ela e, por seu intermédio, estava tratando de elevar espiritualmente as pessoas.

O afundamento de Poseidonis foi profetizado pelos sacerdotes dessa raça do norte; embora muitos não tenham acreditado e nem fizeram caso algum das advertências, outros as levaram a sério.

À medida que o tempo da profecia se aproximava, e, quando já faltava pouco para o grande cataclismo, o Abadessa reuniu o seu grande exército de monjas e dramaticamente lhes descreveu o que ia suceder. Disse-lhes que, como o dinheiro já não teria nenhum valor, colocava à disposição todas as riquezas e tesouros do convento, a fim de ajudar os gastos de todos que desejassem emigrar para outro país, dando total liberdade de ação a todos para que decidissem o que fazer. Com relação a ela, disse nada querer, pouco apego já tinha à vida e se dava conta de que estava demasiado velha para começar a lutar de novo em outro país; que estava decidida a perecer com sua pátria, sustentando, até o fim, o estandarte de sua Ordem.

Nossas heroínas cheias de amor por ela e com o entusiasmo aguçado pelas suas palavras, resolveram ficar, como também fizeram muitas das outras irmãs. Entretanto, mais da metade da população local de religiosos decidiram aceitar a oferta e onze grandes navios foram fretados para fazer a viagem para terras distantes. Outras voltaram para seus lugares em diferentes regiões do país.

Não obstante que todas as que ficaram já esperassem o cataclismo, encheram-se de terror ao sentir o primeiro grande terremoto e correram todas para o jardim; ali se reuniram com a Abadessa, que proferiu um curto discurso de alento e depois pediu à Órion que tocasse sua harpa, como nunca antes havia tocado. Já não era Órion a mulher nervosa e ansiosa, estava totalmente transfigurada; o êxtase desceu sobre ela e manipulou as cordas com gestos majestosos de uma deusa que dita ordens, Tocou, ou o Devo tocou através dela, como nunca ser humano algum havia tocado. Obteve um volume de som como nenhuma harpa havia alcançado. Encantou aquela multidão de mulheres, como se fossem uma só Alma e as reteve, em sublime transe, enquanto a terra oscilava e as paredes se desmoronavam, caindo com terrível violência em volta delas.

Era tão tremendo o poder daquela música divina, que quando a terra fundiu e o mar cobriu sua superfície arrasando tudo, ninguém lançou um só grito. De tal maneira estavam abstraídas de tudo, que a passagem desta esfera para outras esferas quase se efetuou sem que se dessem conta e, embora a harpa e a harpista tivessem sido tragadas pelo Atlântico, ressoava triunfante a mesma música em regiões muito mais elevadas ante a mesma audiência, porém na esfera do plano astral.

ÓRION

Betel: Seu pai. Sagit: Sua mãe.

Hebe, Stella e Atlas: Seus amores.

Sirius: Sua amiga.

HÉLIOS – Abadessa.

Lira, Cilo, Cameleon, Pallas e Pomone: Suas religiosas.

SIWA – Prior.

São, Fortune, Eros, Épsilon, Flora e Escorpião: Seus monges.

ESCORPIÃO – Monge “expert” em magnetismo e hipnotismo.

ETA – Rico Senhor Tolteca.

Daphne e Gamma: Suas esposas.

ALASTOR

Melpomene: Sua mulher. Ursa e Lachesis: Seus filhos.

Nesta ocasião, encontramos Órion nascida no seio de uma raça laboriosa, manufateira e mercantil – a Etrusca – situada no oeste da Itália, não muito distante de Grosseto. A agricultura estava em franco crescimento, com o país coberto por vinhedos e hortas. Muni, o pai de Órion, era um rico mercador que possuía uma casa nas imediações da cidade e era dono de muitos vinhedos. Era indulgente com a filha, pois estava muito interessado nos negócios.

Virgo, sua mãe, era bondosa e, no geral, ansiosa para cumprir com seus deveres, mas devido ao seu temperamento preocupava-se com tudo. Órion foi a mais velha das três irmãs. O grande desgosto de seu pai era não ter um filho, um varão para ajuda-lo a herdar seus queridos negócios e, na falta dele, decidiu que sua filha mais velha devia casar-se o mais cedo possível com alguém que quisesse assumir tal posto.

Órion cresceu, portanto, com esta ideia diante dela, como um dever imperativo, se bem que tinha alguns espasmos de contrariedade cada vez que pensava nisto. Sua infância foi feliz e sem incidentes, sendo Selene sua principal amiga, ainda que mais velha e mais reservada que ela.

Com o tempo, o pai dela travou relações com Escorpião, homem de idade mediana, empreendedor e capaz, que, segundo ele idealizou, seria um sócio adequado e assim, quando ela alcançou a idade de dezessete anos, casou-se com essa pessoa, mesmo contra a sua vontade; ela aceitou para ser obediente ao seu pai. Escorpião já tinha quarenta e cinco anos quando se casou e, como foi um casamento arranjado, não demonstrava muito afeto pela esposa. Embora a tratasse bem, encarava seu casamento mais como uma transação mercantil que havia permitido sua entrada na firme.

Pronto se comprovou que seus métodos mercantis eram demasiados desleais, pois o sogro logo descobriu que seu brilhante genro o estava roubando, apropriando-se de grandes somas de dinheiro.

Ocorreu uma furiosa disputa entre eles e o agressivo sócio, que estava vivendo com a família, deixou a casa levando com ele sua esposa. Apesar dos protestos veementes, legalmente o pai não pôde impedir nem tinha provas suficientes para comprovar o desfalque, pois o astuto sócio o havia planejado muito bem.

O agressivo esposo abriu, por sua conta, um estabelecimento em outra parte da cidade e começou a gozar da riqueza obtida fraudulentamente e a usá-la para empreender novas operações, claramente dúbias.

Entretanto, nessa nova localidade, sua desprezada esposa conheceu Aquiles, um jovem agradável, porém pobre, de vinte e dois anos, que, com o tempo se enamorou apaixonadamente a ponto de fugirem e passarem a viver do que podiam, muito felizes, apesar da pobreza.

O esposo ofendido estava furioso e ameaçou vingar-se, mas o pai de Órion estava satisfeito com a desgraça de seu antigo sócio e fez saber publicamente que receberia sua filha e seu companheiro, se eles quisessem morar em sua casa.

Ambos aceitaram a oferta e o antigo marido ficou encolerizado. Já estava tramando exercer a mais cruel vingança, quando vieram à luz algumas outras fraudes suas, em maior escala, e assim foi desterrado do país, teve seus bens confiscados e suspensos seus direitos de cidadão.

Isto deixou a esposa legalmente livre e ela pôde se casar formalmente com o homem que amava. Seu pai tomou o novo genro como sócio, mas ele parecia não ter muita cabeça para os negócios, apesar de ser honrado e honesto. Seu temperamento era muito mais artístico do que comercial, entretanto tratava de cumprir o seu dever.

Tiveram um filho, Aldeb, o menino formoso e com um futuro promissor, de quem estavam muito orgulhosos. Algum tempo depois, nasceu uma menina, Theseo, que morreu de enfermidade aos sete anos. Selene, antiga amiga, havia se casado com Vesta e tinha uma filha, Sirius, com a mesma idade de Theseo, como eram vizinhas, as duas meninas tornaram-se amigas inseparáveis.

Quando Theseo morreu, Órion se encontrava desolada e inconsolável e parecia não se conformar com a perda. Quando, pouco tempo depois, uma peste devastou o país e a pequena companheira de sua filha ficou órfã, pediu ao irmão dela Psiqué, que autorizasse a sua adoção, para que ela ocupasse o lugar da sua filha morta.

Sirius sempre se sentiu muito ligada a Órion e, agora que seus pais haviam morrido, encontrava-se disposta a viver com a vizinha, de maneira que o assunto foi resolvido sem muita dificuldade e pronto passou a amá-la profundamente, embora não tivesse esquecido a sua mãe biológica. Também admirava o seu irmão adotivo, Aldeb, que era muito amado pela sua mãe Órion. Costumavam jogar juntos e apesar de Aldeb ser de mais idade, olhava-a com simpatia e era muito bondoso com ela.

Um dia, quando passeavam numas rochas, ocorreu um terrível acidente, Aldeb escorregou e rolou rocha abaixo afogando-se no mar. Quando Órion soube, ficou transtornada e mesmo vendo o corpo sem vida, recusou-se a crer que estivesse morto. Herácles, o Sacerdote do Templo local, tratou de consolá-la dizendo que devia se conformar e se submeter à vontade dos deuses, que era melhor proceder sem rebeldia. Ela se voltou ferozmente contra ele e declarou que nunca se submeteria, que recuperaria seu filho, arrebatando-o dos braços da morte, quisessem os deuses ou não.

Em uma potente e apaixonada invocação sobre o corpo inerte, ordenou a volta de seu filho e, como, se sua vontade houvesse sido obedecida, o prostrado corpo começou a voltar lentamente à vida, e pouco a pouco se restabeleceu.

Entretanto, havia ocorrido uma mudança estranha no seu temperamento, parecia meio imbecil e não dava sinais de reconhecer os seus amigos, demonstrando antipatia por sua mãe em lugar de carinho. De fato, sua maneira de ser não era igual à sua forma anterior, seu mau caráter e perversidade causaram constantes dificuldades na casa; continuamente era culpado de crueldade e falsidades, vícios dos quais não demonstrava qualquer vestígio antes do acidente.

À medida que cresceu, foi causando muitos sofrimentos à sua mãe e à sua irmã. Havia se tornado um pícaro e frequentemente perpetrava pequenos furtos, danos que sua mãe pagava com frequência às pessoas, a fim de protegê-lo.

O pai declarava que havia mudado muito, que já não era a mesma pessoa, mas a mãe não queria se convencer disto, ainda que sofresse, em segredo, sob o terrível temor de que os deuses a estivessem castigando de forma tão estranha, por ela ter desfiado seus desígnios.

Aquiles morreu antes de seu filho atingir a maioridade e Órion concluiu que era impossível educá-lo. Pouco depois, Pouco depois, o jovem seduziu Câncer, uma menina de uma casta muito baixa e publicamente se vangloriava de sua aventura e anunciou seu propósito de casar-se com ela, ainda que não tivesse intenção de cumprir o prometido; ele somente agia assim para acalmá-la. Sua mãe protestou com veemência e ele, como parte de seu plano, teve o cuidado de espalhar uma história

exagerada: que ela odiava a menina. Depois simulou que saía em uma viagem de negócios e arranhou que a menina fosse à sua casa na sua ausência; regressou secretamente e a assassinou na porta da casa de sua mãe, tendo o cuidado de usar uma arma pertencente à sua mãe e que a havia subtraído como parte do seu plano. Tendo realizado o plano, esgueirou-se e saiu sem ser visto. Poucos dias depois, regressou como se estivesse vindo de uma cidade distante, e encontrou sua mãe como esperava: suspeita de haver assassinado sua noiva.

Foi feita uma investigação, mas nada se conseguiu provar contra ela e, como havia várias circunstâncias favoráveis, não foi condenada; ela ficou agoniada por muitos anos sob este imerecido estigma e, como consequência, toda a sociedade local a evitava. Ela sabia perfeitamente que seu filho era o assassino, para protegê-lo guardou silêncio. A filha adotiva Sirius estava absolutamente segura da inocência da sua mãe e amargamente se ressentia da opinião pública a seu respeito.

Por essa época, Veja estava cortejando Sirius, mas ela lhe pediu que esperasse até que o nome de sua mãe ficasse limpo, ele concordou, mas depois de algum tempo, vendo que havia pouca esperança de que isto acontecesse, demandou que se casasse com ele imediatamente, oferecendo compartilhar sua sorte e o estigma que tão injustamente havia recaído sobre sua família.

Finalmente sua mãe consentiu, porque seu filho dissoluto as havia empobrecido com seus excessos e as abandonado, quando descobriu que já não havia mais dinheiro. Veja assumiu todos os assuntos e gradualmente recuperou o negócio que estava totalmente arruinado.

Ele e Sirius tiveram uma família numerosa e os últimos anos de Órion transcorreram calmamente, cuidando de seus netos com muito amor e devoção.

Nada mais se soube do filho infame, mas o velho Sacerdote lhes explicou que seu pai tinha razão ao supor que, depois do acidente em que seu filho morreu afogado, uma pessoa diferente havia entrado no corpo, algum antigo inimigo com o propósito de levar a cabo uma vingança havia aproveitado a oportunidade que tão imprudentemente se ofereceu pelo intenso esforço de vontade da desesperada mãe. O inimigo era Gamma.

Alguns outros dos personagens com os quais já estamos familiarizados apareceram em Etrúria nesse período, ainda que não tomassem parte na vida de Órion.

Personagens desta vida

ETRÚRIA

8 328 A.C.

CALIPSO

Hélios: Seu irmão.

Vesta: Seu filho.

Melpomene: Sua mulher.

AMALTHEE

Hector: Sua irmã.

Calipso: Seu amigo.

HÉLIOS

Hector: Sua mulher.

Leto e Albireo: Seus filhos.

Selene: Sua filha

MU

Virgo: Sua mulher.

Órion, Concorde e Tauro: Seus filhos

VESTA

Selene: Sua mulher.

Psiqué: Seu filho.

Beatrice e Sirius: Suas filhas.

ÓRION

Escorpião: Seu primeiro marido.

Aquiles: Seu segundo marido .

Aldebaran: Seu filho.

Theseo: Sua filha.

Sirius: Sua filha adotiva.

GAMMA – Ocupa o corpo de Aldeb, falecido.

TARTÁRIA

6 758 A.C.

CAPÍTULO 17

Seu pai Delfino, um dos mais proeminentes membros de uma tribo nômade, não era o chefe, mas parente em primeiro grau, considerado rico e importante, possuía muitos rebanhos de gado e grande quantidade de peles. Sua infância nada teve de especial importância, mas desgraçadamente, antes de completar quinze anos, foi seduzida por um jovem dois anos mais velho, Iota (a jovem ama que ela havia assassinado em uma vida anterior, na Índia, a cerca de 14 700 antes desta vida, cap. 4). Houve um grande alvoroço, quando os primeiros sinais de gravidez se tornaram evidentes e o fato foi descoberto. O pai estava furioso e se empenhou ao máximo para descobrir o autor, mas ela, apesar de todas as ameaças e pressões sofridas, não o denunciou.

Iota estava muito assustado e não teve coragem para assumir sua responsabilidade no caso e, assim, a suspeita recaiu sobre vários inocentes, mas nunca sobre o verdadeiro culpado. Nasceu uma criança (Theseo, a filha que ela assassinou para reencarnar em seu corpo, também na mesma época, na Índia, veja capítulo 6), mas desta vez veio como menino e ela o amou mais ternamente, até pelo fato do restante da família considera-lo um estorvo e uma marca vergonhosa.

O desgosto do pai se devia, em grande parte, ao fato de ver os seus planos frustrados, pois desejava casá-la bem. Havia acariciado a ideia de uma aliança familiar com o filho do chefe e assim aumentar o seu poder na tribo. Agora isto já não era possível, posto que ela era considerada como mercadoria avariada, com baixo valor no mercado matrimonial. Entretanto, quando tinha pouco mais de vinte anos, um jovem veio pedir a sua mão. Havia sido condiscípulo dela e, em silêncio, a adorava de longe, considerando-se pouca coisa para aspirar à sua mão, mas agora encontrava-se finalmente em condição de ser aceito.

Ele sabia a vida dura que Órion levava, de maneira que se aventurou em oferecer um lugar para ela e seu filho. Era uma casa pobre, de padrão muito inferior a que ela teria merecido se não tivesse dado mau passo. Mas a aceitou com gratidão, como uma liberação da incômoda e intolerável vida com sua família que a odiava e a desprezava.

Seu esposo Sygnus havia sido seu filho no Havaí, há uns 17 000 anos antes (Cap.1). Ele a tratava bem e sua vida agora relativamente feliz, ainda que, até certo ponto, amargurada pelos anos de escárnio pelo que havia feito. Esta experiência, pelo menos, tornou-a compassiva com as mulheres que passaram pela mesma situação e persuadiu seu marido a cooperar e auxiliar em tais casos.

Houve um caso particular de uma jovem de sua tribo que havia caído em desgraça e foi expulsa de casa pela família e condenada a morrer de fome. Órion, ainda que pobre e com a família sempre crescente, abrigou-a em sua casa. A hóspede (que era Câncer, a esposa envenenada no Havaí, Cap. 1) naturalmente demonstrava gratidão para com sua protetora, mas nunca se sentia à vontade em sua presença e experimentava inexplicáveis acessos de aversão por ela. Órion defendeu vigorosamente sua causa sustentando que, de nenhum modo, ela era culpada.

Câncer admitiu, em estrita confiança, que o pai de sua criança era Aglaia, o filho do chefe. Então Órion resolveu que ele deveria reconhecer o filho, providenciar alimentação e casar-se com a mãe. Entretanto não podia tomar medidas tornando os fatos públicos, considerando que, posto que ela mesma havia sido destinada para esposa do filho do chefe, era seguro que todo mundo tomaria o

fato como produto do despeito e de ciúmes de sua parte e ninguém acreditaria na veracidade dos acontecimentos. Portanto, levou Câncer à casa de Escorpião, uma espécie de médico bruxo, que, por uma boa contribuição, se comprometeu a fazer encantamentos para que o filho do chefe enamorasse de Câncer e se casasse com ela.

A dificuldade era que ela pertencia a uma classe de condição social muito inferior e que ele já havia se casado, com grande pomba, com uma jovem de sua própria classe.

Os procedimentos do bruxo eram impotentes e horrendos; inquestionavelmente conhecia algo de magia, mas de uma índole indesejável. O ponto culminante da cerimônia, na choça de Escorpião, foi a utilização de um cadáver no pavoroso ritual. Isto deixou as duas mulheres aterrorizadas. Após muitas invocações, queima de muito fumo e uso de um fogo colorido, o cadáver se levantou e caminhou na direção das duas mulheres. Elas estavam quase fora de si, pelo terror e teriam fugido dali, se não fosse o cadáver putrefato interpondo-se entre elas e a única saída daquele antro.

Escorpião estava se retorcendo no piso, evidentemente presa de uma espécie de ataque ou convulsão, completamente inútil para protegê-las. As duas mulheres, provavelmente, enlouqueceriam de terror, ao receber o repugnante abraço de um cadáver de quatro dias, mas algo inesperado aconteceu. A cerimônia se interrompeu no seu momento mais crítico. Os olhos flamejantes do morto se fixavam sobre elas, malignamente famintos e sua mão pálida e macilenta estava a ponto de agarrá-las, quando, de repente, a satânica vida abandonou o corpo e o cadáver e caiu duro ao solo, arrastando Órion consigo.

Ao mesmo tempo, o prostrado bruxo lançou um grito horripilante de desespero seguido de um estrado latido e uivos e, à medida que Órion se desembaraçava do corpo cadavérico e tentava levantar-se, o corpo retorcido de Escorpião mudou de forma ante seus olhos e saiu em disparada da choça, na figura de um enorme lobo negro, deixando-as sozinhas com o cadáver na tênue luz das labaredas que se apagavam.

As duas mulheres voltaram para casa como puderam e, por muitos dias, ficaram acamadas com o choque nervoso que sofreram. Quando se refizeram, proferiram um solene juramento de que nunca mais, sob quaisquer circunstâncias, tentariam obter algo através de práticas mágicas.

Mais tarde, Escorpião se ofereceu para tentar novamente seus encantamentos, mediante um novo pagamento de maior valor, mas elas não lhe fizeram caso.

Órion sofreu permanentemente de seu néscio intento de fazer justiça para sua protegida, pois seu estado nervoso nunca mais se refez daquela experiência.

Entretanto, não renunciou ao seu propósito e, posto que a magia não houvesse produzido resultados visíveis em Aglaiá, resolveu adotar uma forma de ataque mais direto. Sob qualquer circunstância, seria requerida uma boa dose de coragem e valor quase super-humano.

Ela juntou tudo de que necessitava, obteve uma entrevista com o culpado e fez um comovente e veemente apelo em favor de Câncer, dizendo-lhe, com toda franqueza, que, por ter sofrido exatamente da mesma forma, muito mais do que ele, compreendia a desesperante necessidade de ajuda.

As súplicas dela tocaram a parte boa de seu caráter; publicamente ele reconheceu sua falta, doou a Câncer uma boa propriedade que seria partilhada com seu filho e arranjou um casamento para ela em outra tribo, dando-lhe um dote considerável.

Podemos supor que, pela ajuda prestada nesta encarnação, Órion equilibrou sua conta kármica com Câncer, conta esta aberta quando a envenenou no Havá e quando a assassinou no Marrocos, respectivamente Capítulos 1 e 8. À parte, a ajuda que prestou às mulheres infortunadas, sua vida foi dedicada principalmente ao seu filho mais velho.

Ela sentia uma grande necessidade de compensá-lo pelas circunstâncias desonrosas de seu nascimento, possibilitando-lhe levar uma vida em um nível social mais elevado que a do seu esposo e finalmente realizou seu propósito, à custa de grande sacrifício pessoal.

Foi também uma mãe carinhosa, cuidadosa e boa com seus filhos menores, mas seus esforços por sua família minaram a sua resistência e, por fim, desencarnou com a idade de cinquenta e dois anos, feliz com o conhecimento de que todos os seus estavam comodamente estabelecidos.

Personagens desta vida TARTÁRIA
6 758 A.C.

ÓRION

Delfino: Seu pai.

Iota: Seu sedutor.

Theseo: Seu filho.

Sygnus: Seu marido.

AGLAIA – Filho do chefe da tribo.

CÂNCER

Aglaia: Seu amante.

ESCORPIÃO – Feiticeiro e curandeiro.

CAPÍTULO 18

Este nascimento se deu numa formosa paragem, nas colinas, na região de Amer, em Rajputana ou muito próximo desta cidade. Foi uma das filhas de um potentado local, Theo, o Rajá do distrito, e cresceu em um esplêndido palácio de mármore, com belíssimas esculturas a baixo-relevo por toda parte. Ela costumava jogar principalmente em um grande terraço de mármore que dava para uma vista magnífica. Na corte, todos os atos eram precedidos de muita pompa e brilhantes cerimônias e ela se sentia muito bem montado em um elefante ricamente decorado, tomando parte em suntuosas procissões. Havia muitos serventes e cortesãos para realizar todas as suas vontades.

Mas, sob certos aspectos, ela se encontrava um tanto desatendida. O pai tinha sua mente ocupada com as coisas do Estado e os prazeres da caça; sua mãe, Lomia, pensava principalmente nas inúmeras intrigas que sempre eram comentadas nas festas e reuniões sociais de uma corte hindustânica. Ambos eram bons com ela, mas de uma forma descuidada, tinham mais interesse pelos filhos varões, que podiam se converter em guerreiros ou herdar o trono, de maneira que ficou uma certa insatisfação no apaixonado desejo da menina por um afeto cordial, que não vinha de seus pais.

Quando do seu nascimento, o astrólogo da família traçou seu horóscopo, conforme o costume do país e sua predição foi de um destino extraordinário, fora do comum. Disse que, em seu caso, os astros indicavam um passado de muito sofrimento e um futuro de muita glória, que já estava se aproximando, mas que não chegaria nesta vida, que devia ser considerada como o último elo em um longa cadeia de causas e efeitos.

Uma dívida, que durava milhares de anos, deveria ser paga agora e, se fosse cumprida, quitada, traria, como consequência, uma próxima vida em corpo masculino, assim como a oportunidade de um grande adiantamento oculto. Entretanto sua vida seria, até certo ponto, uma sucessão de grandes pesares e também de imensa paz e prazeres.

Recebeu alguma educação, em sua maior parte de caráter religioso; aprendeu a recitar alguns hinos Védicos e a efetuar pequenas cerimônias domésticas. Quando atingiu dezesseis anos, foi dada em matrimônio em uma situação um tanto peculiar. Corona, o Rei de um distante país, Kathiawar, enviou uma embaixada para pedir a mão de Juno, a irmã mais velha dela, para seu filho Sirius, a qual já estava destinada para matrimônio com um vizinho. Assim, o Rajá teve que apresentar suas escusas e sentimentos, mas, a fim de evitar alguma contrariedade, pois se tratava de uma boa aliança e ele não queria perder a oportunidade, aventurou-se a sugerir o casamento com a segunda filha, Órion.

Os membros da embaixada aceitaram leva-la, mas sem compromisso, ou seja, como “prova”. Os sentimentos dela sobre o assunto eram contraditórios, pois, se por um lado, estava orgulhosa pela perspectiva de matrimônio com uma antiga e honorável família, por outro também, se sentia indignada, ao ver-se proposta como substituta de sua irmã, incerta de como seria recebida e nervosa ao ter que deixar o único lugar que conhecia.

Entretanto, pouco apreço tiveram seus pais pelos seus sentimentos, despediram-se dela, bondosamente, apenas como uma rotina necessária.

Durante a viagem, tratou de formar uma ideia de como seria o Príncipe e se esforçava para persuadir a si mesma de que poderia arranjar uma vida tolerável, se ele não fosse pior que a maioria dos que havia conhecido em casa; Quando terminou sua jornada, encontrava-se nervosa e desejava com toda sua alma estar em casa outra vez, mas, ao conhecer o Príncipe, Sirius, ficou agradavelmente surpresa e, de imediato, esqueceu-se de sua casa. Afortunadamente, os dois jovens sentiram-se muito atraídos um pelo outro, à primeira vista, e, em poucos dias, converteram-se em ardentes amantes.

A jovem do reino de Amer, reservada e até aborrecida, se abriu como uma flor à luz do sol sob a influência desse amor verdadeiro e se lançou inteira nessa nova vida, com entusiasmada admiração, que era agradável de ver.

Seu sentimento levou-a a interessar-se por todos os assuntos que diziam respeito ao Príncipe, portanto, ela tratou de compreender a religião local, que era muito diferente da sua. Ela havia sido educada na religião hindu, mas a havia compreendido muito pouco, apenas o aspecto superficial de algumas cerimônias, nada mais que uma série de meras fórmulas, que era necessário observar. A religião do Príncipe era o Jainismo. Havia sido estipulado, no contrato matrimonial, que ela poderia manter a sua religião e crenças dos seus ancestrais, mas isto não impediu que os dois jovens fizessem comparações de suas respectivas escrituras e ensinamentos e logo chegaram à conclusão que, em essência, tudo se resumia no mesmo e praticavam suas devoções indistintamente em um ou outro Templo, com serena imparcialidade.

Na vida número quarenta e um de *“As Vidas de Alcyone”* (livro que relata as vidas de J. Krishnamurti) já se havia descrito o grande Templo Jaino de Girnar e ali se mencionou que, no aniversário de seu nascimento, aos dezessete anos, Órion deu a luz à Gamma, seu primeiro filho, em uma pequena câmara de pedra para hóspedes, na entrada do Templo. Como era usual, fez-se o horóscopo do menino, mas seus prognósticos não foram bons. Foi predito que teria um caráter rebelde e que causaria muito sofrimento, tanto a si mesmo quanto aos outros, mas com uma oportunidade final de sair vitorioso à custa de um grande sacrifício pessoal, se fizesse tal eleição. Certamente, parece que uma parte da predição era correta, pois o caráter que o menino desenvolveu, à medida que crescia, não foi bom e ocasionou muito desgosto aos seus pais.

Um dos princípios que mais se insistia no Jainismo (e que ainda é atual), era a escrupulosa bondade com todos os seres vivos, mas essa criança demonstrava inata crueldade e dureza e também não tinha um natural princípio de honra. O pesar que estes defeitos causaram, foram intensificados pelo fato de ser ele o futuro herdeiro do trono e estava destinado a governar o país. Eram muito pacientes com o menino e se esforçavam para melhorar o seu caráter, mas com pouco êxito. Tiveram vários filhos de um tipo mais normal os quais foram um grande consolo para eles. O amor entre os esposos nunca diminuiu, com o Príncipe contrariando o costume do país de ter várias esposas.

Seu pai, Corona, o Rajá, logo morreu, de maneira que as preocupações do governo caíram nos ombros de Sirius e, assim, Órion se tornou a Rainha do país, executando suas funções com muita graça e equilíbrio para satisfação de todos.

Frequentemente, Sirius tinha que se ausentar por períodos consideráveis – era um grande guerreiro – e, durante essas ocasiões, deixava o governo nas mãos dela, em vez de nomear um regente. Parece que ela realizou o seu trabalho admiravelmente; talvez a experiência de muitos séculos antes, no Sul da Índia, tenha sido útil ali.

Seria uma vida muito feliz, a não ser pela ansiedade que lhe causavam as constantes viagens do seu marido e pelas dificuldades derivadas da conduta do seu filho maior, que não apresentou

melhoras com o crescimento. As reprimendas de seu pai e de sua mãe produziam pouco efeito sobre ele, que aprecia não poder reagir à influência do afeto. Tornou-se jogador desonesto e desordenado na sua vida diária e, amargamente, sentia toda a reprovação. Quando o pai estava em casa, controlava-o até certo ponto, se bem que ainda estas pequenas restrições excitavam suas paixões.

De repente, ganhou vulto uma rebelião, desencadeada por um parente distante do Rajá, que tinha uma vaga pretensão ao trono e Gamma fugiu de casa, unindo-se aos rebeldes, mas foram vencidos e ele foi capturado. Submeteu-se a seu pai e parecia realmente envergonhado de seus atos de então, mas, gradualmente, foi voltando ao seu velho estilo de vida desenfreado, resistindo, como antes, a qualquer restrição imposta.

O pai e a mãe sempre foram pacientes e tolerantes com ele, porque sua religião os aconselhava a perdoar tudo, mas ele parecia tornar-se cada vez mais difícil e intransigente e terminou por adotar uma atitude permanente de desgosto e hostilidade. Algumas relações amorosas vergonhosas ocasionaram-lhe bastante sofrimento e uma de suas indesejáveis relações femininas o instigou a cometer certos atos de traição contra seu pai, mas, ao ser descoberto, fugiu, uma vez mais, da corte e se uniu a um exército inimigo que estava prestes a invadir o país.

O Rajá se sentiu em dificuldades pelo fato de seus planos de batalha e as condições de defesa terem sido reveladas ao inimigo pelo seu filho.

A princípio, o Rajá teve alguns contratempos e pequenos reveses, mas, finalmente, ganhou uma grande batalha e derrotou definitivamente os invasores. Nessa batalha, ele mesmo saiu gravemente ferido pelas armas de seu próprio filho que, não obstante, fugiu horrorizado quando viu seu pai cair. Sirius, embora ferido, subiu em uma quadriga, um carro de guerra puxado por cavalos, e continuou liderando seus soldados até a vitória. O filho desleal foi capturado entre uma multidão de prisioneiros e levado, de novo, à presença de seus pais.

A mãe, que tantas vezes lhe havia perdoado de todo o mal causado, não pôde, durante muito tempo, esquecer o dano fatal causado ao seu pai, que dizia, ainda agora, na penúltima hora, que se o filho realmente se arrependesse, deviam ser-lhe restituídos todos os seus direitos e sua posição e ser-lhe dada outra oportunidade. Finalmente, prevaleceu sua vontade e o jovem, em uma cena muito comovente, mostrou verdadeiro arrependimento e ardente desejo de comportar-se melhor.

Tão grande foi agora seu próprio abatimento que pediu, que se lhe fosse permitido, renunciaria à sua posição e dedicaria o resto de sua vida às práticas austeras de viver solitariamente como penitência por suas maldades, mas os sacerdotes Brâmanes lhe disseram que ele deveria comprovar sua recém adquirida virtude, cumprindo com seus deveres na vida diária, antes que pudesse ter o direito e gozar o privilégio do ascetismo. Aceitou a decisão, ainda que com muito pesar, e se deu à tarefa leal de humildemente desfazer a antipatia que, por seus atos, naturalmente, todos tinham contra ele.

Embora o Rajá permanecesse de cama a ponto de morrer – nunca se recuperou de suas feridas – o inimigo vencido reuniu um novo exército e, outra vez, tentou nova invasão.

O reformado Gamma pegou em armas contra o exército invasor, mas o conhecimento dos pontos débeis na defesa do país, que ele mesmo havia orientado ao inimigo, tornava muito difícil resistir com êxito, a esta nova invasão.

Finalmente, como parecia que o único caminho a seguir, para evitar uma derrota, era que uma pequena legião formada por homens decididos levasse a cabo uma desesperada façanha, que implicaria em morte segura, Gamma insistiu em ser ele o chefe e assim caiu, lutando gloriosamente, à frente de seus homens, em um ato de sacrifício pessoal que salvou seu país. Morreu com o nome de sua mãe nos lábios e suas últimas palavras foram uma mensagem para ela,

rogando-lhe que perdoasse todos os seus crimes e que aceitasse sua morte, como o princípio de sua expiação, por todo o mal que havia causado.

Órion estava tão abatida pelo estado grave do marido que quase não fez caso do ato heroico de seu filho, mas foram compostas baladas, exaltando seu heroísmo e valentia, pois havia se tornado um mito, um salvador. Seus erros do passado foram esquecidos, como se jamais tivessem existido.

O Rajá a admoestou, insistentemente, para que deixasse seus sentimentos de lado e concentrasse todas as suas energias em aconselhar o segundo filho, Fomal, que apesar de ser ainda muito jovem, logo deveria assumir o governo. Por consideração a ele, prometeu cumprir o seu desejo e, quando a morte o levou, valente e nobremente, cumpriu sua promessa.

O Rajá falecido manteve-se em contato com o mundo terrestre por alguns anos, a fim de ajudá-la e, frequentemente, ela se dava conta de sua presença e se consolava por isso.

Mas logo observou que podia confiar nos julgamentos dela e que podia passar aos outros planos em paz e confiança. Durante vinte e um anos, ela foi a conselheira permanente e um poder por trás do trono, até que seu filho alcançou a maturidade e demonstrou ser um governante capaz e cuidadoso.

A filosofia eu, primeiramente, havia aprendido na juventude, podia ser sintetizada em duas palavras: “Para Ele” interessava tanto a ela que, resultou ser um guia seguro em seus anos de adulta e um sustentáculo infalível em sua velhice.

Sua permanência no mundo astral foi breve, mas muito longa no plano mental, na qual Sirius era a principal figura.

Desta encarnação houve muito progresso e parece que se rompeu o último e mais pesado de todos os laços kármicos – forjado tanto tempo atrás – de modo que tudo agora estava quitado e pronto para o esforço que deveria fazer em sua próxima vida.

Personagens desta vida

ÍNDIA

5 629 A.C.

THEODORE – Rajá.

Lomia: Sua mulher.

Juno e Órion: Suas filhas.

JUNO

Hebe: Seu marido

Melpone e Fortune: Seus filhos.

Flora: Sua filha.

ÓRION

Sirius: Seu marido

Gamma e Fomalhaut: Seus filhos.

URANUS

Fomalhaut: Seu marido.

CAPÍTULO 19

Passemos agora da séria e doce vida na Índia à prazerosa e agitada vida do antigo Egito, animada por uma inquebrantável retidão de propósitos, capaz de fabulosas proezas.

A ideia dominante nos dois países era o dever, que, sem dúvida, na prática, sofria grandes modificações.

Órion nasceu perto de Mênfis, novamente entre as classes aristocráticas. De fato, era parente muito próximo da família real dessa época, como demonstra o fato de ter casado com uma das filhas do Faraó.

Não poderiam ser-lhe dadas circunstâncias mais favoráveis de nascimento do que estas, entre o refinamento e as comodidades das classes cultas de uma esplêndida civilização; com pais de uma categoria apropriada e com sabedoria oculta sempre a serviço daqueles que estivessem dispostos a trabalhar por ela.

Seu pai foi Aquiles e sua mãe, Aldeb, e lhe puseram o nome de Kephren. Eram vizinhos de Markab, um alto empregado do governo, cujo sobrenome era Anarseb. O filho mais velho desta família era Sirius; seu nome nesta vida era Menka, Anarsek Menka, porque no Egito o sobrenome se colocava antes. Na vida anterior, haviam sido esposos, mas, como a profecia do astrólogo havia se cumprido, agora ele ocupava um corpo masculino, porém a relação não poderia se repetir. Quando Órion nasceu, Sirius já tinha vinte e um anos. Era um jovem muito sério e reservado, com grandes responsabilidades sobre seus ombros.

O antigo afeto se reafirmou entre eles, pois, desde menino, Órion frequentava a casa do vizinho jogando com Senefru, irmão mais novo de Sirius – a quem conhecemos por Veja, persuadindo o sério e ocupado Sirius (que não era tão sério com as crianças – a contar-lhes histórias, ou a jogar com eles no jardim).

Nesta época, as casas das classes superiores estavam sempre localizadas entre primorosos jardins que eram cuidados com esmero. A característica principal destes jardins era a grande quantidade de água represada em tanques, onde cresciam e floresciam muitas espécies de lírios aquáticos, especialmente o lótus sagrado, em suas três variedades: azul, branco e rosa. Essas flores estavam arrançadas, com muito bom gosto, entre numerosas fontes, pois, naquele tempo, predominava este tipo de jardim decorativo.

Sendo a terra do Egito completamente plana por natureza e de areia amarela, construíram-se os jardins, de modo que contrastassem com o panorama geral, composto inteiramente de pequenos montes e irregularidades artificiais, plantados com finas árvores e rodeados, por todo lado, por palmeiras, tanques e fontes, alternados com escadas de mármore, granito vermelho, alamedas e caramanchões; cada espaço disponível coberto de flores, em rústica mistura. Lugares como estes eram excelentes campos de jogos e como o clima era quente, as crianças pequenas não usava mais roupa que colares, braceletes e tornozeleiras de ouro. Naturalmente aprendiam a nadar, logo que podiam andar e passavam muito tempo nestas piscinas, tanto quanto nas escadarias, entre majestosas árvores que as separavam.

À medida que cresciam, acostumavam-se a usar um vestido branco de linho, mas, ao que parece, preferiam reserva-los para as ocasiões especiais, ou para apresentar-se frente às pessoas mais importantes. É de notar-se que, nesta época, quase não se usava outra coisa que não fosse linho branco, tanto para os pobres quanto para os ricos. Parece que os tecidos de lã, ou de algodão, eram desconhecidos.

Os membros do governo portavam franjas coloridas em seus vestidos e vistosos bordados de ouro, mas a preferência deste período era, evidentemente, pela cor branca, tanto assim que olhar do alto uma multidão equivalia a olhar uma savana de neve. Praticamente toda pessoa que usava vestidos, mudava de roupa três vezes ao dia, de maneira que as lavanderias trabalhavam constantemente por todo lado e todo o país era uma vasta tenda que não agregava outro elemento à ofuscante brancura de tudo.

Os caminhos eram brancos, cuidadosos e conservados assim sob penas severas. Cada casa era responsável pela limpeza e reparação do caminho que passava em frente de sua propriedade e sujá-lo de alguma maneira, ou lançar lixo nele, era um delito penalizado. Cada homem rico e de posição tinha, em sua casa, não somente um grande séquito de empregados, mas também grande número de artesãos, para fazer tudo que fosse requerido, por exemplo: seu próprio alfaiate, joalheiro, carpinteiro etc., e, por suposto, um corpo de jardineiros.

Sob tais circunstâncias, a infância de Órion foi feliz. O pai e a mãe eram assíduos e afetuosos, no geral, sábios na educação do menino, que também tinha agradáveis companheiros nas imediações. Era um menino de natureza bondosa, capaz de intenso amor, mas impetuoso e, às vezes, voluntarioso.

Outro bondoso amigo, já adulto, era Ramásthenes (Mercúrio) que morou na casa de Menka por dois anos, quando Órion tinha oito; o menino tinha muito carinho por ele e estava acostumado a sentar-se ao seu lado junto com Veja. Nessa época, Mercúrio estava fazendo arranjos para dedicar-se à vida do Templo e, um dia, quando se encontrava sentado em uma dessas curiosas cadeiras egípcias curvadas e o pequeno Órion se encontrava sentado aos seus pés, em um banco de madeira, inclinou-se, levantou o menino e o sentou sobre seus joelhos, perguntando-lhe se gostaria de viver no Templo com ele, aprender dos livros sagrados e tomar parte nos serviços e nas vistosas procissões do Templo. Mas o menino não lhe responde, porque sua atenção estava fixada em uma mariposa que voava no jardim. E, assim, desceu de seus joelhos e correu a persegui-la. Mercúrio o seguiu com um olhar e murmurou sorrindo: “Quem sabe se isso seja profético”.

Uma das razões pelas quais especialmente se considerou o assunto de sua entrada no Templo foi que, um dia, quando um dos Supremos Sacerdotes se encontrava de visita na casa de Anarseb, observou o menino e disse que tinha olhos de vidente. O pai e a mãe estavam muito desejosos de que ele adotasse essa linha de vida e Órion gostou da ideia, à medida que crescia.

Depois ingressou como estudante diurno no Templo, passando todo o dia ali, retornando à noite para sua casa. Posteriormente, muitas vezes dormiu no Templo durante semanas inteiras, mas mantinha, a intervalos, sua vida familiar. Certa vez, quando estava com quatorze anos, sentiu, uma noite, um incontrolável impulso de se levantar da sua cama e ir ao quarto de Mercúrio. Raciocinou consigo mesmo que este sentimento era absurdo e que seria uma impertinência insólita para um menino, ir, no meio da noite, acordar de seus sonhos, ou talvez de suas meditações, um Sacerdote.

Mas o incontido desejo cresceu mais e se tornou mais forte e, ao final, teve que ir. Vacilou muito antes de decidir-se a chama-lo à porta, mas o fez timidamente. Uma voz forte e plena disse-lhe que entrasse, aí viu Mercúrio sentado em sua cadeira, olhando para ele com um sorriso brilhante.

“Afinal vieste”, disse-lhe: “Mas, por que resististe tanto tempo?”. Então, explicou-lhe que estivera experimentando telepaticamente chama-lo, para ver se era suficientemente responsivo, para que lhe valesse a pena tomá-lo, mais tarde, como seu discípulo regular, para seu desenvolvimento

oculto. Ao alcançar certo nível no sacerdócio, era permitido ao Sacerdote escolher um jovem como uma espécie de aprendiz para os mistérios e também um auxiliar para algumas tarefas.

Sem dúvida alguma, a ideia não era que o menino tivesse uma aprendizagem diferente da que se dava aos demais estudantes, mas que estivesse sempre dentro do magnetismo de seu Mestre e, assim, recebesse ajuda em seu desenvolvimento.

Era muito comum, nos Templos, dizer que um maior desenvolvimento do discípulo era alcançado, quando ele menos pensava, dando a entender que, quando a mente se encontra tranquila e quieta em estado meditativo, a influência de seu Mestre atuaria firmemente sobre seus veículos, em todos os níveis de matéria espiritual, mental e emocional, mesmo estando inconsciente deste processo e de seus resultados sobre ele.

Mercúrio esperava alcançar, no curso de cinco ou seis anos, a posição necessária que o permitisse tomar tal discípulo e agora havia feito definitivamente a oferta a Órion, que a aceitou com muito gosto e gratidão. Sirius o parabenizou muito cordialmente e o incentivou a empregar os anos intermediários em preparar-se devidamente para aproveitar melhor a oportunidade. O pai e a mãe também estavam muito contentes e todos os prognósticos pareciam muito favoráveis.

Órion, no geral, trabalhou bem e ainda com muito entusiasmo, se bem que, algumas vezes, se apoderavam dele curiosos espasmos de contrariedade, que, às vezes, destruíam o efeito de meses de trabalho.

Nessa época, ele fez algumas amizades indesejáveis – jovens que não eram de mau caráter no fundo, mas muito dados à vida dissipada, ao jogo e aos prazeres da cidade –. Desgraçadamente seus comentários suscitaram nele o desejo de provar a vida da cidade que ele não conhecia e a descreviam como varonil e divertida, fazendo-o pensar que as restrições no Templo eram pesadas e desnecessárias. Também foi atraído por Egéria, uma menina de boa família, que ele vira em companhia dos amigos e assim aconteceu que, quando se apresentou a grande oportunidade, um impulso repentino e perverso o invadiu no último momento e recusou a bondosa oferta de Mercúrio, caminhando com seus novos e mais mundanos amigos a lançar-se nas diversões e prazeres que a cidade lhe oferecia.

Isto causou grande pena a seus pais, tanto quanto a Mercúrio e a Sirius. Prontamente Órion recobrou seus sentidos e, amargamente, arrependeu-se de suas bobagens e ingratidão, mas já era demasiado tarde. O passo que havia dado tornou completamente impossível que fosse admitido como discípulo no Templo e, assim, seus pais decidiram que deveria se casar o mais rápido possível e se estabelecer na vida comum.

Quando o fato chegou ao conhecimento do Faraó Unas, este ofereceu sua filha Hélios, que conhecia bem o jovem e que, por muito tempo, o olhava com simpatia. Naturalmente, tal oferta foi aceita imediatamente – de fato era quase impossível recusá-la – e o casamento teve lugar com grande pompa, brilhantes cerimônias e procissões. A noiva e o noivo foram coroados com flores e viajaram montados em pequenos burros, porque nem os cavalos, nem as carruagens eram conhecidas então no país.

Órion amava ardentemente a sua jovem esposa, mas ainda em meio a todas estas festividades, o triste pensamento de seu grande erro o perseguia e sobre ele exercia uma influência depressiva.

Fez uma visita ao Templo, mas o Sumo Sacerdote, que havia observado seus olhos quando criança recebeu-o muito friamente e disse-lhe que passaria muitos milhares de anos antes que pudesse recobrar a oportunidade que havia perdido. Mercúrio afirmou: “Eu a darei quando estiver pronto, ainda que seja dentro de milhares de anos”.

Órion viveu uma vida longa e obteve considerável êxito tanto militar quanto político, entretanto, nunca deixou de lamentar profundamente seu erro. Sua esposa morreu muito jovem, deixando um filho Ptah-Hetep, Selene, que desde o princípio, foi muito estudioso e tornou-se um homem muito

instruído, autor de um livro muito festejado sobre “A Sabedoria do Egito”. Selene viveu mais de cem anos e foi muito respeitado por sua sabedoria. (1)²

O complexo de culpa amargou a vida de Órion, até certo ponto, e sempre que se encontrava com Mercúrio não deixava de sentir uma indefinível sensação de vergonha.

Entretanto, conservou sua amizade e sempre esteve interessado nos estudos filosóficos, durante os intervalos de suas ocupações. Seu velho amigo Sirius sofreu sérios reveses e, durante vários anos, passou por consideráveis dificuldades, vendo-se obrigado a vender a formosa casa à margem do rio onde, tantas vezes, as crianças haviam brincado. Mas, com o tempo, recuperou sua fortuna e pôde voltar a morar na mesma casa, de modo que ele e Órion voltaram a ser vizinhos.

Sirius morreu antes que Órion completasse a idade de cinquenta anos. E este viveu mais vinte e três anos, passando seus últimos anos um tanto solitário, já que todos seus amigos, aos quais tanto queria bem, haviam morrido. Até o final de sua vida, tornou-se um tanto tacanho, molestando-se sem fundamento, com o medo de tornar-se pobre.

Evidentemente esta vida na realeza do Egito, sob tão extraordinárias e favoráveis condições, foi o ponto culminante de uma série de vidas que a precederam. Mas, a eleição sempre deve ser livre. Órion fez uma escolha errada, retardando, deste modo, a efetivação da designada culminância, prejudicando, até certo ponto, a vida que se seguiu no plano mental, afetando seriamente a longitude do intervalo entre uma vida e outra.

Do plano físico, esteve ausente tão somente 1 200 anos – cifra em verdade curta, se comparada à vida semita em Poseidonis – não obstante, a parte terrestre daquela vida ter sido mais da metade da duração desta outra vida no Egito.

Outras duas famílias, ou melhor, dito, ramos da mesma família, eram amigos íntimos de Órion e de seus pais, e membros proeminentes do grupo que estudava com Mercúrio. Na vida número 43 de “Alcyone”, encontrar-se-á uma lista deles.

Personagens desta vida

EGITO

4 015 A.C.

MARTE – Imperador da Índia nesta época.

PALLAS – Chefe indiano que empregava a magia nas batalhas

SOMA

Egéria: Sua mulher.

Delfino, Hebe e Um: Seus filhos.

Aglaiá: Sua filha.

ÓRION

Gamma, Daphne, Lacerte, Avelledo e Cameleon: Seus amigos de prazeres na cidade.

² (1) Esta vida de Órion foi investigada por C.W. Leadbeater, em 1907, quando se achava na Alemanha. Todavia recordo sua inusitada agitação, quando me disse, certa manhã, que havia descoberto que eu fui Ptah-Hetep (e também o menino Chatta Mánavaka da lenda budista). Ao final do livro “A Instrução de Ptah-Hetep” (traduzido por B.G.Gunn, em 1909, série: Sabedoria do Oriente) Ptah Hetep disse que viveu cento e dez anos. Qualquer leitor que quiser ler a Ptah-Hetep perceberá que não houve muita mudança. Um breve comentário de Leadbeater foi que, em sua velhice, ele era “muito prosaico”. C. Jinarājadāsa.

ÁFRICA DO SUL

2 735 A.C.

CAPÍTULO 20

Desta vez, nossa investigação nos leva a uma parte do mundo que não havíamos visitado antes, pois Órion nasceu em uma raça Árabe, na África do Sul.

O país não estava tão desolado, como está agora. Em sua maior parte, parecia um parque e se viam vastas manadas de animais selvagens. Havia algumas grandes cidades e Templos imponentes, mas tudo num estilo peculiar. Não se usava mescla de cal para construir, colocavam-se enormes pedras, bem cortadas, umas sobre as outras, e as deixavam assim.

A religião era uma espécie de adoração ao Sol e os Templos estavam conseqüentemente orientados. Era um povo muito bonito e de elevada estatura, no geral valente e batalhador. Suas armas principais eram a espada e a lança, ainda que, às vezes, usasse flechas e dardos.

Eram hábeis caçadores e possuíam gado em grande quantidade, mas também havia setores agrícolas e mercantis na população. Parece que o pai de Órion combinava várias vocações, pois era dono de terras e rebanhos, mas, ao mesmo tempo, era caçador e mercador e, quando a ocasião o requeria, demonstrava também ser um bom soldado.

A educação de Órion foi primitiva, mas extremamente prática: aprendeu a montar a cavalo, a manejar com habilidade lança e uma pequena espada, a compreender as várias maneiras de caçar e a conhecer os hábitos dos animais silvestres. Leitura, escrita e contas formavam parte do plano de estudos e aprendeu, também, a curar feridas e a vendá-las. Eram exigidas uma obediência instantânea e disciplina militar e, em parte, para aprender estas lições, foi que o Ego adotou este nascimento. Foi Órion o filho mais velho e teve outros irmãos e irmãs.

Como herdeiro, tinha um pequeno escravo, Gamma, com a sua idade, que foi designado como assistente especial e ele parecia dedicar mais afeto ao escravo do que aos seus próprios irmãos e irmãs. Esse escravo era um menino fiel e muito devoto e tratava de antecipar-se a todos os seus desejos. À medida que cresceu em idade, aumentou seu afeto pelo seu amo e, por toda a sua vida, foi seu criado íntimo e pessoal. Duas vezes salvou a vida de Órion: uma vez, de um leão que, entretanto, feriu seriamente Órion; a outra vez em combate, como se verá a seguir.

Conforme Órion crescia, costumava acompanhar o seu pai em expedições de caça e logo se converteu em um “expert”. A seu devido tempo, ele e o seu irmão mais jovem, Escorpião, enamoraram-se da mesma jovem, Kappa, e, como consequência, azedou a relação entre eles. Secretamente, ela preferia o mais jovem, mas casou-se por interesse. Assim, tiveram vários anos de vida regularmente felizes, ainda que a esposa fosse incapaz de corresponder ao poder de amar manifestado pelo esposo. Ele a idealizava muito e, somente raras vezes, teve a sensação de que faltava algo.

Com o tempo, eclodiu uma rebelião no país e um usurpador se apoderou do trono. O irmão menor, mais pela disputa havida anos antes por causa de Kappa, adotou o partido do usurpador, enquanto Órion, que havia abraçado a causa do legítimo Rei, Sigma, foi desterrado junto com ele. Durante quatro anos estiveram ambos refugiados, com uma tribo que vivia em enormes cavernas – um povo de raça negra.

As cavernas eram muito notáveis, estendendo-se por quilômetros dentro do coração das montanhas, de modo que nenhum homem conhecia todas as suas entradas. Entre os membros dessa tribo, havia uma lenda de que outra tribo, completamente diferente, morava dentro das mais profundas cavidades, que nunca se aproximavam da luz do dia, mas vivia sua vida com alguma estranha luz própria, em enormes galerias onde o frio e a tormenta jamais entravam.

Dizia-se que era uma raça de gigantesca estatura e que diferia, em muitas características, da humanidade comum. Espalhava-se toda classe de contos fantásticos sobre estes gigantes trogloditas que eram considerados com pavor pelos habitantes das cavernas e da superfície.

Órion se mostrava curioso e cético a respeito deles e, para explorar as profundidades das cavernas, uma vez organizou uma expedição, com todos providos de tochas com grandes hastes. Ele e seus companheiros penetraram algumas milhas e viram muitas coisas estranhas. Entre elas, encontraram uma espécie de bolsa ou coleção de finíssimos diamantes, especialmente um que era de tamanho incomum. Mas, dentro, encontraram um gigantesco monstro pré-histórico – provavelmente um dinossauro – e fugiram, com grande pavor, perdendo-se no caminho e sofrendo privações, antes de voltarem a encontrar sua própria caverna.

Sobre a lenda da raça gigantesca das profundidades parece que havia algum fundamento; evidentemente, era uma sobrevivência lemuriana; provavelmente, os homens haviam se refugiado nessas grandes cavernas, quando alguma raça Atlante conquistou o país e acharam possível ver ali.

Órion ofereceu sua bolsa de joias a seu Rei e falou de um projeto que suas descobertas haviam sugerido. Naquele reinado, a mais preciosa joia da coroa era uma assombrosa espada adornada com diamantes que se supunha muito antiga e que possuía certas qualidades mágicas.

Segundo a tradição, qualquer pessoa que possuísse essa espada seria o Rei do país e, em parte, devido à captura dessa espada, por traição, foi que o usurpador teve êxito em se tornar rapidamente senhor de todo o território. O trabalho artístico na empunhadura de sua arma era maravilhosamente fino e a parte mais valiosa do adorno era um enorme diamante, muito maior que qualquer outro até então conhecido pelo povo. Agora, o mais fino espécime do tesouro de Órion era quase igual aquele – talvez um pouco maior – e assim ocorreu a Órion a ideia de que seria possível preparar uma duplicata da espada de diamantes e pensou que, se o Rei aparecesse subitamente entre seus partidários, de posse da sagrada relíquia, seria muito provável que a tomassem como sendo a original. A crença deles em suas propriedades místicas assegurava-lhes a vitória, fazendo-os quase invencíveis e, assim, o trono poderia ser recuperado.

A imaginação do Rei se incendiou e ele sentiu que, se tivesse a espada mágica de seus antepassados, rapidamente poderia conseguir a submissão de seus súditos rebeldes, mas não acreditava que este resultado poderia ser obtido com um substituto. Ademais, pensou que o simples fato de fazer uma imitação seria um ato perigoso e ímpio, que poderia ofender o espírito da espada e talvez ocasionar que se retirasse dela, privando-a assim de seus poderes peculiares.

Constatando Órion que seu primeiro plano não era bem recebido, concebeu outro. Ofereceu-se para regressar disfarçado ao seu país e urdir algum modo de roubar a sagrada espada e trazê-la ao Rei.

Depois de muita discussão, o Rei aceitou sua sugestão e Órion partiu acompanhado unicamente de seu serviçal, Gamma. Chegaram a seu país salvos e sem serem detidos, mas tiveram que esperar meses para levar a cabo um laborioso plano, antes que pudessem se apoderar da espada mágica, tão cuidadosamente vigiada.

Entretanto, Órion descobriu que seu irmão mais jovem havia se apropriado de sua esposa – talvez acreditando, honradamente que houvesse morrido -, mas de qualquer modo, disposto a acreditar nisto, sem fazer qualquer esforço para verificar o rumor. Ele ficou muito indignado e travou uma grande luta interna entre sua lealdade a seu rei, a missão que havia sido encomendada (que o

obrigava a ficar anônimo e a guardar silêncio) e o ardente desejo de se apresentar e vingar a traição do irmão.

Durante dois dias, esteve sentado no chão, sem comer nada, lutando consigo mesmo sobre o problema; por fim, a lealdade triunfou e ele se resignou a aplacar sua vingança, por enquanto – uma vitória realmente maravilhosa sobre sua impulsividade em vidas anteriores.

Finalmente, seu plano teve êxito e, uma noite, fugiu em posse da espada mágica. A ausência da espada foi acidentalmente descoberta mais rápido do que ele havia calculado. Organizou-se uma expedição e, na noite seguinte, ele e Gamma foram alcançados e derrotados depois de um curto combate e enfim capturados. Mas os soldados cometeram o erro de acampar nessa mesma noite e, antes do alvorecer, o esperto Gamma havia conseguido soltar-se de suas ligaduras e libertar seu amo. Havia assassinado um sentinela e roubado a espada do oficial comandante.

Tanto Órion quanto Gamma foram feridos na luta, mas, ao fugir, avançaram o mais que fora possível e tiveram a sorte de encontrar um bom esconderijo, onde permaneceram por dois dias, embora fossem procurados freneticamente pelos seus captores.

Extenuados com a perda de sangue e a falta de alimentos, em condições lamentáveis, chegaram, finalmente, à caverna onde se encontrava seu Rei, mas, posto que haviam trazido a espada de diamantes, Órion foi recebido com muita alegria e festa.

O usurpador fez o possível para esconder o fato de que havia perdido a espada, mas a notícia se espalhou, apesar de seus esforços, e a superstição do povo o fez sentir que sua causa já estava perdida e que seu cetro havia desaparecido. Quando o Rei apareceu, repentinamente, com um pequeno mas decidido exército de seguidores, a resistência foi somente superficial e o usurpador fugiu desalentado. Na luta, Órion foi ferido e abatido, mas Gamma não o abandonou um instante sequer e morreu defendendo-o.

Órion melhorou de seus ferimentos e foi premiado por seu Rei com uma elevada posição de honra. Houve uma cena dolorosa, quando ele se revelou à sua esposa e a seu irmão, que ficaram muito atemorizados com suas reprovações, entretanto, ele lhes perdoou. Recebeu de novo sua esposa, mas insistiu que seu irmão abandonasse o país. Ainda quando esta decisão foi feita, parece que Órion não confiava muito em sua esposa, pois se recusou a viver no povoado e adotou, como residência para sua família, um estranho edifício de pedra (antiga relíquia de uma caça anterior) que se erguia no sopé de uma colina. Tinha mais ou menos a aparência de uma mesquita maometana e era evidente que foi construída por pessoas que entendiam muito mais de arquitetura do que estes árabes.

Ali continuou residindo até que foi morto, com a idade de quarenta e oito anos, em luta com uma tribo vizinha. Antes do seu desterro, havia tido alguns filhos, mas não nos foi possível reconhecê-los.

Era valente no combate, mas nunca sentiu prazer em guerrear, assim como seus conterrâneos. Esta vida nunca satisfaz a parte mais elevada da sua natureza, mas lhe ministrou lições apreciáveis de disciplina, paciência e controle de si mesmo.

SIGMA – Rei.

ÓRION

Escorpião: Seu irmão.

Kappa: Sua mulher.

Gamma: Seu escravo.

MERCÚRIO

Vênus: Sua mulher.

Atlante: Sua filha.

Uranus, Sirius e Hector: Seus filhos.

SELENE

Aldebaran: Sua mulher.

Eros e Ifigênia: Suas filhas.

Deneb, Castor e Ausonia: Seus filhos.

SIRIUS

Mizar: Sua mulher.

Ájax, Mira e Telemaque: Seus filhos.

Egéria, Fomalhaut e Theseo: Suas filhas.

CAPÍTULO 21

A seguinte aparição de Órion foi no reino da Pérsia, atual Irã, que, então, era uma civilização muito elevada. Foi o filho de Nu, rico mercador, homem bom e afável, mas demasiadamente ocupado com os negócios para dar atenção ao menino. A criança não se sentia muito amada; sua mãe, Aglaia, uma fina dama a quem ele amava à distância, também não tinha muito tempo para ele, ocupada que estava com dois irmãos mais jovens: sua filha Capri e o bebê Hebe.

Órion era um tanto centrado em si mesmo e cresceu como se estivesse dentro de uma concha até a idade de sete anos. Então aconteceu um evento que, subitamente, mudou todo o curso de sua vida.

Seu pai ia estabelecer uma sucursal de seu negócio em uma cidade distante, nas fronteiras do império. Por este motivo decidiu mudar-se com toda a família por um ano ou dois, a fim de dar um bom impulso inicial. Seu séquito de empregados, móveis, gêneros e tudo de que necessitava, formava uma longa caravana de camelos e, quando passou por caminhos mais frequentados, atraiu a atenção de um bando de ladrões que a atacou.

A caravana opôs uma tenaz resistência, mas os bandidos eram demasiados fortes e numerosos para eles. O pai e os serviçais foram mortos; a mãe, as crianças e todos os gêneros foram capturados e estavam a ponto de ser levados.

Enquanto a luta se encontrava em seu auge, apareceu em cena outra pequena caravana e seu guia, Sirius, vendo o que acontecia, liderou seus homens para prestar ajuda aos viajantes que estavam sendo atacados. Chegou demasiado tarde para prestar ajuda, porque o combate havia terminado, antes que alcançasse o lugar, mas os ladrões se apressaram tanto em fugir que abandonaram parte do roubo. Arriaram os camelos carregados de mercadorias, juntamente com os seus próprios, mas esqueceram os cativos.

Aglaia lutava desesperadamente com um ladrão que levava seus pequenos filhos e se engalfinhou numa luta corporal com ele, que teve que apunhala-la repetidas vezes. Na pressa, Órion, que era levado por um dos ladrões, caiu do camelo e não teve tempo de levantar-se, de modo que, quando o chefe da segunda caravana chegou ao local, ele era o único sobrevivente.

O pobre menino caído sobre a areia, meio fora de si, chorava e gemia, tomado de terror. Sirius saltou da montaria e tratou de confortá-lo, fazendo um solene juramento de protegê-lo e amá-lo como a seu próprio filho, mas a comoção sofrida havia sido tão grande, que se passaram várias horas para que parasse a lamúria e o tremor histérico que se havia apoderado dele.

Então, em lugar de abraçar convulsivamente seu novo protetor, o menino se acomodou, quietamente, em seus braços e o olhou com gratidão e timidez.

Todo esse tempo o chefe permaneceu sentado sobre a areia, sustentando e consolando o assustado menino e, quando já estava completamente adormecido, encostou-o em umas almofadas, cobrindo-o com sua própria capa. Quando o menino despertou na manhã seguinte, já existia um forte laço de afeto entre eles, pois apesar do caráter aparentemente acidental deste encontro, o antigo laço já se estava manifestando.

Sirius havia sido o chefe hereditário de uma tribo Árabe. Sentia um forte interesse por todas as questões religiosas, filosóficas e ocultistas; isto o levou a fazer uma visita de investigação a uma

cidade, no interior da Arábia, povoada por magos e de caráter mais que duvidoso. Encontrou entre eles alguns conhecidos de vidas anteriores: Focea, Alastor e Câncer, mas não obteve de nenhum deles nenhuma satisfação verdadeira, razão pela qual seguiu buscando.

Escutando relatos de viajantes, soube da fama dos astrólogos e magos da Pérsia e, por fim, resolveu ir viver naquele país e dedicar sua vida ao estudo dessas matérias. Por consequente, renunciou a seu cargo de chefe em favor de seu irmão mais jovem, Selene, e se dirigiu à Pérsia, encontrando no caminho a aventura que já descrevemos. E, assim, sucedeu que chegara à cena de seus futuros estudos, com uma inesperada adição a seu grupo, na forma de um pequeno filho adotivo.

Órion se desenvolveu formosamente sob a influência do primeiro afeto verdadeiro, que até então, não havia encontrado e floresceu, convertendo-se em uma criança ativa e sedutora. Por muito tempo, viu-se perturbado por ataques de terror quando algum incidente o fazia recordar a carnificina que havia presenciado e, desde então, nunca pôde suportar a vista de violência e derramamento de sangue; uma e outra vez fez votos de que, sob nenhuma provocação, tomaria parte alguma em qualquer classe de luta.

Sirius o levou consigo, à medida que viajava por todo o país e, quando chegaram à cidade onde Órion havia nascido, fez pesquisas a respeito das propriedades de Nu, a fim de ver se alguma coisa estava disponível para o menino. Descobriu que tudo havia sido dividido entre Apis e Estella, os sócios do pai de Órion. Estavam ambos dispostos a conceder ao menino uma participação nos negócios, mas somente na condição de que ficassem com ele e que fosse educado por eles para o comércio, mas como Órion não desejava separar-se de Sirius e este certamente não tinha intenções de se desfazer de seu filho adotivo, resolveram renunciar à reclamação de qualquer porção da propriedade, e deixar que os sócios fizessem o que quisessem com ela.

Sirius visitou muitos templos e instituições de ensino e, por fim, decidiu ficar definitivamente em uma delas como estudante e discípulo, motivo pelo qual liberou seus criados e vendeu seus camelos. Se não fosse por Órion, provavelmente haveria adotado completamente a vida ascética que seus mestres o recomendavam, mas ele considerava o menino como um encargo sagrado e o carinho entre eles era tão grande que nada conseguiria separá-los.

Havia trazido consigo algumas joias como presente aos mestres religiosos, ignorando, então, que nenhum mestre de qualidade que ele buscasse, jamais aceitaria presente algum, assim foi vendendo-as pouco a pouco e com essas vendas e da caravana, puderam prover por longo tempo as suas sensíveis necessidades.

No curso de seus estudos, Sirius teve que copiar, para seu próprio uso, muitos manuscritos do Tempo. Tinha uma rara habilidade para escrevê-lo com clareza e como gostava da ocupação, fez cópias extras e as vendeu, desenvolvendo assim, com o tempo, um negócio regular e produtivo.

À medida que Órion crescia, também se deleitava em ajudar a copiar e fazia-o admiravelmente, mas, mais que tudo, gostava de tocar a harpa, e também um instrumento, espécie de Vina, em que as cordas eram estiradas através de uma cabeça seca, perfurada e altamente polida.

Rapidamente chegou a pulsá-la com maestria e constantemente era empregado para tocar nos serviços do Templo, embora sendo muito jovem.

Por esse tempo, a vida de Sirius era muito feliz, dividida entre o estúdio, a escritura e o jogo com o menino a quem também ensinava. Aprendeu muito sobre astrologia, ciência que havia sido legada pelos antigos Caldeus, e, posto que, a predição astrológica era parte dela, uma vez consultou Lira, Sacerdote muito instruído e muito santo, acerca do futuro do menino.

Segundo lhe disse este homem, os astros indicavam para Órion uma vida curta e de morte violenta, mas também (ainda que em evidente contradição) um futuro de glorioso desenvolvimento

espiritual. O Sacerdote não pôde conciliar essas indicações e Sirius, com frequência, ponderava acerca delas.

Ainda quando ele havia se afiliado a certo Templo, visitava também os demais, de tempos em tempos e, gradualmente, conheceram todas as principais cidades do país. Órion mostrou muito interesse nessas cidades, mas Sirius preferia a vida do campo onde havia tempo suficiente para a meditação.

Coisa notável em uma dessas cidades, era uma espécie de enorme pirâmide, escalonada, feita de terra e revestida de pedra, produzindo o efeito de uma série de amplos terraços, que gradualmente se afastavam, todas elas plantadas com as mais belas flores e ainda com arbustos e árvores.

A seu tempo, Sirius foi iniciado em alguns dos mistérios da religião, então em voga; nunca diminuiu seu interesse por tudo isto e sempre ensinou o menino tudo que lhe era permitido repetir.

Havia uns poucos templos de magia tenebrosa e seus sacerdotes sempre andavam em busca de jovens de ambos os sexos que pudessem utilizar para trabalhos clarividentes. Quando Órion tinha quinze anos, um dos sacerdotes dessa religião o viu e fez um esforço determinado para atraí-lo e submetê-lo a seu poder; sua principal isca foi Dafne, uma menina uns dois ou três anos mais velha que Órion e quase teve êxito. Sirius suspeitava do Sacerdote e veementemente se opôs ao lance e tão somente o intenso afeto que Órion sentia por ele pôde fazer prevalecer o critério de Sirius. Este compreendia que Órion ignorava qual classe de companhia estava atraindo, de modo que, com grande dificuldade, esforçou-se para encontrar um local de onde, ele e Órion, sem seres vistos, pudessem presenciar uma das horríveis cerimônias de magia negra daquela época, na qual a menina tomava parte proeminente. Órion se curou imediatamente de toda inclinação pela jovem; a visão da cerimônia o adoeceu fisicamente e lhe provocou um terror e repugnância quase histórica. Se lhe reproduziu uma cena intensamente vívida (que realmente era a recordação de uma vida na Tartária), de um cadáver que se movia e falava e de um mago que se transformava em lobo.

A descoberta de Sirius confirmou plenamente sua desconfiança no Sacerdote e da menina, e tornou ainda mais forte o laço já existente entre eles; o profundo sentimento de gratidão que o filho adotivo sentia por seu pai se fortaleceu consideravelmente ao dar-se conta de que o havia livrado de outro perigo, ainda maior que o primeiro.

Em suas viagens de templo em templo e de cidade em cidade, geralmente cavalgavam em asnos e durante uma dessas expedições a idílica vida que levavam chegou abruptamente a seu fim.

Em um lugar apartado e solitário, caiu sobre eles um bando de beduínos. Seu número era tão grande que toda tentativa de resistência foi inútil, ainda sem levar em conta o juramento de Órion de evitar matanças, de modo que não havia outro remédio senão lutar naquele instante.

No momento em que foram atacados, Sirius foi ferido por um golpe de azagaia, caiu do asno e gritou a Órion que fugisse a toda pressa, já que, enquanto se ocupassem dele, teria tempo para escapar, mas Órion se recusou a abandoná-lo e correu ao seu lado. Fiel ao seu voto, não levantou a mão para defender-se e ambos foram, em um instante, cortados em pedaços pelos selvagens piratas do deserto; bem poderíamos dizer destes dois que “em suas vidas foram fiéis e leais amigos e que na morte não se separaram”. Órion tinha apenas dezessete anos e Sirius quarenta e cinco.

Personagens desta vida

PÉRSIA

1 879 A.C.

NU – Rico comerciante.

Aglaiia: Sua mulher

Órion e Hebe: Seus filhos.

Capricórnio: Sua filha.

Apis e Estella: Seus sócios.

SIRIUS

Selene: Seu irmão.

Órion: Seu filho adotivo.

URSA – Jovem Árabe que foi o amor de Sirius.

ÁSIA MENOR

1 521 A.C.

CAPÍTULO 22

Como o mataram tão jovem em sua existência anterior, Órion logo regressou à Terra, na cidade de Agadé, situada na Ásia Menor, nas praias dos Dardanelos, onde está agora a cidade de Lampsaki. Agadé foi construída ao redor de uma baía em forma de meia lua e atrás dela sobressaíam dois pequenos montes, em um dos quais se localizava o Grande Templo de mármore branco dedicado à Palas Atenea e do qual Mercúrio (o mestre K.H.) era, então, Sumo Sacerdote. A raça predominante na cidade era grega, do antigo tipo jônico e a essa casta branca pertencia o Templo de Palas. A administração da cidade e seu governo estavam a cargo de dois oficiais eleitos, a quem se denominava Arcons. A maior parte da população era de uma origem mais escura e vermelha, provavelmente Hittites, que haviam dominado o país antes de ser conquistado pelos gregos primitivos, alguns séculos antes. Estes Hittites eram adoradores de Tamuz e da velada deusa Tanais, ou Istar (a Ashtaroth da Bíblia). Eles tinham um grande Templo na parte inferior da cidade, onde a religião era de caráter corrupto e se praticavam muitas cerimônias mágicas indesejáveis.

No Templo de Palas, adorava-se a Divina Sabedoria e se davam ensinamentos elevados e puros. Durante as sessões secretas dos sacerdotes iniciados, muitas vezes se materializava um Adepto Hindu (o Mestre de Mercúrio) para dar-lhes instrução. Havia se estabelecido ali um curioso e poderoso centro magnético. Cavada profundamente numa rocha, debaixo do altar, havia uma depressão esférica que não tinha nenhuma entrada, nenhuma comunicação física com algo mais, no entanto, flutuando no centro dela, ardia constantemente um firme resplendor, ou chama de aparência elétrica. Acima, sobre o piso do Templo, junto ao altar, via-se um curioso trono de pedra, que tinha sido lavrado em um enorme meteorito e que era venerado.

Havia algumas virgens vestais inscritas no Templo, entre elas: Herácles, Eudóxia e Rhea, e em certos serviços, a virgem vestal do turno se sentava nesse grande trono de pedra e entrava em estado de transe, sob influência de uma tremenda forma magnética vinda do chão. Permanecendo neste estado, as virgens proferiam sermões ao povo, ou melhor dizendo, proferiam-se os sermões através delas pelo Instrutor Adepto, ou por algum outro Mestre. Durante esses transe, o Sumo Sacerdote permanecia sempre ao lado da virgem, cuidando para que nenhum dano ocorresse ao seu corpo.

Frequentemente, também davam-se mensagens especiais, por meio da virgem em transe, aos indivíduos presentes na congregação e se considerava elevada honra receber uma dessas mensagens.

Havia dez destas virgens, embora, usualmente, somente cinco permanecessem em serviço ativo, revezando-se no trabalho, enquanto as outras cinco eram donzelas mais jovens, em treinamento.

Essas garotas não eram obrigadas por votos permanentes e podiam abandonar o Templo quando quisessem, mas quando ali se encontravam tinham que cumprir regras muito restritas. Ao chegar a uma certa idade, todas tinham que ir embora e era costume se casarem e entrarem para uma vida comum. Assim, se mais tarde desejassem regressar ao Templo, depois de um certo tempo, era permitido fazê-lo e podiam também, agregar-se a ele permanentemente e muitas faziam isso. Enquanto exerciam seu Ministério, tributavam-se as mais elevadas honras a essas vestais; exerciam um grande poder na cidade, por exemplo, tinham o curioso privilégio de ratificar ou retificar sentenças judiciais se assim achassem conveniente, naqueles casos em que se apelava a elas.

Órion, (como em sua vida em Etrúria, 6800 anos antes) foi filho de Muni, mercador rico e honrado, Conselheiro da cidade, bom e indulgente, porém não propriamente religioso. A mãe, Hélios, era uma mulher inteligente, de rosto afilado e intensamente interessada em filosofia. Órion teve dois irmãos, Sapho e Tolosa e três irmãs, Theseo, Egéria e Eros. Os meninos eram rigorosamente educados, ainda que o currículo fosse diferente do nosso. Todos podiam modelar em argila e fabricar cerâmica, que adornavam com figuras de animais de muito efeito. Ensinavam-se a eles várias formas de escrever e sob a iluminação e livros eram levados a um nível muito elevado. Geralmente os livros eram pergaminhos enrolados em varas de marfim e a escrita era em grego arcaico, escrito da direita para a esquerda. Os meninos praticavam muitos tipos de jogos, especialmente um jogo de bola que se chamava Sfariké. Durante o verão, usavam leves vestidos de linho, de linha graciosa e no inverno, peles, com roupas de couro muito suave por baixo. As pessoas mais pobres usavam uma espécie de felpe cinza.

Órion aproveitou muito bem seu tempo na escola e teve êxito especial em expressão e música. Estudou com muito empenho e desde tenra idade se interessou muito pela filosofia de sua mãe, assim como pelos serviços religiosos do Templo de Palas. Tinha uma veneração especial pelo Sumo Sacerdote, Mercúrio e, com frequência, vagava ao redor das habitações do Templo, durante horas, nem que fosse para poder vê-lo por um instante. O Sumo Sacerdote sempre se dava conta de sua presença e, bondosamente, conversava com ele. Quando ainda era jovem, os sacerdotes do tenebroso Templo de Tamuz trataram de persuadi-lo, com grandes promessas, para que prosseguisse os estudos com eles e ele ajudou em algumas de suas funções. Suas cerimônias exageradas e ritual complicado tiveram uma certa atração mística para ele, no entanto, sempre lhe desgostavam porque, instintivamente, sentia que havia por trás muita hipocrisia e impurezas e, às vezes, só o fato de entrar no Templo fazia seu corpo doer.

À medida que crescia, começou a ajudar o pai em seus negócios; tomou o trabalho com muito empenho e até parecia ambicioso, mas lhe agradava mais a parte aventureira do assunto: ajudar no carregamento daqueles barcos de estranha aparência, com brilhantes velas azuis e, também, algumas vezes, navegar neles com rumo a algum porto próximo. Proteo era, então, o controlador do porto e seu filho, Selene, mesmo sendo quatro anos mais jovem que Órion, era seu amigo e companheiro constante em tais expedições e, frequentemente, discutiam muito sobre filosofia, que atraía profundamente ambos. Esse interesse foi crescendo firmemente e chegou, por fim, a se sobrepor aos instintos comerciais de Órion, que foi ver o Sumo Sacerdote e pedir-lhe conselhos, perguntando-lhe se podia renunciar a assuntos do mundo e dedicar sua vida, por completo, ao estudo e ao serviço do Templo sob sua direção. Poucos dias depois, Órion foi chamado ao trono do

meteorito, durante uma das reuniões do Templo e ali lhe foi dito, pela boca de uma das virgens vestais, uma das mensagens tão estimadas: “Todavia, não podes obter aquilo que desejas”, lhe disseram, “uma vez, teu Mestre te chamou e não ajudaste. Virá o tempo em que ele voltará a chamar-te; trabalha agora para que possa estar pronto a responder, então, para que, por meio de ti, o mundo possa ser abençoado”.

Tremenda foi a impressão que Órion teve, e mesmo que não pudesse estar a serviço do Templo, dedicaria a maior parte de seu tempo aos estudos de assuntos filosóficos. Apesar de ter agudo sentido dos prazeres do mundo, nunca se esqueceu de sua resolução e fez grandes progressos na compreensão das verdades sagradas que se apresentavam, discutindo constantemente cada etapa com sua mãe e fazendo com que o Sumo Sacerdote dissipasse suas dúvidas. Apaixonou-se por duas ou três ocasiões no curso de sua vida comum, mas voluntariamente desprezou tais pensamentos, para não prejudicarem seus estudos. Seu pai o considerava iludido e pouco prático; à medida que passava o tempo, menos e menos se interessava pelos negócios e sua devoção à religião e à filosofia crescia mais e mais, sua mãe simpatizava com ele e sempre o apoiava.

De um certo modo, sua vida não teve incidentes, no entanto, desenvolveu domínio próprio e confiança em si mesmo, pois, em geral, esta foi uma existência claramente proveitosa, mesmo tendo vivido em meio a muita corrupção e rodeado de tentações. Tinha alcançado a idade de trinta e um anos, quando a cidade de Agadé foi destruída por uma incursão de guerreiros bárbaros procedentes do interior, provavelmente, Escitas, e foi morto na carnificina geral. Por meio das profetisas, os Sacerdotes do Templo de Palas foram advertidos sobre a catástrofe que se aproximava, mas não foi permitido advertir o povo; talvez pudessem ser salvos, mas preferiram a sorte de seus conterrâneos até o fim. Os Sacerdotes do Templo de Tamuz haviam apoiado a invasão dos bárbaros, que secretamente provocaram os Hittites, com esperança de que pudessem capacitá-los para libertarem-se do domínio dos gregos, mas quando se iniciou o ataque, intensificaram-se os instintos selvagens das hordas de vandalismo e dedicaram-se a matar e a roubar uns aos outros.

A mãe de Órion pôde escapar dos bárbaros e se escondeu em uma cova, ali permanecendo por algum tempo, mas desgraçadamente, o teto da caverna desmoronou e a esmagou, assim morrendo com grande sofrimento. O Sumo Sacerdote, Mercúrio, foi morto como todos os outros, mas seus poderes lhe permitiram tomar o corpo de um jovem pescador que havia se afogado ao pretender escapar e nesse corpo se encaminhou, pouco a pouco, à Índia, detendo-se por algum tempo na Pérsia, trabalhando ali como ourives e tomando parte importante na fundação da moderna forma de Zoroastrismo³. Já na Índia, reuniu-se com seu Mestre, em corpo físico, ele mesmo que havia aparecido no corpo astral, em Agadé, nas câmaras subterrâneas do Templo, para instruir os iniciados.

Selene também foi morto nessa guerra, aos vinte e sete anos e voltou a nascer próximo a Banaras, no ano de 593 A.C., como Chatta Mánavaka, mas viveu somente treze anos, de modo que ele e Órion puderam voltar juntos outra vez, na seguinte vida, na Grécia⁴

³ Veja “As Vidas de Alcyone” – Vida 46ª.

⁴ Veja “As Vidas de Alcyone” – Vida 48ª.

Personagens desta vida

ÁSIA MENOR

1 521 A.C.

MERCÚRIO – Grande Sacerdote do Templo de Palas.

Netuno: Seu filho.

Fides: Sua filha.

HÉRCULES – Virgem vestal.

PROTEO – Chefe do porto.

Concórdia: Sua mulher.

Selene e Trapezium: Seus filhos

Ausonia e Meletea: Suas filhas.

HEBE – Rico comerciante.

Amaltea: Sua filha

DELFINO – Rico comerciante.

Capelia: Sua mulher

Cyrene: Seu filho.

Pomone: Sua filha.

UM

Hélios: Sua mulher.

Órion, Sapho e Tolose: Seus filhos.

Theseo, Egéria e Eros: Suas filhas.

CLIO – Estudante do Templo.

Nosso herói nasceu, desta vez, em Atenas, em uma das famílias dos Eupátridas, em uma época turbulenta e difícil da história grega. Seu nome foi Theodoro; seu pai foi Kleómenes (Sirius); sua mãe, Philipa (não pertencia ao nosso grupo); seu irmão mais velho foi Filaletes (Selene); seu irmão mais novo, Kleón (Mira); e sua irmã menor, Ágata (Fomal). Formavam uma família especialmente feliz e unida, sendo muito fortes os laços de afeto entre eles. O único ponto fraco, nessa união, era seu segundo filho, Anaximandros (Ursa)⁵, que não parecia ser como eles, pois tinha espasmos de desgosto por seu lar; e sua má disposição causou muitas dificuldades a todos. Sirius assumiu sua parte na política e nas guerras daquele período, porque seu maior interesse era a escola Pitagoreana de Filosofia. Na sua juventude, havia visto o grande Pitágoras em pessoa⁶ e sido ajudado e instruído, especialmente por seu discípulo Kleiniar (Urano) que mais tarde veio se estabelecer em Atenas e fundou ali uma escola de Filosofia, na qual todos os nossos personagens eram estudantes aplicados.

Urano teve como esposa, Vesta; Agatodes (Erato), tio de Órion, casou-se com Deméter, uma das filhas de Urano, assim as famílias eram muito próximas e estavam constantemente juntas.

Sirius e Erato compartilhavam uma ampla casa em uma colina em frente à Acrópole, vivendo em lados opostos de seu grande pátio; formavam uma só família. Erato era um célebre escultor e seria mencionado na história esotérica como Kálamis, nome que firmava em todas as suas obras, ou pelo menos, na maior parte. Seus dois filhos, Bella e Ájax e suas filhas, Eufrosina (Veja) e a mais jovem, Psiqué, tiveram naturalmente proeminência na vida de Órion, apesar de quase todos serem mais jovens que ele. A menina Veja, por exemplo, era nove anos mais nova que ele; uma criatura extraordinariamente bonita e todos os irmãos queriam-lhe muito bem. Alguns netos de Urano se encontravam também entre seus companheiros de jogos.

Apesar das constantes guerras e tumultos, a vida deles foi feliz e livre, cheia de satisfação de viver ao sol e ao ar livre, coisa que para outros, em nossos dias, é difícil de se compreender. A raça grega era muito formosa, dava-se muita importância e atenção à cultura física. Órion era um belo jovem, abençoado, cheio de vida e vigor; muito hábil nos esportes e nos jogos; possuía um intelecto muito fino e aprendia prontamente e com facilidade.

A educação daquela época era curiosamente distinta da nossa, limitada em certas direções, mas excelente em outras. Não tinha que se estudar muito nos livros e se conhecia muito pouco das leis

⁵ Veja “As Vidas de Ursa” – Vida 10ª

⁶ Veja “As Vidas de Erato” – Vida 15ª

da natureza como o que hoje se ensina em ciências, tal como química e astronomia. O esforço educativo se dirigia melhor a despertar as faculdades dos meninos e não a carregá-los com tarefas áridas, para fazer sua vida diária brilhante, alegre, ativa e ensinar-lhes a distinguir entre o mal e o bem e apreciar o melhor em arte e poesia. Ensinavam-se diretamente as máximas da Filosofia, mas também se confiava muito na influência do meio ambiente e por esse motivo os meninos teriam sempre, diante de sua vista, formosas pinturas e estátuas que tratavam de reproduzi-las.

Órion desenvolveu especial habilidade em modelar em argila e frequentemente se encontrava na oficina de seu tio, no outro lado do pátio; mais tarde estudou com dedicação e fez muitos bons trabalhos, copiando em mármore algumas das estátuas dele – notavelmente a dos moços a cavalo que Kálamis acrescentou ao grande grupo em bronze, de Onatas, em Olímpia. Por elas, Órion tinha um carinho especial, porque serviu, ele mesmo, de modelo para um dos jovens do grupo e também porque havia participado, com muito êxito, nos Jogos Olímpicos, ganhando uma vez a coroa de oliveira silvestre, que era o maior e mais apreciado prêmio que a Grécia podia outorgar. Era um rapaz bondoso e sentimental, sempre ansioso para aliviar qualquer sofrimento de que tivesse notícia; retraído e entediado algumas vezes, mas capaz de uma grande riqueza de afetos.

Um infeliz acidente em sua infância produziu um efeito considerável em seu caráter. Sempre foi um menino pacífico e se horrorizava ao ver alguém sendo ofendido ou sofrendo, mas numa ocasião, perdeu o controle e se deixou levar pela cólera, dando um violento empurrão em um outro menino, companheiro de brincadeiras, quando se encontravam na parte superior da escada da casa de seu pai, o outro menino caiu pelo lado da escada até o solo e se feriu seriamente, permanecendo manco por alguns anos. Foi grande o remorso de Órion, e fez votos, por mais de uma vez, de que nunca mais voltaria a levar algo na disputa pessoal, não importando o quão grande fosse à provocação.

Cumpriu sua promessa, se bem que, anos mais tarde, teve que tomar parte na defesa de sua pátria como todos os demais nobres. Quando os gregos ganharam a Batalha de Maratona, na qual seu pai e seu tio tomaram parte, ele tinha somente nove anos, portanto não pôde, naturalmente, participar dessa grande luta, em que um exército Persa de mais de cem mil soldados, sob o comando do maior general daquele tempo, foi derrotado, com grandes perdas, por um reduzido corpo de dez mil gregos. Foram mortos muitos milhares de persas e pouco menos de duzentos atenienses, e a Grécia gozou de paz por algum tempo.

A ocasião em que Órion ganhou a coroa de oliveira foi, supostamente, um momento de grande regozijo para sua família, mais ainda porque coincidiu com sua iniciação nos mistérios de Eleusis. Foi uma esplêndida procissão, na qual a figura mais importante foi o formoso jovem, coberto com grinalda de flores. Sua mãe Philipa, sempre gentil, terna e sensível com seus filhos, presenciou a procissão com grande deleite e orgulho. Com ela estavam Fomal, Hélios e Aquiles (as duas netas de Urano) que haviam se apaixonado profundamente pelo jovem atleta. Ele as amava igualmente e tinha dificuldade por se decidir entre uma ou outra, porém mais tarde, morreu a irmã maior e, quando tinha vinte e dois anos, se casou com a mais jovem.

Antes disso, teve que desempenhar sua parte nos acontecimentos que estremeciam a sua pátria. Seu pai foi um dos delegados Atenienses que concorreram ao célebre Congresso de Corinto, no ano de 481 A.C., e tanto Selene quanto Órion o acompanharam nessa histórica ocasião. No ano

seguinte, Jerres, Rei dos Persas, avançou sobre Atenas com um poderoso exército de um milhão de homens recrutados, segundo ele se vangloriava, de quarenta e seis nações; como era impossível resistir com êxito, todos os atenienses tiveram que abandonar seus lares e buscar refúgio nas ilhas. Com grande tristeza, nossa família teve que deixar sua formosa mansão e não há dúvida que esse sentimento fez com que lutasse com mais valor na grande batalha naval de Salamina, onde a frota persa foi totalmente derrotada e Jerjes se retirou apressadamente com seu exército para a Ásia, deixando, trinta e três mil homens às ordens de seu general Mardônio. Órion mostrou suficiente bravura no combate, ainda que o horror tenha se apoderado dele à vista das feridas e sangue, superou essas dificuldades para seguir combatendo e cumprir com seu dever.

Depois da batalha, a família regressou ao lar e teve um grande alívio ao ver que os persas, que haviam destruído grande parte da cidade, não alcançaram a região onde eles viviam. Tiveram igual boa sorte no ano seguinte, quando Atenas teve que ser abandonada, uma vez mais, ante o avanço de Mardônio. Órion se conduziu com nobreza e coragem na grande batalha de Platea, quando, no final, os Espartanos acudiram em auxílio dos Atenienses, ao mando de Pausanias, e o exército invasor foi totalmente destruído. Órion combateu muito bem nas selvagens investidas da primeira parte da batalha, mas, quando os soldados asiáticos foram por fim cercados em seu acampamento e mortos a facadas, o que destruiu para sempre o poder da Pérsia, ele adoeceu ao presenciar a horrível carnificina e teve que abandonar o campo.

Novamente a família regressou a sua casa, desta vez para não voltar a deixá-la e Órion passou a tomar parte na vida política. Por essa época, havia em Atenas dois grandes partidos que, num certo sentido, correspondiam ao que hoje chamamos de Conservadores e Liberais. Aristides era o chefe do Partido Conservador; desejava mantê-lo tal como nos dias de outrora e se opôs, veementemente, à construção da frota que salvou a Europa em Salamina. Este fato criou tantas dificuldades que ele foi exilado durante alguns anos antes daquela batalha, mas, patrioticamente, deixou de lado toda a diferença de opinião e regressou para tomar parte no combate.

O Partido Liberal, por sua vez, sustentava que o mundo estava mudando; que já havia passado a era dos antigos tempos feudais de domínio dos latifundiários; que Atenas devia desenvolver seu comércio e ter navios para protegê-lo. O chefe deste partido era Temístocles, um homem muito astuto que fez muito pelo seu país, mas infelizmente, era muito pouco escrupuloso em seus métodos. Geralmente suas ideias eram excelentes e Órion acreditava nele, apoiava-lo com calor e se recusava a ouvir quando alguém falava mal dele. O primeiro discurso público que Órion pronunciou, antes de vinte anos, foi em apoio ao projeto de Temístocles para a fortificação de Atenas e Pireo. Falou bem e com força, com uma admirável seleção de palavras, pondo grande carga de emoção e sentimento no que dizia. Também falou várias vezes, dois anos mais tarde, em favor da Confederação de Delos, justamente na época de seu casamento, em 477 A.C.. Teve seis filhos, sendo Anastácia (Theseo) a mais cheia de doçura.

Durante os seis anos que se seguiram ao matrimônio de Órion, Temístocles estava no mais alto grau de seu poder e Órion lhe foi muito útil de muitas maneiras, embora nunca em nenhuma transação duvidosa. Portanto, a vaidade e a injustiça de Temístocles, gradualmente, ocasionaram até o ódio dos atenienses e, no ano de 471 A.C., houve um decisivo movimento contra ele que foi exilado e passou a viver em Argos. Órion se indignou por ele e, voluntariamente, compartilhou seu

exílio; porém, aos poucos, deu-se conta de que seu herói não era tão limpo de pecados como havia pensado no início e tal descoberta lhe causou muita pena. Quatro anos mais tarde, quando foi claramente demonstrada a cumplicidade de Temístocles na degradante conspiração de Pausanias, este foi para a Pérsia e Órion voltou a Atenas.

Entretanto Aristides estava morto e Kimón, filho de Milcíades, sucedera-o como chefe dos Conservadores; opostamente, no lugar de Temístocles, o chefe liberal era agora um nobre chamado Péricles. Durante os primeiros anos depois do retorno de Órion, o Partido Conservador estava em vantagem, mas logo houve uma mudança na política e Péricles chegou ao poder. Com breves intervalos, manteve sua posição até sua morte, ocorrida trinta e três anos mais tarde e, durante todo esse tempo, Órion o apoiou e lhe serviu lealmente. Órion chegou a ter influência nos conselhos de Atenas e era considerado um dos melhores oradores, do tipo peculiarmente brilhante. De forma decisiva ajudou muito a Péricles, apoiando-o em todas as reformas que introduzia. Péricles confiava nele, não só pela eloquência e sabedoria, mas também pela nobreza de seu caráter. Seu ideal era desenvolver a inteligência e o bom gosto em cada cidadão ateniense, confiando que depois se governariam a si mesmos. Divulgou as artes, a poesia e a música ao máximo e Órion trabalhou nessa direção.

Órion recusou tomar parte nas numerosas guerras de forasteiros, mas lutou ao lado de seu pai e junto com “os moços velhos” em Megara, contra os Coríntios; Péricles lhe encarregou da construção de duas imensas muralhas, de seis quilômetros de largura, separadas por uma distancia de duzentos metros, que ligaram Atenas ao porto de Pireo.

Um período de grande progresso para ele, foram os vinte e cinco anos seguintes, porém falava em assuntos políticos em frequentes ocasiões; dedicou-se, quase por completo, ao estudo e predição de assuntos morais e filosóficos, sendo considerados como muito instrutivos e enobrecedores os seus discursos sobre essas matérias.

Depois da morte de Kleinias, Kleómenes (Sirius) chegou a ser um dos diretores da escola e quando morreu, no ano de 454 A.C., Filaletes (Selene) e Órion tomaram seu lugar e, mais tarde, este ocupou proeminente função nesse trabalho, até sua morte, ocorrida trinta e um anos depois. Ele e sua esposa, mesmo velhos, destacaram-se grandemente por sua incansável ajuda e trabalho durante a praga que devastou Atenas em 430 A.C..

Um laço de afeto, particularmente estreito, uniu-o a seu cunhado Aldeb e também a seu irmão mais novo Mira; ambos trabalharam nobremente com ele e lhe ajudaram em seus esforços para aliviar o sofrimento dos doentes e para impedir a propagação da enfermidade. Finalmente, cheio de paz, morreu aos setenta e seis anos, em 423 A.C., terminando assim uma vida exemplarmente útil, na qual desenvolveu muitos talentos em mais de uma direção. A simples companhia de homens, como aqueles com quem atuou, foi uma grande ajuda em sua evolução. Não somente esteve junto a Péricles e Aristides mas também como Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Aristófanes e Fídias. Mas sua maior aprendizagem derivou de sua união com Kleinias e sua escola, guiada como estava pelos ensinamentos do grande mestre Pitágoras (Mercúrio).

O estudo dessa filosofia e da parte interna dos Mistérios foi o que, justamente, com o seu esplêndido poder de afeto, deram-lhe tão grande vida celeste durante 2020 anos. As principais características da vida grega foram sua vivacidade e penetração; seu amor pelo conhecimento e

pela beleza; seu poder de criar coisas formosas; o prazer da vida e do sol; tudo isso teve sua parte na produção de um meio ambiente tão excepcionalmente favorável.

<u>Personagens desta vida</u>	<u>GRÉCIA</u>
	1 521 A.C.
<u>URANO</u>	
Vesta: Sua mulher.	Rizel e Hector: Seus filhos.
<u>Algol, Albireo e Deméter: Suas filhas</u>	
<u>PARTHENOPE</u>	
Aleph: Sua mulher.	Leo: Seu filho.
<u>Calliope e Philipa: Suas filhas</u>	
<u>RIGEL</u>	
Betelgeuse: Sua mulher.	Hélios e Aquiles: Suas filhas.
<u>Canopus e Aldebaran: Seus filhos.</u>	
<u>SIRIUS</u>	
Erato: Seu irmão.	Betelgeuse: Sua irmã.
Philipa: Sua mulher.	Fomalhaut: Sua filha.
<u>Selene, Ursa, Órion e Mira: Seus filhos.</u>	
<u>ARCOR – Amigo de Sirius.</u>	
Flora: Sua mulher.	Aglaiia: Sua filha.
<u>Cameleon, Fortune e Estella: Seus filhos.</u>	
<u>ÓRION</u>	
Aquiles: Sua mulher.	Theseo, Eros e Virgo: Suas filhas.
<u>Dragon, Argus e Arturo: Seus filhos.</u>	
<u>MIRA</u>	
Psiqué: Sua mulher.	Hebe e Junon: Seus filhos.
<u>Egéria: Sua filha.</u>	

CAPÍTULO 24

Depois de um longo período sem encarnar-se, Órion reaparece como Leonardo, segundo filho de Nu, nobre veneziano cujo sobrenome era Minnucio, homem generoso e bondoso, porém um tanto devasso, orgulhoso e presunçoso. Encontrava-se muito ocupado com as intrigas e complôs em seu tempo e não lhe importava muito a religião, no entanto, era supersticioso acerca de muitas coisas. A mãe de Órion, Muni, tinha-lhe muito carinho e era muito condescendente com ele, quando, casualmente, se dava conta de que ele existia, pois dedicava a maior parte de sua vida a vestir-se, passear e agradecer-se com os diversos galanteios da cidade. E, assim, sucedeu que o pequeno Leonardo permaneceu, quase todo o tempo, aos cuidados de Gamma, velha ama do Sul da Itália, bondosa de coração, porém incrivelmente ignorante e cheia de más e assombrosas superstições. Encheu a mente do menino com histórias de cavaleiros e dragões, assim como os combates contra os infiéis em defesa da fé. Mais extravagantes eram os contos de santos e mártires da Igreja; estes, portanto, acenderam a imaginação do jovem e provavelmente, em grande parte, ocasionaram seu desejo de unir-se a uma das ordens religiosas.

Agradava-lhe ver os alegres arreios dos cavaleiros, mas, apesar de não ser covarde de maneira alguma, sempre se horrorizava ao simples pensamento de sangue e carnificinas, inseparáveis de uma carreira militar e naquele tempo o Exército e a Igreja eram as únicas carreiras abertas à nobreza. Os poderes dos bispos e da Igreja eram enormes e como sua família possuía riqueza suficiente e influência para lhe assegurar uma rápida ascensão, não se opuseram à sua escolha, especialmente porque tinha um irmão maior que podia conservar as tradições militares da família e manter sua honra no campo de batalha.

Órion era um rapaz romântico, constantemente inventava histórias em que ele mesmo era o herói. Deleitava-se intensamente com as belas pinturas das igrejas e a arquitetura da formosa cidade, e, com frequência, se sentava na Piazza, perdido na contemplação das belezas de San Marcos, ou subia até o Campanile para apreciar a vista do mar sobre as cúpulas. Atraía-lhe, particularmente, os “quatro cavalos de bronze”, mas não sabia que era porque já os havia visto antes, na realidade, havia presenciado sua fundição⁷

Era de um temperamento muito musical, possuía uma boa voz e, com frequência, acompanhava-se com guitarra. Recebeu a maior parte de sua instrução com o capelão da família, que aprovava fortemente seu desejo de tornar-se monge e lhe contava estimulantes histórias de santos e das

⁷ Veja “As Vidas de Erato” – Vida 15ª.

glórias do céu, mas também lúgubres descrições da sorte reservada aos hereges e aos inimigos da igreja.

Assim passou sua infância, rodeado de tudo o que lhe proporcionava a pródiga riqueza, porém com muito pouco de verdadeiro afeto e simpatia. Tinha um coração cheio de amor intenso, mas não encontrava sobre quem vertê-lo legitimamente, desse modo, foi natural apaixonar-se na primeira oportunidade. A jovem escolhida foi Egéria, filha de um rico comerciante vizinho, por sinal muito abaixo de seu nível social. Ela, como pretexto, recebia informações sobre assuntos religiosos do jovem que, ao que parece, não foi advertido do perigo de uma relação muito próxima, pois tinha apenas dezessete anos e ela era um ano mais nova. As relações entre eles foram mais além que a de simples amigos e, depois de algum tempo, já não se podia ocultar a condição da jovem. Houve um grande escândalo; a moça foi tratada tão duramente por seus pais que, em seu desespero, optou pelo suicídio, atirando-se ao grande canal onde apareceu afogada; Órion fugiu da cidade com toda pressa, a fim de escapar da fúria popular e se internou em um mosteiro da cidade vizinha de Pádua.

Estava cheio de remorsos pelo suicídio de sua jovem amiga, no entanto, não podia compreender que sua conduta fora tão má, como era evidente que seus superiores a julgavam; foram-lhes impostas as mais severas penitências e, por graus de princípio, custo-lhe crer no que os monges lhe disseram. O ponto de vista em que se sustentava o mosteiro Paduano era dos mais tetricos, tanto que Órion levava uma vida de austeridade e jejuns igual aos demais, nunca se sentiu contente nem satisfeito com tudo aquilo. Sempre andava em busca do que jamais encontrou; a causa, se bem que desconhecida para ele, era que em seu coração alentava uma confusa recordação de sua vida anterior na Grécia, vida cheia de prazer ao ar livre, o contrário da vida antinatural e sombria de um mosteiro medieval, demasiado duro.

Por cinco infelizes anos, suportou isso, tratando de tirar o melhor partido dessa vida e de nela encontrar o que alguns de seus companheiros pareciam encontrar; mas sempre consciente de que, no fundo de seu coração, havia algo melhor que ele e muito mais natural; depois se abandonou à melancolia e morreu de uma espécie de febre rápida, mas na realidade é porque havia perdido a vontade de viver. Esta foi uma encarnação quase negativa, apesar de lhe ensinar algo sobre o controle de si mesmo; pelo menos serviu-lhe para que pudesse viver nos tempos atuais um nascimento que lhe desse todas as oportunidades que agora tem.

A sedução e o suicídio da jovem, sem dúvida, geraram um karma indesejável, embora, desta vez, não tenha sido tanto como poderíamos pensar, porque foi resultado de ignorância e descuido e não de uma má intenção, e a maior responsável foi sua velha ama Gamma, que promoveu e ajudou nos feitos, unicamente pelo cego carinho que tinha pelo seu jovem amo, pensando que esse amor seria uma alegre e benéfica influência em sua vida, sem imaginar, no entanto, o prejuízo que poderia resultar a ele.

Personagens desta vida

VENEZA

1 597 D.C.

NU – Cavaleiro veneziano.

Muni: Sua mulher.

Órion: Seu filho.

ÓRION

Gamma: Sua velha ama.

Egéria: Sua namorada.

FIM

A teoria da reencarnação e seu estudo pela Parapsicologia moderna recebeu enorme impulso pelo pesquisador Dr. Ian Stevenson, particularmente após a publicação de seu livro, "20 Casos Suggestivos de Reencarnação". Tal teoria não encontrava dificuldades na história ocidental até o século VI D.C., nem no Oriente Médio no Judaísmo, nem mesmo entre os discípulos de Jesus. Entretanto, a situação mudou quando a doutrina da preexistência da alma do Padre Orígenes foi considerada herética, por alguns bispos convocados para o Concílio de Constantinopla II.

Por interferência humana, foi gradualmente introduzida, a partir do século VI D.C., uma doutrina estranha aos ensinamentos originais do Mestre Jesus no próprio Cristianismo.

João Batista, por exemplo, não se lembrava de sua encarnação anterior, como sendo o profeta Elias no passado, apesar da afirmação textual de Jesus: "Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos para ouvir ouça".

Platão afirmava, metaforicamente, que a alma bebia das águas do rio Lethes - o rio do esquecimento, esquecendo assim a escolha da vida atual que fizera antes de nascer.

Os personagens dramáticos desta obra, pioneira em seu gênero, receberam codinomes, porque a alma imortal, ou Ego Superior das pessoas, é o verdadeiro ator que se encarna em cada nova personalidade como se fosse um novo papel, costumando inclusive trocar de sexo ao longo de suas reencarnações.

Aqueles que constantemente aparecem neste relato como homens e mulheres, subiram aos cumes em que se erguem, pela mesma escada de vidas por onde estamos subindo agora. Passaram pelas vicissitudes da ordinária vida doméstica, com as penas e alegrias, êxitos e fracassos de que se nutre a experiência humana. Não têm sido deuses perfeitos desde ilimitadas épocas, senão homens e mulheres que puseram de manifesto seu Deus interno e, após longo e penoso caminho, galgaram a etapa super-humana. São promessa plena do que seremos no futuro. São as gloriosas flores da planta cujos botões somos.

Ricardo Lindemann

Presidente Nacional
da Sociedade Teosófica no Brasil

ISBN 85-88773-03-1



9 788588 773035